

Ana Maria Rezende Cabral

021.65

C 1140

1980

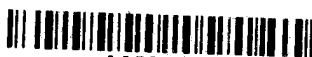
+

AÇÃO CULTURAL BIBLIOTECÁRIA

Aspectos revelados pela prática

OK/03 Emp.

U. F. M. G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



66009201

OK

04

MS

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

OK/20

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre.

Orientadora: Ana Maria Cardoso de Andrade

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE

1989

À Therezinha

mãe querida,

que com sua fortaleza e exemplo de  
vida me deu força e apoio  
espiritual, dedico este trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Ao Felipe, companheiro e amigo de todas as horas, que na compreensão e no amor, me deu incentivo e estímulo nos momentos de desânimo.

À Ana Maria Cardoso de Andrade, que em sua amizade e dedicação me orientou neste trabalho com segurança e críticas pertinentes.

Aos colegas da Escola de Biblioteconomia da UFMG, que me deram aquele "empurrãozinho" necessário, sem o qual esta dissertação não estaria concluída.

Em especial, agradeço à Lucy, Cecília, Jeannette, Vera, Suzy, Isis, Anna da Soledade, Vilma e Mônica, por seu interesse e colaboração.

À Maria Helena, pela atenção dispensada e auxílio na normalização deste trabalho.

Aos colegas do CENEX/EB e bibliotecários que participaram dos projetos aqui relatados, pela rica troca de experiências.

À Helenice, sempre pronta às minhas solicitações urgentes.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	01
1.1	<u>Objetivos</u> .....	04
1.2	<u>Problema</u> .....	05
1.3	<u>Metodologia</u> .....	06
2	PENSANDO SOBRE O PROBLEMA.....	11
3	A VIVÊNCIA DA AÇÃO CULTURAL.....	37
3.1	<u>Carro-biblioteca</u> .....	37
3.2	<u>Biblioteca Popular de Aarão Reis</u> .....	68
3.3	<u>Projeto Museu Fluvial do Rio São Francisco</u> .....	102
4	UMA PERSPECTIVA ANALÍTICA.....	139
5	CONCLUSÕES.....	156
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	161

BIBLIOTECA "PROF.<sup>a</sup> ETELVINA LIMA"  
Escola de Biblioteconomia da UFMG

SIGLAS

AI-5 - Ato Institucional nº 5  
AMABEL - Movimento de Moradores de Aluguel  
CEB - Comunidades Eclesiais de Base  
CENEX/EB - Centro de Extensão da Escola de Biblioteconomia  
CHESF - Companhia Hidrelétrica do São Francisco  
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
CPC - Centro Popular de Cultura  
EB/UFMG - Escola de Biblioteconomia da UFMG  
FRANAVE - Companhia de Navegação do São Francisco  
GRUCON - Grupo de Consciência Negra  
INL - Instituto Nacional do Livro  
INPS - Instituto Nacional de Previdência Social  
MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização  
ONU - Organização das Nações Unidas  
PLAMBEL - Planejamento da Região Metropolitana de Belo Horizonte  
RMBH - Região Metropolitana de Belo Horizonte  
SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência  
SEC/MG - Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais  
SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial  
SEPLAN - Secretaria de Planejamento do Estado de Minas Gerais  
SESC - Serviço Social do Comércio  
SOCUPS - Sociedade Comunitária Unidos para Servir  
SUM - Superintendência de Museus  
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais  
UNE - União Nacional dos Estudantes

## RESUMO

O estudo refere-se ao relato de três experiências em trabalho de ação cultural bibliotecária desenvolvidos em diferentes contextos e tempos de duração. Cada experiência é objeto de uma descrição detalhada, utilizando-se o método do Estudo de Caso. Procurou-se caracterizar o espaço e a prática da ação cultural bibliotecária, e identificar os fatores que interferem nesta prática. Foram analisados aspectos do contexto em que se desenvolve a ação cultural bibliotecária e da dinâmica do processo em si, além dos fatores políticos envolvidos. Destacou-se o papel da biblioteca como centro cultural e do bibliotecário como agente cultural. A partir de uma análise comparativa dos três casos relatados são feitas considerações a respeito dos requisitos necessários ao profissional para atuar como agente cultural bibliotecário. Sugerem-se alguns itens que devem ser acrescentados à formação do bibliotecário para um melhor desempenho na ação cultural.

## ABSTRACT

This study relates to three experiences in library cultural action developed in different contexts and with different periods of time. Each experience is described in detail using the Case Study method. This work aimed characterizing the space where cultural action takes place, related to the library cultural action praxis and identifying factors which interfere in this praxis. Aspects were analyzed which refer to the context where library cultural action is developed, to the dynamics of the process itself, and to political factors involved. The role of libraries as cultural centers and that of librarians as cultural agents were emphasized. Taking a comparative analysis of the three mentioned cases as a starting point, some considerations were made for professionals to work as library cultural agents. Suggestions were made for the education of librarians towards qualifying them for a better performance in cultural action.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se refere ao relato e análise de três experiências práticas na área de ação cultural bibliotecária, das quais participamos como coordenadora e "agente cultural". Estas experiências se deram no período de 1985 a 1987 em diferentes contextos, variando também o tempo de duração de cada projeto, a saber:

- a) PROJETO CARRO-BIBLIOTECA NO FESTIVAL DE INVERNO DA UFMG (1986 e 1987) São João del Rei - Minas Gerais
- b) PROJETO DA BIBLIOTECA POPULAR DO CENTRO SOCIAL FREI JOSÉ RENATO - Bairro Aarão Reis - Belo Horizonte (1985-1987)
- c) PROJETO MUSEU FLUVIAL DO RIO SÃO FRANCISCO (1987) Vale do Rio São Francisco - Minas Gerais

A ação cultural bibliotecária é prática recente no Brasil, havendo poucas experiências já vivenciadas e registradas na literatura biblioteconômica, sendo que, mesmo a nível de discussão, em poucos encontros e/ou congressos foi levantado o assunto. Este quadro demonstra que é uma atividade ainda incipiente na Biblioteconomia, em fase exploratória e de experimentação, e que tem despertado pouco interesse entre os bibliotecários. Pela observação pode-se constatar que poucos são os profissionais que se dispuseram a atuar no campo da ação cultural bibliotecária, supondo-se que seja por falta de entendimento ou conhecimento de suas possibilidades ou por sentirem-se despreparados e inseguros para assumir este tipo de trabalho. Toda atividade nova, "de ponta" em determinada área, causa receio nos profissionais de investir no incerto, questionar o estabelecido. [Além disto, a ação cultural é prática em sua



essência interdisciplinar, e os bibliotecários, assim como demais profissionais, não estão preparados para esse tipo de trabalho, talvez pelas restrições impostas pelo próprio sistema social e econômico vigentes no país, que bloqueia as iniciativas de busca desta integração entre técnicos de diferentes áreas.

No Brasil, desde a década de 40 Mário de Andrade já falava de uma arte-ação, que deveria promover a consciência da função histórica do brasileiro e servir de instrumento de mudança estética e social. Segundo COELHO NETO,

"A expressão que ele (Mario de Andrade) propôs não vingou, o que foi uma pena, mas o desejo de fazer da arte e da cultura, instrumentos deliberados de mudança do homem e do mundo permaneceu - sob novo rótulo de "ação cultural"". (22:8)

Nesta sua função, a ação cultural tem uma dimensão política e está revestida de um caráter transformador, que visa operar mudanças na realidade. Ao fazer uma opção pessoal pela ação cultural, o bibliotecário está assumindo um posicionamento político, um compromisso que só existe no engajamento e que "... não pode ser um ato passivo, mas praxis-ação e reflexão sobre a realidade". (38:40)

Nas três experiências que descrevemos neste trabalho, a proposta ~~dos bibliotecários~~ como "agentes culturais" foi de dar início a um processo de ação cultural emancipatória, de conteúdo ideológico, que propiciasse a emergência das manifestações culturais das comunidades, pois como assinala o teórico francês da ação cultural Francis Jeanson, citado por COELHO NETO,

"... um processo de ação cultural resume-se na criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas inventem seus próprios fins e se tornem assim, sujeitos - sujeitos da cultura, não seus objetos". (22:14)

Nossa prática revelou que o bibliotecário, ao se engajar num trabalho de ação cultural deve adquirir, se possível, alguma experiência e habilidade na convivência com grupos comunitários e adotar uma postura flexível e democrática, sem impor idéias ou opiniões, mas contribuindo às discussões conduzidas pelas camadas populares, dentro de sua lógica. COSTA afirma que para nós, agentes, trata-se de participar,

"... apresentando nossos ponto de vista, nossas indagações, nossos questionamentos, nossas informações, nossas sugestões, mas sempre de modo a não levarmos a discussão para o universo do nosso conhecimento e da nossa forma de pensar". (25:24-25)

Na ação cultural, os agentes culturais devem desenvolver um trabalho diretamente e em conjunto com os grupos, numa relação dialógica - penetrar no universo do saber popular e dialogar com ele, trocando experiências.

Para atuar como "agente cultural" o bibliotecário deve desenvolver um razoável nível de integração com os grupos populares ou poderá ser rejeitado e por tudo a perder, pois a confiança e aceitação recíprocas são indispensáveis para o sucesso do trabalho.

A ação cultural requer, ainda, bibliotecários com mentalidade inovadora e criativa, abertos a reformulações e/ou

adaptações de antigas práticas, e dispostos a constantemente buscar e testar metodologias alternativas que possam adequar-se às peculiaridades e especificidades de cada contexto, de modo a alcançar os objetivos propostos.

A motivação para este trabalho de pesquisa surgiu de uma tendência pessoal em desenvolver uma prática profissional voltada para as camadas menos favorecidas da população. Também, devido a um grande interesse pelo tema e o envolvimento em outros projetos nesta linha dos quais participamos sempre tentando procurar uma renovação das práticas tradicionais e apontar para possíveis alternativas. Além disto, por ser a ação cultural bibliotecária um campo ainda novo, praticamente desconhecido e inexplorado, esperamos com este trabalho contribuir para uma discussão mais ampla do assunto em seus aspectos conceituais e operacionais. Dentro desta perspectiva, e como o interesse de ressaltar a importância do bibliotecário atuar neste novo campo que se abre à biblioteconomia, foram estabelecidos os objetivos desta dissertação, como se segue:

### 1.1 Objetivos

- a) Conceituar a ação cultural bibliotecária;
- b) Caracterizar o espaço e a prática da ação cultural bibliotecária;
- c) Identificar os fatores que interferem nesta prática;
- d) Relacionar algumas características e requisitos considerados necessários ao profissional que se propõe à prática da ação cultural bibliotecária tomando como referência as experiências vivenciadas.

## 1.2 Problema

O presente trabalho de pesquisa teve como objeto de estudo a ação cultural bibliotecária em seus aspectos revelados pela prática, a partir da análise de três experiências realizadas em diferentes contextos e condições políticas, sociais e culturais.

A partir desta análise procura-se conceituar a ação cultural bibliotecária e definir o papel do profissional bibliotecário como "agente cultural" junto às comunidades.

Outros pontos são objeto de análise, como aqueles considerados fatores intervenientes na prática da ação cultural bibliotecária, tais como:

- o nível de relacionamento dos agentes culturais bibliotecários/comunidade;
- receptividade e aceitação do bibliotecário como "agente cultural";
- as influências do contexto em que se desenvolve a ação cultural bibliotecária;
- a dinâmica do processo de ação cultural;
- os aspectos políticos envolvidos na prática da ação cultural bibliotecária;
- as exigências requeridas do profissional bibliotecário enquanto "agente cultural";
- os recursos disponíveis para viabilizar as ações;
- o uso de métodos e técnicas diferenciadas e de metodologias alternativas, mais adequadas e/ou adaptadas às especificidades de cada grupo.

Todos estes aspectos são analisados com base num referencial teórico que possibilita a reflexão sobre a prática da ação

cultural bibliotecária, buscando-se a ordenação e sistematização dos dados a ela referentes, de forma que possam gerar hipóteses para pesquisas e/ou experimentos futuros.

### 1.3 Metodologia

A atividade científica provém da necessidade humana de conhecer e dominar cada vez mais o universo, buscando explicações para os fenômenos da natureza e os fenômenos sociais.

Para isto os cientistas se utilizam de métodos que são desenvolvidos, experimentados e aperfeiçoados ao longo dos tempos, procurando adequá-los às especificidades de seu objeto de estudo.

As diversas metodologias existentes devem ser selecionadas de acordo com a finalidade do pesquisador e do problema a ser investigado. Cada área específica utiliza, portanto, metodologias apropriadas ao seu campo, visto que os resultados buscados são de ordem totalmente diferente.

As Ciências Sociais e Humanas se utilizam de métodos que levam a resultados e conclusões referentes ao homem como indivíduo e ser social, buscando explicar aspectos comportamentais, de relações interpessoais, de atitudes, de necessidades, desejos, emoções, etc.

Para a realização de estudos e pesquisas na área de biblioteconomia, os bibliotecários vêm se utilizando de métodos e técnicas das Ciências Sociais por serem os que melhor se adaptam ao seu campo de investigação, como o questionário, a entrevista, a observação direta e, mais recentemente, a pesquisa participante, o estudo de caso, a discussão de grupo, a história de vida, etc. Uma análise retrospectiva da literatura biblioteconômica, poderá certamente indicar a preferência dos pesquisadores da área pelos métodos quantitativos disponíveis. No entanto, no Brasil, como fruto da instalação dos cursos de mestrado em Biblioteconomia, quando a pesquisa ganha maior impulso, começou-se a questionar este enfoque positivista predominante. A partir de então, a tendência se desloca em favor da adoção de métodos qualitativos, que forneçam dados mais próximos e fiéis à realidade em que se vai atuar.

Como a intenção do presente trabalho foi a de descrever três experiências de ação cultural bibliotecária e analisar os fatores que interferem nesta prática, foi escolhida a metodologia do ESTUDO DE CASO, por se adequar melhor às nossas finalidades e aos objetivos pretendidos. O ESTUDO DE CASO é o registro de uma experiência real que utiliza a descrição de situações específicas com a finalidade de se obter uma compreensão completa do fenômeno, ou seja, uma imagem do caso estudado enquanto totalidade integrada. Além de dar grande liberdade de movimento ao investigador, permitindo se mover para trás no tempo e reconstituir o processo de desenvolvimento do fenômeno, o ESTUDO

DE CASO possibilita a obtenção de dados ricos e variados cobrindo uma gama ampla de aspectos. Devido ao volume de informações, o número de casos em observação deve ser limitado para se ter maior profundidade e a análise requer do pesquisador capacidade de síntese e integração. O ESTUDO DE CASO é extremamente valioso como método exploratório, quando o investigador está tentando adquirir uma compreensão completa em áreas relativamente inexploradas, onde falta informação prévia suficiente, pois permite percepções mais profundas do fenômeno. (46) Seu maior uso, a princípio, se deu nas áreas de Medicina e Direito, onde encontrou grande aceitação, tendo se expandido e sendo largamente adotado em outras áreas como a de Administração, Psicologia, Biblioteconomia, etc.

O ESTUDO DE CASO serviu aos nossos propósitos, especialmente por sua característica de ser descritivo, o que permitiu relatar separadamente cada experiência. Facilitou, desta forma, a análise comparativa em que se pretende evidenciar elementos importantes da ação cultural. Na opção pelo método considerou-se, também, a possibilidade de sua utilização para fins didáticos, tendo em vista a desejada e necessária integração ensino/pesquisa na Universidade.

Segundo LAWRENCE, citado por LEENDERS

"Um bom caso é o veículo pelo qual um pedaço da realidade é trazido para a sala de aula, para ser trabalhado pela classe e pelo instrutor". (49:17)

Portanto, o caso em geral, pode ser objeto de uma análise cuidadosa, debate livre e decisão final pelos alunos quanto ao tipo de ação a ser empreendida, dando-lhes oportunidade de resolverem situações reais, cometer enganos, aprender com os erros.

A literatura brasileira da área de Administração de Bibliotecas não oferece praticamente nada em termos de casos compilados e sistematizados, tendo os professores que recorrer à literatura estrangeira que, na maioria das vezes, não se aplica à realidade de nossas bibliotecas. Como atualmente a grande preocupação em nossa área é formar profissionais competentes para atuar como gerentes de bibliotecas/serviços de informação, esperamos que este trabalho possa suprir esta lacuna e fornecer subsídios ao ensino. Além disto, que possa contribuir para o aprimoramento de decisões a serem tomadas por bibliotecários, pois sabe-se que experiências anteriores são importante fator a considerar no processo decisório.

Nos relatos que compõem este trabalho procuramos ser o mais fiel possível à prática vivenciada, descrevendo em detalhes todos os três casos. Inclusive optamos em alguns trechos por um estilo de redação bastante informal e coloquial, que refletisse o nível das relações interpessoais entre os "agentes culturais" e as comunidades (aliás, consequência do próprio método usado).

Quanto à metodologia utilizada nos projetos de ação cultural bibliotecária propriamente ditos, encontra-se descrita no corpo



de cada relato e segue basicamente em todos os três casos, a linha da pesquisa participante, com o envolvimento e colaboração dos pesquisados. A preferência por este método deveu-se à sua melhor adequação de uso junto às comunidades enfocadas, de forma a buscar sua participação na análise de sua própria realidade.

## 2 PENSANDO SOBRE O PROBLEMA

O direito à informação está expresso na "Declaração Universal dos Direitos do Homem" aprovada em dezembro de 48 por todos os países membros da ONU, e garantido pelas constituições brasileiras tornando-se, desde então, uma questão de cidadania - a informação foi considerada um bem comum e bem cultural a que todos os cidadãos devem ter livre acesso.

A biblioteca é a instituição que tem por objetivo democratizar a informação e a cultura, de forma a promover o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade. Para que possa cumprir esta sua função social a biblioteca precisa, além de conhecer a realidade em que vai atuar, examinar suas potencialidades para desenvolver estruturas adequadas que propiciem a emergência cultural da comunidade a que vai servir.

A democratização da cultura e da informação numa sociedade de classes, com suas contradições, conflitos e sistema de forças só será viável se for assegurada por uma democratização também na esfera econômica e política, quando se instalar uma democracia participativa em que os cidadãos possam tomar parte ativamente nas decisões a nível nacional. E a informação é o ingrediente básico e fundamental neste processo, dando condições para que os indivíduos possam optar e fazer suas escolhas conscientemente.

Segundo BORDENAVE,

"A qualidade da participação fundamenta-se na informação veraz e oportuna. Isto implica num contínuo processo de criação de conhecimento pelo grupo, tanto sobre si mesmo como sobre seu ambiente, processo que requer a abertura de canais informativos confiáveis e desobstruídos". (4:50)

A liberdade de informação e expressão é característica das sociedades democráticas e, ao longo da história de nosso país, verifica-se que somente os governos deste estilo tiveram políticas favoráveis ao incentivo às pesquisas, a uma imprensa livre e crítica, à valorização da cultura popular e à criação de instituições culturais como teatros, cinemas, bibliotecas, centros de cultura, etc.

As relações Estado X Cultura são de grande complexidade, coexistindo tanto políticas culturais que dão incentivo à criação e elaboração cultural, como aquelas que tolhem o fazer cultural com proibições e cerceamentos e, ainda outras, que autoritariamente querem impor e direcionar o processo cultural. Pois, como observa FADUL, "O Estado é o centro da vida econômica, como também social e cultural, explica assim sua hegemonia no delineamento das atividades culturais". (30:1)

No Brasil, desde a República os intelectuais já se rebelavam contra o colonialismo cultural, e alguns escritores como Euclides da Cunha e Monteiro Lobato usaram a literatura como forma de denúncia de nossas condições econômicas, políticas, sociais e culturais. Depois do importante movimento político-cultural que foi a Semana de Arte Moderna em 1922, cujo nome de destaque foi

Mário de Andrade, este continuou na luta por uma democratização cultural. Nos anos 30, quando foi convidado a dirigir o Departamento de Cultura do Estado de São Paulo, Mário apresentou uma proposta cultural avançada e criou a biblioteca que até hoje leva seu nome. Seu objetivo primordial era aproximar a "cultura erudita" da "cultura popular", mas com a instalação da ditadura no Governo Vargas, todas estas iniciativas foram cortadas. (31:53-54)

Na década de 50 o Brasil estava no auge de um processo de industrialização, em que o governo facilitava a entrada do capital estrangeiro, tendo-se passado da produção de bens de consumo para ramos mais modernos, como automóveis, eletrodomésticos, etc. Acontece que a transição de uma fase agroexportadora para uma industrialização internacionalizada foi bastante abrupta e, sendo este um processo fundamentalmente urbano, provocou migrações internas, trazendo grande número de pessoas do campo para a cidade. Como o país não estava preparado para a implantação deste novo modelo, houve um desequilíbrio interno da economia seguido de elevada inflação. As indústrias não absorveram todo o contingente de mão-de-obra, fazendo crescer o setor terciário (de serviços). Com isto, uma grande massa de trabalhadores passou a ocupar as áreas periféricas dos grandes centros industriais, dando origem a favelas, cortiços e provocando invasões, loteamentos clandestinos, etc. A cidade se tornou caótica e a qualidade de vida da classe trabalhadora foi se deteriorando dia-a-dia levando a crescentes dificuldades de sobrevivência devido aos baixos salários.

As tensões da crise econômica refletiam no plano político e o clima de liberdades democráticas propiciou a emergência de um movimento popular envolvendo diversos setores, inclusive o do capital nacional que tinha receio do capital internacional.

Os movimentos de bairro, embora anteriores a esta década, tiveram grande impulso no período, mas com um caráter populista. As Sociedades de Amigos de Bairro em São Paulo, na sua maioria eram cooptadas por políticos que as apoiavam e davam força em troca de ganhar votos nas eleições. Somente com o passar dos anos o nível de conscientização da população foi crescendo e as massas despertaram para o fato de que estavam sendo manipuladas por sindicalistas, pelegos e políticos, partindo então para uma maior organização popular.

As pressões reivindicativas se intensificam a partir de 1963 no governo João Goulart, quando também as camadas médias da sociedade se mobilizam, buscando uma maior participação política. Enquanto na Universidade os intelectuais debatiam questões como a democratização da cultura e a afirmação de uma identidade cultural, um movimento estudantil bastante fortalecido denunciava o imperialismo e cobrava uma redefinição do papel da Universidade na sociedade e seu envolvimento efetivo no processo político mais global.

Vale ressaltar que enquanto toda esta agitação política e cultural acontecia, nossas bibliotecas ficaram à parte do

processo, como se nada daquilo que estava ocorrendo, toda aquela movimentação, não lhes dissesse respeito. Como se ela fosse uma entidade a-histórica, neutra, imune aos acontecimentos que ocorriam à sua volta. A grande responsabilidade deste distanciamento das bibliotecas da sociedade, pode ser atribuída em grande parcela aos bibliotecários. Talvez seja esta a razão pela qual os profissionais da biblioteconomia tenham adquirido ao longo dos anos uma imagem não muito positiva de pessoas alienadas, apáticas, passivas, acomodadas. E, assim sendo nunca se notou por parte deles grande preocupação em repensar ou adaptar o modelo de biblioteca importado dos Estados Unidos e Europa às nossas condições específicas de país subdesenvolvido.

Em artigo onde analisa a trajetória da biblioteca pública no Brasil, RABELLO comprova as contradições de seu papel na sociedade, observando que apesar de seu objetivo igualitário de ampliar o acesso à informação a todas as camadas da sociedade,

"...A biblioteca pública se ligou, ideologicamente, aos que tradicionalmente detinham o poder econômico e constituíam a minoria de nossa população opondo-se aos novos tempos de igualdade e democracia". (66:25)

Desta forma, a biblioteca passou para a opinião pública uma imagem de instituição de caráter elitista, que servia apenas aos letrados. Por sua própria localização em geral em pontos nobres, sua arquitetura imponente e a composição de seus acervos, a biblioteca pública praticamente condicionava o afastamento das camadas populares. Assim, durante longo período, desempenhou tão somente o papel de guardiã e depositária da cultura erudita,

preocupada apenas em preservar a "herança cultural" da humanidade, sem inserir-se no contexto histórico. Podemos mesmo dizer que as bibliotecas pararam no tempo, enquanto importantes mudanças ocorriam a nível societário.

Numa análise das práticas culturais no período que vai do golpe militar de 1964 à eleição do Presidente Tancredo Neves em 1985, FADUL (30) nos revela as diversas facetas e tendências das políticas para a cultura, a comunicação e a educação. Estas vão desde a criação de órgãos de fiscalização para controlar o conteúdo veiculado pelos meios de comunicação de massa e as mensagens de peças teatrais, filmes e músicas, a gradativas concessões à censura no período de "abertura" política, passando por um discurso que proclama uma pretensa liberdade de informação escamoteada pelos ideais da Segurança Nacional, que proíbe toda e qualquer informação crítica e de interesse para a nação.

Sendo a biblioteca uma agência cultural, sempre sofreu os reflexos das políticas culturais do governo, tanto que na ditadura as bibliotecas brasileiras foram atingidas pela censura, que "cassou" de suas estantes obras consideradas subversivas. Além disto, o governo cortou substancialmente recursos financeiros e humanos destinados às bibliotecas.

Apesar de todo este esforço de controle da ditadura, que culminou na decretação do AI-5 (Ato Institucional nº 5) em dezembro de 1968, ato de repressão sobre os intelectuais, artistas e

profissionais da comunicação, surgiram vários movimentos de resistência ao regime e de luta pela redemocratização do país. Aproveitando as brechas abertas e as arrombadas, uma cultura de resistência se manifesta através da imprensa alternativa, do cinema, do teatro, da música popular e até da televisão. Vários grupos de teatro popular surgiram na periferia das grandes cidades, em que os jovens se incorporavam ao movimento político e cultural para intervir no processo histórico. Um projeto importante nos anos 60 foi a criação do CPC - Centro Popular de Cultura, iniciativa do dramaturgo Oduvaldo Viana Filho, o Vianinha, com o apoio da UNE - União Nacional dos Estudantes. A proposta destes intelectuais se desenvolveu através do CPC - Volante (que se apresentava em sindicatos, associações de bairro e cidades do interior), na produção de um filme, peças de teatro, shows, discos e na edição de livros de bolso a preços populares. (31)

Nos anos 60 surgiram também os movimentos de alfabetização, cultura popular e educação popular, como forma de reação a um sistema educacional voltado para as elites dominantes. Dentre estes movimentos cabe destacar, por sua importância, o método Paulo Freire, cujo projeto de educação para a libertação considerava os educandos como sujeitos e não objetos do processo educativo. Era uma proposta pedagógica que visava a transformação radical revolucionária da sociedade de classes, através do desenvolvimento de uma consciência crítica dos oprimidos enquanto classe dominada em relação de dependência com a classe dominante. Por parte da Igreja uma iniciativa importante foi o MEB - Movimento de Educação de Base, que defendia também uma educação



voltada para a conscientização e as transformações sociais. (44)

Estes movimentos contavam com o apoio tanto do Governo, como da Igreja e da esquerda marxista. Alguns deles propunham a criação de espaços culturais, entre estes "... bibliotecas nos bairros, as quais deveriam funcionar não como 'meras salas de consultas' mas como centros de interesse vital..." (44:47) O Movimento de Cultura Popular propunha construir Praças de Cultura com auditórios para teatro, parques infantis, bibliotecas, cine-clubes, etc. e trabalhar junto com os movimentos populares.

Na "Campanha de Pé no Chão também se Aprende a Ler" (Natal, 1961) foram utilizadas caixas-estantes que faziam um rodizio para empréstimo de livros nas salas de leitura dos acampamentos escolares (44:87)

Apesar de todas essas propostas inovadoras em termos de novas práticas educativas que visavam às mudanças sociais a partir da conscientização do povo sobre sua realidade, a biblioteca brasileira parece que continuou fechada dentro de suas quatro paredes, insensível aos apelos da sociedade, perdendo mais uma vez a oportunidade de se aproximar das camadas populares. Nossos bibliotecários, provavelmente preocupados com suas tarefas rotineiras, não conseguiram atingir um certo nível de crítica e de consciência da realidade social, que os levasse a enxergar e definir qual deveria ser o seu posicionamento dentro deste contexto sócio-cultural.

Também o Estado teve sua participação em programas de educação de adultos investindo recursos significativos na área, mas sempre com propostas bastante conservadoras e com um caráter despolitizado, como o Projeto Minerva, o MOBREAL, etc. Muitos intelectuais foram contra a atuação do Estado nas formas de educação popular, acusando-a de prejudicial. No entanto, vários deles reformularam mais tarde suas posições, e WANDERLEI (71:65) coloca que a questão deve ser pensada em termos de se garantir o ensino público e universalizante, que foi conquista da sociedade civil, e ver-se a possibilidade de controlar efetivamente o Estado e utilizar a educação de acordo com os interesses das classes populares.

Na década de 70, o governo elaborou uma Política Nacional de Cultura que em seu texto valorizava a cultura nacional e as manifestações culturais. Porém, na prática, este foi um período de autoritarismo e repressão no Brasil, sendo a época em que o Estado tomou as rédeas da cultura e interferiu declaradamente tanto na produção cultural como em sua divulgação, atingindo níveis intoleráveis e inaceitáveis, como ressalta FEIJÓ:

"A cultura chegou a ser transformada num caso de polícia. Isto é: até o que as pessoas podiam ver, ouvir ou ler foi entregue ao DPF (Departamento de Polícia Federal)." (31:68)

Para os cientistas, a SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da ciência era o foro de debates e discussões, e neste momento político-cultural, intelectuais de todas as áreas assim se manifestaram:

"...sem democracia não há ciência, não há arte, não há pensamento, não há cultura". (31:70)

Um importante acontecimento de caráter cultural desta mesma década e que atingiu praticamente todos os países, chegando também ao Brasil, foi o da "contracultura". Através de vários canais, entre eles o "rock and roll", os jovens ligados em geral a movimentos pacifistas, ecológicos e das "minorias" (negros, mulheres, índios, homossexuais, etc) protestaram contra a cultura dominante, imperialista, burocrática, manipuladora e alienante. (31)

Foi também nesta década que se expandiram e se fortaleceram os chamados "movimentos sociais" ou "movimentos populares urbanos", que congregam associações de bairros, comissões de fábricas, movimentos culturais, clubes de mães e jovens, etc.

A partir do golpe militar de 64 houve uma crise de participação política, fechando-se os canais tradicionais de comunicação como partidos, sindicatos, associações de classe, órgãos de representação, etc. Este fato propiciou a emergência de novas formas de organização e mobilização de vários grupos de base, dando origem a estes movimentos, e é a partir deles que a classe trabalhadora toma consciência das contradições de sua situação e se mobiliza para formular suas reivindicações por melhorias.

De acordo com BRANT,

"...No contexto político em que surgiram, os novos movimentos sociais só poderiam atuar abertamente ao contar com a proteção de alguma instituição reconhecida ou com um apoio considerável e ostensivo na opinião pública". (9:14)

Neste aspecto teve importante papel a ala progressista da Igreja Católica que através da criação das Comunidades Eclesiais de Base, abriu um espaço para que as camadas populares pudessem discutir seus problemas e se organizar na luta por mudanças estruturais da sociedade e a consolidação de uma nova ordem democrática.

Considerados como uma forma de resistência das camadas populares às condições de exploração a que estão submetidas no sistema capitalista de produção, os movimentos populares urbanos seguiram basicamente dois tipos de lutas:

- a) lutas de caráter mais geral, que surgem das camadas médias da população, como o movimento de negros, de mulheres, ecológico, etc.
- b) lutas específicas, que emergem das camadas populares, como saúde, educação, transportes, creches, etc. (45)

Por todas as partes do país proliferaram as associações de bairro, CEB's, clubes de mães, grupos de jovens e de minorias, etc. No entanto, as formas e níveis de organização destes movimentos variaram bastante ao longo do tempo, e observa-se que a maioria deles teve uma vida efêmera - em geral aqueles que se mobilizam para obter reivindicações específicas, como água, luz, esgoto, telefones, etc., morrem logo após obtidas as conquistas.

A educação popular é decorrência natural dos movimentos sociais e se realiza especialmente no bojo destes movimentos, sendo

"...aquela que é produzida pelas classes populares ou para as classes populares, em função de seus interesses de classe". (71:63)

Os programas de educação popular foram e continuam sendo os instrumentos para conscientizar e mobilizar o povo no sentido de obter mudanças estruturais na sociedade. É a educação popular que pode levar à construção de um regime democrático, pelo fortalecimento do poder popular. Sua base é a participação, considerada como um aprendizado democrático, o exercício da cidadania, através do qual se consegue a superação dos governos autoritários.

No artigo de JARA, sobre a experiência de educação popular no contexto da Revolução Popular Sandinista, o autor assinala que a educação popular exige uma nova concepção global do processo educativo, e que ela não deve ser analisada como uma atividade de especialistas, mas

"...uma atividade natural das próprias massas, como uma atividade inerente ao processo de consolidação do poder popular, como uma tarefa revolucionária, democrática, na qual o povo educa o povo". (48:12)

Os "agentes externos" são importantes elementos de colaboração para que este seja um processo ativo, dinâmico e participativo. Em geral são intelectuais da classe média que trabalham diretamente e em conjunto com os grupos populares,

pertencentes a instituições públicas ou privadas. Ao optar por um trabalho voltado para a transformação das estruturas sociais e em favor das classes dominadas, o agente externo está adotando um posicionamento político, visto que poderia trabalhar para manter o "status quo". Sendo a educação popular uma prática ligada fundamentalmente à produção de conhecimento, existe o perigo do agente externo exercer algum tipo de poder junto aos grupos, já que dispõe de um conhecimento tido como verdadeiro, podendo conduzir discussões que não atendam aos interesses destes. Mas, ao contrário, entende-se que as classes populares é que devem definir os assuntos prioritários a serem discutidos a partir de sua realidade concreta, devendo os agentes apenas participar e dar sua parcela de contribuição, sem dirigi-las. Deste modo, elas é que irão formular suas teorias a partir de sua experiência de vida e de luta, num processo onde teoria e prática são indissociáveis, tratando-se de a partir da prática, teorizar sobre ela e voltar novamente à prática - a verdadeira pedagogia da PRAXIS: "... reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo". (38:40) O papel do agente externo deve ficar muito bem definido, e a relação educador/educando deve ser de franco diálogo, permitindo que ambos sejam sujeitos do processo educativo.

As bibliotecas quase nunca aparecem como demanda nos movimentos sociais urbanos, devido a várias outras necessidades básicas das populações serem prioritárias. No entanto, paralelamente ao fortalecimento e expansão destes movimentos,

cresce a conscientização da necessidade e importância da informação pelas comunidades, seja para fins de estudo, lazer ou para fazer avançar suas lutas, surgindo a demanda pela criação de bibliotecas.

Os bibliotecários, até então indiferentes à questão do atendimento às classes menos favorecidas da população, alertam para este fato no final da década de 70, época em que começam a discutir as bibliotecas populares e a vislumbrar nelas uma possível alternativa aos serviços oferecidos pela biblioteca pública, que até então vinha privilegiando as classes média e alta da sociedade. Nestas discussões, os profissionais concluem pela necessidade de se adotar uma prática totalmente diferente da tradicional, que se coadunasse com a nova concepção de biblioteca proposta, e fosse pensada a partir de seus objetivos, assim como dos serviços e atividades a serem oferecidos.

Em palestra apresentada no XI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em João Pessoa em 1982, Paulo Freire fala aos bibliotecários sobre a relevância da biblioteca popular com relação aos programas de alfabetização, educação e cultura popular, desde que concebida numa perspectiva crítica. E propõe uma biblioteca popular que funcione como verdadeiro centro cultural da comunidade, estimulando a leitura e as manifestações da cultura popular. (34)

No mesmo Congresso a Prof<sup>ã</sup> Etelvina Lima, baseada na filosofia do Método Paulo Freire, define as bibliotecas populares como aquelas voltadas para as pessoas menos privilegiadas das cidades e das áreas rurais, ou seja,

"... as bibliotecas do oprimido - instituições nas quais a prática educativa levasse os leitores/educandos à busca de conhecimentos e instrumentos que aumentassem seu poder de intervenção sobre a realidade". (50:138)

Ficou claro, à época, que ambas as propostas apontavam na direção de uma "outra" biblioteca de cara e roupa nova, que não tinha absolutamente nada a ver com as que já existiam por aí. Naturalmente que assumir uma proposta de trabalho desta natureza, na linha de uma ação cultural libertadora é uma opção política do bibliotecário, pressupondo uma redefinição de seu papel como profissional e um repensar de sua prática e dos métodos que até então vinha utilizando.

Mas o que seria esta ação cultural através da biblioteca? Como deveria atuar este novo bibliotecário e o que se esperava dele? Qual abordagem de cultura deveria ser adotada como a mais apropriada para esta nova prática? Estas discussões começam a "esquentar" entre os profissionais especialmente a partir de artigo publicado por Victor Flusser que faz reflexões acerca de uma "biblioteca ação-cultural" (39:147). Suas colocações foram muito importantes porque motivaram os bibliotecários a pensar sobre o assunto e a buscar novas formas de atuação, outras maneiras a agir.



Do nosso ponto de vista, a prática da ação cultural bibliotecária deve ~~se~~ <sup>se</sup> nortear a partir de uma definição de cultura, que tomada como referencial irá progressivamente delineando as formas do profissional conduzir o seu trabalho e os públicos que quer atingir com sua ação.

Em se tratando especificamente das experiências relatadas neste nosso trabalho de pesquisa, por serem projetos desenvolvidos dentro de movimentos mais amplos de educação popular e cultura popular, foi adotada uma definição que consideramos também mais ampla, baseada na concepção sociológica e antropológica da cultura:

"O homem estando no mundo estabelece relação com a natureza, compreende-a e desenvolve um trabalho de transformação desse mundo. É nesse sentido que ele cria um outro mundo, o mundo da cultura, do qual, pela sua situação de criador, ele é sujeito. E é como sujeito que ele deve participar do mundo da cultura e da natureza..."(18:83)

"Cultura é tudo o que o homem acrescenta à natureza; tudo o que não está inscrito no determinismo da natureza e que aí é incluído pela ação humana. Distingue-se na cultura os seus produtos: instrumentos, linguagem, ciência, a vida em sociedade; e os modos de agir e pensar comuns a uma determinada sociedade, que tornam possível a essa sociedade a criação da cultura" (51:78)

Este conceito encerra a idéia chave de que "o homem é um ser de relações" (36:30) e que a cultura implica necessariamente em COMUNICAÇÃO, pois esta é que lhe dá vida. O homem só está fazendo cultura propriamente dita a partir do momento em que comunica aos outros homens a transformação que operou sobre a natureza.

A biblioteca é por excelência um dos instrumentos de comunicação da cultura, podendo transmitir símbolos, valores e bens culturais, cabendo a seus profissionais decidirem como fazê-lo. Na prática da ação cultural, o importante a observar é justamente as relações que se estabelecem com a herança cultural, pois como afirma FLUSSER, há duas maneiras de herdar, receber a cultura: "ativamente, reelaborando o que recebemos e passivamente, aceitando o que recebemos sem modificá-lo". (39:150)

Uma proposta de ação cultural bibliotecária deve visar:

- que os homens não sejam apenas receptores, mas sujeitos da criação cultural;
- a elaboração da cultura com o povo e não para o povo;
- facilitar a utilização de instrumentos adequados ao desenvolvimento da capacidade criadora dos indivíduos;
- a desalienação da cultura e a busca de uma identidade cultural;
- a democratização da cultura.

Como toda ação cultural libertadora, esta deve promover a emergência de uma autêntica cultura popular em oposição à cultura dominante (nacional e estrangeira), visto que a liberdade de um povo está estreitamente ligada à sua liberdade de expressão cultural.

"Nenhum povo é dono do seu destino se antes não é dono de sua cultura". (28:75)

A responsabilidade primordial dos agentes em trabalho com os grupos é a de encontrar caminhos e buscar maneiras de agir que

propiciem a emergência de todas as manifestações culturais da comunidade. Este impulso inicial é fundamental para se promover o desenvolvimento cultural integrado, assim como resgatar a autêntica cultura popular local.

Em geral o trabalho de ação cultural bibliotecária que vem se efetivando na prática, tem se dado no âmbito de movimentos comunitários, tendo como ponto de partida a realidade concreta e as vivências individuais e coletivas dos membros da comunidade, buscando uma estreita ligação com o meio imediato em que se desenvolve. Numa forma de participação democrática, os agentes culturais bibliotecários e os grupos aproveitam os recursos disponíveis e as potencialidades e valores da própria comunidade. Na maioria das experiências de ação cultural bibliotecária já registradas no Brasil, percebe-se que, em geral, a origem dos agentes culturais tem sido as Universidades, através do serviço de extensão.

A tônica do trabalho tem sido a adoção de uma prática transformadora, em que fica clara a opção política do profissional nela engajado. Não se trata de uma extensão de cunho assistencialista, de caráter manipulador, que visa apenas transmitir ou transferir informações. No caso da ação cultural bibliotecária, acredita-se que a ligação com a prática de extensão se deu mais por razões conjunturais e de oportunidade. Em relação à UFMG, vários programas como o do carro-biblioteca e o de assessoria à criação de bibliotecas populares propiciaram o espaço ideal para uma ação cultural que sempre foi desenvolvida

tendo por princípio a relação dialógica, a reflexão crítica e a criatividade. Todos estes programas se viabilizaram através de verbas governamentais, conforme a política para a educação e cultura expressa no I PND da Nova República (1986-1989) que incentivou a ação da Universidade em projetos voltados para o interesse social, criando recursos através do "Programa Nova Universidade".

Este trabalho conjunto dos agentes bibliotecários e grupos comunitários, visa, sobretudo, levá-los a refletir sobre sua situação de vida e suas experiências, para que possam elaborar o seu próprio saber (consciência de classe). Desta forma, aos poucos poderão adquirir e consolidar um poder de resistência que lhes dê condições de buscar formas efetivas de participação social, através da qual possam afirmar seus direitos. Poder que se resume, afinal, em dizer a sua palavra, pois,

"...se ela (a palavra) é um modo de expressão da cultura, é também e por isto mesmo, aquilo através do que a cultura pode vir a ser um instrumento político de libertação popular".  
(8:152)

Enfim, o trabalho de ação cultural bibliotecária objetiva também dar condições às classes populares de ultrapassar a barreira da marginalidade econômica, política, social e cultural que lhes foi imposta pelas classes dominantes e superar a "cultura do silêncio", expressão forjada por Paulo Freire para retratar a condição a que estão submetidas. (35:70)

Segundo COELHO NETO (23:14), a ação cultural é o próprio exercício da produção cultural e visa privilegiar a "auto-produção", ou seja, a produção para ser consumida pelos que fazem. Salienta ainda, que a ação cultural é um processo com início claro mas sem fim especificado, "... algo que se faz COM, ao lado de, por dentro, desde a raiz... é a contínua descoberta, o reexame constante, a reelaboração: a vida". (23:100) Ele contrapõe, para um maior esclarecimento, o conceito da ação ao de "fabricação" cultural, que é um processo com etapas determinadas e um fim previsto, do qual se espera um objeto acabado.

Entendemos que a prática da ação cultural se opõe basicamente às práticas culturais do Estado, cujas políticas são formuladas a partir de uma visão elitista da cultura, e negam à maioria da população o direito de expressar-se culturalmente.

Apesar do discurso governamental explicitar claramente em suas diretrizes o seu apoio a atividades e projetos culturais, em geral, essas políticas pretendem apenas preservar o que existe ou existiu, dar algum apoio à cultura, mas dentro de uma concepção de cultura estática, imutável e não de uma cultura dinâmica e viva, inserida num contexto histórico em constante mudança. A maioria dos centros de cultura criados pelos governos a partir da década de 70 (ao ficar constatado maior aquecimento na demanda cultural por parte da população), oferece produtos prontos e acabados para serem consumidos pelo público, sendo poucos os que dão a este público condições para que chegue à criação cultural.

De toda forma, seria ingenuidade dispensar ou rejeitar o auxílio governamental, pois iniciativas isoladas e informais não conseguem sobreviver se não dispuserem de recursos suficientes. Pelo contrário, a ação da sociedade deve ser no sentido de conquistar estes espaços culturais criados pelo Estado procurando meios de participar de sua gestão, de forma que atendam aos seus objetivos e interesses. Estes centros culturais, moldados em modelos estrangeiros, possuem uma estrutura que permite reunir num mesmo prédio instalações de teatros, cinemas, museus, bibliotecas, etc. Aproveitando a infraestrutura neles existentes, as bibliotecas aí inseridas provavelmente terão melhores condições para tentar desenvolver um trabalho integrado na linha da ação cultural. Para obter o respaldo e o apoio da sociedade, as bibliotecas precisam reformular sua abordagem de cultura e dar mais atenção aos seus usuários. Foi-se o tempo em que a função das bibliotecas era a de apenas armazenar livros e preservar a cultura da humanidade, a que poucos tinham acesso. Trata-se agora de buscar o desejado equilíbrio, tentando subverter na dose certa esta ordem de coisas através da ação cultural - ao invés de considerar o público como um mero receptor e consumidor da cultura, a biblioteca irá torná-lo participante do processo de criação e produção cultural, artística e literária.

Para desenvolver um trabalho desta natureza, a biblioteca deve se tornar um espaço aberto, de diálogo e sobretudo de convivência, um verdadeiro ponto de convergência das manifestações culturais em todas as suas formas, onde qualquer pessoa possa se expressar. Segundo VIEIRA, a biblioteca atuando

dentro desta concepção de espaço cultural será:

- a) espaço de representação, constituído pelo conhecimento registrado em formas materiais diversas...
- b) espaço de apresentação, isto é, comunicação ao vivo entre indivíduos e grupos...
- c) espaço de criação, considerando neles os insumos informacionais, a orientação, o apoio, toda a ambiência oferecida pela biblioteca, a fim de que, seja o cidadão comum, seja um pensador, recebam os estímulos necessários à criatividade. Nessa dimensão, a biblioteca é o usuário, na medida em que este gera e detém a informação. (70:83-84)

O desenvolvimento prático da ação cultural bibliotecária não está restrito ao ambiente físico da biblioteca, cabendo ao bibliotecário como "agente cultural" ampliar e extrapolar seu espaço de trabalho para "fora" da biblioteca. Sendo uma ação em que tanto os agentes quanto os grupos estão em processo auto-educativo, pressupõe o uso de materiais de apoio em sua realização. Dependendo do tipo de atividades a serem organizadas pelos grupos, vários instrumentos podem ser usados de acordo com os interesses e a realidade objetiva de cada comunidade. JARÁ sugere vários códigos que podem ser utilizados para tornar o processo educativo dinâmico e criativo, como:

- códigos visuais: lâminas, fotografias, o desenho, o texto escrito, senhas;
- códigos auditivos: canções, poemas, discursos, programas de rádio;
- códigos audiovisuais: cinema, televisão, montagem de diapositivos,
- códigos vivenciais: dinâmica de grupos, exercícios de comunicação, "jogos conscientizadores", etc. (48:26)

O material deve ser elaborado a partir das bases e com as bases, devendo seguir uma coerência temática definida a partir dos objetivos políticos da ação educativa, e que auxilie o processo de elaboração de conhecimento teórico e apropriação de conceitos.

A biblioteca pode desenvolver uma série de atividades utilizando com os grupos uma variedade de técnicas combinadas, desde que estas lhes permitam expressar suas idéias em sua própria linguagem, estética e imagens

FREIRE (34:39) sugere para uma biblioteca popular diversos tipos de trabalho, como levantamento da história local através de entrevistas gravadas, que passariam a fazer parte do acervo da biblioteca; entrevistas com artistas, escultores, rendeiras, etc., a partir das quais poderiam ser elaborados folhetos para serem usados em programas de alfabetização e trocados com outros grupos. Outras sugestões encontradas na literatura de ação cultural podem ser aproveitadas e desenvolvidas por bibliotecários, como gerar textos a partir da discussão de um tema proposto pelo grupo, que pode ser depois dramatizado; o uso da técnica fotográfica como meio de documentação da cultura popular e meio de informação e conscientização das classes populares, etc.

A intervenção do agente cultural é importante não no sentido de direcionar, mas para ativar, dar a partida no processo de ação cultural, criando as condições e organizando os meios para que



ele se efetive. No papel de líder, seu trabalho consistirá basicamente em elaborar com os grupos, projetos que visem reunir elementos então dispersos, como o indivíduo, a arte, o cotidiano, a coletividade. Para viabilização destes projetos o agente deve recorrer às possíveis fontes, a fim de obter os recursos necessários à sua implantação, seja através de órgãos governamentais ou entidades privadas. Em 1986, foi criado um mecanismo legal para favorecer as atividades culturais - a Lei Sarney, que permite a aplicação de tributações do Imposto de Renda por pessoas físicas e jurídicas em favor da cultura. Embora se tenha conhecimento do caráter assistencialista da referida lei, os bibliotecários não devem se furtar do exame e verificação das possibilidades concretas de se obter recursos através dela, desde que favoreçam a criação/desenvolvimento de bibliotecas.

Um problema que se coloca, é o da formação do agente cultural, que até então tem sido apenas através de pequenos cursos ou palestras promovidas a nível de Universidades, Secretarias de Cultura, Encontros de Cultura, etc. Questiona-se também, qual deveria ser o conteúdo e o teor desta formação, e COELHO NETO tenta sintetizar alguns aspectos que deveriam constar de sua preparação:

"O responsável pela ação cultural precisa, primeiro, saber como fazer para que pessoas atuem criativamente em grupo. É uma primeira matéria, um primeiro campo de estudo, ligado sobretudo à psicologia e à pedagogia. Segundo: essa pessoa precisa ter uma noção do que está em jogo socialmente, antropologicamente, quando se intervém culturalmente num grupo, numa comunidade. Sem temer a redundância: o que está em jogo culturalmente quando se intervém culturalmente. Terceiro, essa pessoa precisa

conhecer, com razoável grau de profundidade, o que está em jogo quando alguém se lança na prática de alguma modalidade da cultura artística (seja "erudita" ou "popular") formal ou de modos da cultura por assim dizer informais (brincadeiras infantis como a roda, ou contar histórias, ou a culinária, etc.). Deve saber o que as pessoas em princípio procuram quando fazem teatro ou dançam, como se organiza uma linguagem artística ou como se dá a abordagem do mundo através de um código artístico, ou o que as crianças procuram ao ouvir uma história, ou qual o significado cultural do ato de comer, de comer um certo alimento feito de um certo modo, ou por que fazer um alimento assim ou, literalmente, assado. Essa pessoa não precisa necessariamente dominar uma técnica em particular (direção teatral, pintura, cinema, culinária), mas deve pelo menos conhecer os pressupostos teóricos de uma dessas linguagens." (23:115)

Outro aspecto considerado importante, especialmente em países como a Inglaterra, é que o agente cultural tenha conhecimento na área de administração, mas numa abordagem voltada para a prática cultural. No Brasil, já se tem a nível de Mestrado o "Curso de Administração de Centros Culturais", oferecido pela Escola de Comunicações e Artes da USP - Universidade de São Paulo; e o Departamento de Artes Plásticas e Biblioteconomia e Documentação da referida escola, vem oferecendo desde 1988, o "Curso de Especialização em Ação Cultural"

Sobre a formação do bibliotecário como agente cultural, FLUSSER (40) faz algumas considerações em artigo publicado, afirmando que ela deve se dar em basicamente três eixos complementares: a formação técnica, a humanística e a prática, sendo que esta última seria o envolvimento real em experiências-piloto na busca de novas formas de atuação através de contatos com públicos de diferentes contextos e realidades.

Não se espera do agente cultural bibliotecário que seja uma pessoa com várias especializações, habilidades e qualidades a mais, mesmo porque a ação cultural é uma atividade interdisciplinar, o que supõe o trabalho conjunto de técnicos de várias áreas. O que se requer é um profissional versátil e com uma visão abrangente da cultura, alguém que tenha uma "aguda consciência dos valores culturais" (22:70) e, sobretudo um compromisso social com a profissão, disposto a

" incorporar na prática cotidiana da biblioteconomia a dimensão da procura, para que a biblioteca se transforme em um instrumento dinâmico e dialógico, contribuindo assim para uma democratização cultural". (40:236)

### 3 A VIVÊNCIA DA AÇÃO CULTURAL

Neste capítulo do trabalho passamos a relatar as três experiências de ação cultural bibliotecária da qual participamos como coordenadora e agente cultural, procurando descrever detalhadamente os projetos desenvolvidos e destacar aspectos relevantes evidenciados nesta prática profissional.

#### 3.1 - Carro-Biblioteca

Iniciaremos nosso relato abordando o trabalho de ação cultural realizado através do carro-biblioteca no Festival de Inverno da UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais, em dois anos consecutivos - 1986 e 1987

Para tal, julgamos necessário esclarecer alguns pontos referentes ao carro-biblioteca enquanto entidade física e programa de extensão do Centro de Extensão da Escola de Biblioteconomia da UFMG, contando um pouco de sua história, evolução e serviços prestados.

O carro-biblioteca é uma modalidade de extensão bibliotecária que visa democratizar a informação, promover a utilização do livro e outros materiais informativos, assim como incentivar o hábito de leitura.

Seu público alvo são as populações que por razões conjunturais de ordem econômica, social e cultural não têm possibilidades/facilidades de acesso a serviços bibliotecários nem condições de comprar livros e outros materiais de leitura.

No Brasil a maioria das bibliotecas públicas das grandes cidades está instalada em pontos nobres, atendendo, portanto, às camadas mais privilegiadas da população de classe média e alta.

Procurando ampliar seu atendimento, algumas bibliotecas públicas prestam outros tipos de serviço de extensão bibliotecária como as caixas-estantes, o carro-biblioteca e as bibliotecas sucursais, estas últimas localizadas em bairros afastados do centro.

Frequentemente, o que se percebe é que as bibliotecas públicas não têm condições de expandir a instalação de sucursais a muitos bairros e, por isto, elas existem em número reduzido. Além disto, possuem coleção pobre e serviços pouco dinâmicos, não conseguindo suprir adequadamente as demandas e necessidades das comunidades.

Por outro lado, são raras as escolas que contam com boas bibliotecas, sendo que a maior parte delas possui coleções deficientes em quantidade e qualidade, e o atendimento deixa muito a desejar porque não funcionam durante todo o horário de aulas, e poucas são aquelas em que trabalha um bibliotecário.

Deste modo, grande parte da população, especialmente a de baixa renda, fica sem oportunidades de leitura devido principalmente a fatores de distanciamento geográfico e de ordem econômica.

A finalidade do carro-biblioteca é cobrir esta deficiência das bibliotecas, procurando levar a leitura recreativa, educativa e informativa às camadas menos privilegiadas da sociedade.

Ao mesmo tempo, ao ampliar as possibilidades de acesso, expor e colocar as pessoas em contato direto com o livro e outros materiais, facilita as condições para se despertar o interesse pela leitura e criar demanda por serviços de biblioteca.

O carro-biblioteca é uma biblioteca ambulante, instalada em um veículo com capacidade para comportar um número razoável de livros em estantes adaptadas. Dependendo do tamanho do veículo, o carro-biblioteca pode oferecer mais recursos e comodidade aos leitores.

Em 1973, a Escola de Biblioteconomia da UFMG adquiriu um carro-biblioteca graças a convênio firmado entre a Universidade e o Instituto Nacional do Livro.

O carro-biblioteca foi instalado em uma Kombi com estantes adaptadas, toldo externo e compartimentos para levar mesas desmontáveis. O veículo foi equipado com rádio, toca-fitas e

alto-falante, mas não dispunha de espaço interno para que os leitores pudessem entrar e escolher o material desejado.

O serviço do carro-biblioteca ficou ao encargo do Centro de Extensão da Escola de Biblioteconomia, funcionando com alunos que recebiam bolsa de estágio do INL - Instituto Nacional do Livro, sob supervisão de professores da escola.

Sua coleção foi formada através de doações anuais do INL e verbas destinadas pela Escola de Biblioteconomia, sendo composta no início apenas de livros de literatura brasileira e estrangeira traduzida, e livros de literatura infanto-juvenil.

Em 1988 a UFMG, reconhecendo a importância do "Programa Carro-Biblioteca", adquiriu um micro-ônibus cujo projeto de adaptação foi elaborado por um arquiteto da UFMG com a assessoria de um professor da Escola de Biblioteconomia. Desta forma, as instalações ficaram perfeitamente adequadas às suas finalidades. Internamente possui estantes para livros, revistas e obras de referência, balcão de empréstimo, equipamento para projeção de filmes e audiovisuais, rádio, toca-fitas e alto-falante. Tem condições de levar mesas e cadeiras para os leitores, que são colocadas sob o toldo na parte externa do veículo.

No correr de todos estes anos, o carro-biblioteca conseguiu melhorar e diversificar o seu acervo, incorporando outros tipos de materiais como revistas, obras de referência (dicionários,

enciclopédias, etc.), literatura de cordel e folhetos informativos. Além dos livros de ficção e literatura infanto-juvenil, vem incluído outros assuntos demandados pelos leitores como saúde, alimentação, mecânica, trabalhos manuais, etc., assim como literatura para subsidiar os movimentos populares.

Devido à dificuldade de verbas que sempre houve para aquisição de materiais, o Centro de Extensão da Escola de Biblioteconomia tem procurando buscar outras fontes de recursos através de programas a nível federal, como o "Projeto Nova Universidade", convênios com órgãos públicos e projetos interdisciplinares da Universidade, como o "Pró-favela", além da obtenção de uma quota anual de materiais concedida pela Biblioteca Central da UFMG.

Dentro de sua política de atendimento às populações carentes, o carro-biblioteca visita semanalmente cinco localidades abrangendo a periferia e a Grande Belo Horizonte. À época da realização deste trabalho, incluía em seu roteiro três bairros da cidade: Aarão Reis, Lindéia e Sarzedo, além dos municípios de Raposos e Santa Luzia.

Os estagiários do carro-biblioteca executam tarefas internas de processamento técnico e restauração do acervo, fazem estatísticas de número de empréstimos, assuntos procurados e faixa etária dos leitores, planejam atividades de leitura e confeccionam materiais necessários.



Quando saem no carro-biblioteca em visita às comunidades prestam serviço de empréstimo e referência e, periodicamente, promovem a leitura contando estórias. Participam também de levantamentos e pesquisas realizadas por professores e alunos de pós-graduação.

Um problema que tem afetado um pouco o desempenho do carro-biblioteca é a alta rotatividade dos estagiários, devido à baixa remuneração das bolsas oferecidas. O tipo de trabalho desenvolvido exige treinamento prévio, e as mudanças frequentes de alunos ocasionam certa descontinuidade no ritmo dos trabalhos e no grau de envolvimento desejável.

Além do atendimento às comunidades o carro-biblioteca tem participado de outros projetos dentro e fora da Universidade, como a Bienal do Livro, Semana da Biblioteca, Jornada Cultural e Festival de Inverno da UFMG.

#### x Carro-biblioteca no Festival de Inverno da UFMG

Desde 1982 o carro-biblioteca vem participando do Festival de Inverno da UFMG, evento artístico e cultural nacionalmente reconhecido que abrange todas as áreas de manifestações artísticas e culturais: dança, teatro, literatura, biblioteca, artes plásticas, fotografia, música, etc.

Durante doze anos o Festival de Inverno da UFMG aconteceu em Ouro Preto, centro vivo e dinâmico da cultura do Estado de Minas Gerais e obra prima da arquitetura tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional. A escolha deveu-se, ainda, ao ambiente acolhedor da cidade que propiciava a concentração e integração dos participantes nas atividades desenvolvidas.

Desde que nasceu, a preocupação básica do festival foi a de veicular as manifestações artístico-culturais e reunir intelectuais, artistas e estudantes interessados em discutir e analisar as diversas funções da linguagem artística contemporânea.

Ouro Preto sempre acolheu muito bem o festival até que em 1979 ocorreram alguns desacertos e problemas, o que levou a coordenação geral a buscar outros locais para sua realização. Notou-se um desgaste em relação à imagem do festival e seus participantes, e uma certa má vontade e descontentamento da população da cidade para com o evento.

Em 1980 uma nova filosofia direcionou o festival, procurando-se redimensionar seus objetivos e seu escopo.

Nesta época, optou-se por dar um caráter itinerante e descentralizado ao evento, de forma que outras cidades pudessem usufruir de suas atividades e dinamizar sua vida artística e cultural.

Em sua itinerância o festival passou por Belo Horizonte, Diamantina, São João del Rei e Poços de Caldas, tendo acontecido neste ano de 1989 em Belo Horizonte.

O critério de escolha das cidades é a manifestação do município, levando-se em conta a disponibilidade de recursos, a infraestrutura existente para receber os participantes e a relação do festival com o núcleo de cultura local.

A cada ano o Festival de Inverno da UFMG procura ajustar-se às mudanças ocorridas na realidade, levando em conta o momento histórico e político para nortear sua filosofia.

O festival acontece todos os anos no mês de julho, sendo que sua equipe de coordenação realiza um diagnóstico prévio das condições sócio-econômicas e culturais da cidade, que inclui um levantamento das demandas e expectativas da população em relação ao evento

Isto é muito importante, porque de certa forma a comunidade é preparada para receber o festival, havendo participação e integração do pessoal local nas oficinas oferecidas e nas diversas atividades, que são programadas para crianças, jovens e adultos.

No entanto, no ano de 1987, devido à greve dos funcionários da UFMG, o festival aconteceu durante apenas quinze dias e de

forma precária em termos de organização. Este fato afetou um pouco o nível de relacionamento estabelecido com as comunidades, que foi mais superficial devido às restrições de tempo.

A experiência prática de ação cultural bibliotecária vivenciada através do carro-biblioteca da Escola de Biblioteconomia, desenvolveu-se durante o 18º e 19º Festival de Inverno da UFMG ocorridos em 1986 e 1987.

Nestes dois anos o festival realizou-se em São João del Rei, cidade histórica mineira do século XVII de projeção econômica e cultural no Estado, localizada em importante região - a zona do Campo das Vertentes, antiga Comarca do Rio das Mortes.

Na área cultural se destaca especialmente na música, possuindo a Sociedade de Concertos Sinfônicos (de 1930) e duas orquestras de música sacra - a "Ribeiro Bastos" e a "Lira Sanjoanense"

Entre as edificações importantes da cidade estão o Museu Municipal (casa em que nasceu Bárbara ~~H~~Eliodora) e o Museu Ferroviário, antiga estação datada de 1881.

Para o primeiro ano de realização do festival em São João del Rei em 1986, propostas inovadoras foram apresentadas, dando-se ênfase sobretudo à produção da obra cultural, e conforme depoimento do coordenador geral do festival, Prof. Evandro José Lemos da Cunha,

" busca-se agora uma integração da produção cultural da região onde o festival está sediado com um trabalho de maior fôlego a nível nacional, privilegiando as manifestações artísticas locais, para que a comunidade possa mostrar a sua cultura." (47:3)

O festival de 1986 teve como tema central a Arte Brasileira Contemporânea, e em torno deste tema foi realizado um grande seminário e se desenvolveram os cursos, oficinas, simpósios e sessões intensivas, sob a forma de encontros e vivências.

Para a atuação do carro-biblioteca no evento, foi elaborada também uma proposta com inovações em relação ao serviço tradicionalmente oferecido, dentro de uma concepção transformadora, emancipatória, libertadora, que considera a cultura como meio de expressão criativa e a ação cultural como instrumento para promover a emergência cultural.

Devido à coincidência de filosofia de trabalho, o Projeto Carro-Biblioteca atuou em 1986 integrado ao NÚCLEO DE ARTE/EDUCAÇÃO do festival, primordialmente voltado para o fazer artístico e a vivência de crianças e jovens entre 7 e 15 anos. O núcleo ofereceu Oficinas Básicas de artes plásticas, música, teatro/dança, e Oficinas Experimentais de canto coral e circo. Para os professores de Educação Artística do 1º grau foi oferecida a Oficina de Brinquedos e Canto Coral e, para a comunidade sanjoanense em geral, atividades de integração, revezando por três polos da cidade: Tejuco, Matosinhos e Senhor dos Montes.

Deste modo, o carro-biblioteca tanto participou das atividades de integração do núcleo como desenvolveu trabalho independente visitando outros locais que não os referidos pólos, como os bairros Alto das Mercês e São Geraldo, todos na periferia de São João del Rei.

Em 1987, no 19º Festival de Inverno, o "Projeto Carro-Biblioteca" foi introduzido no campo de "Projetos Especiais", não se vinculando especificamente a nenhuma área, mas com a mesma proposta de trabalho do ano anterior, se articulando com outros grupos e desenvolvendo atividades conjuntas.

Do "Projeto Carro-Biblioteca" participaram professores da Escola de Biblioteconomia, bibliotecários e monitores que juntos discutiram a filosofia da proposta e estabeleceram seus objetivos.

A proposta definida, que vigorou para o 18º e 19º Festival de Inverno da UFMG, foi a de realizar um trabalho de incentivo à leitura conjugado ao de ação cultural, esta encarada como meio de libertação social e cultural, em que crianças e jovens fossem motivados a criar e expressar suas idéias e opiniões, enfim, desenvolver atividades visando a emergência cultural da comunidade.

Como bem afirma CAMARGO,

"O papel educativo do animador cultural é menos o de liderar práticas de lazer e mais o de mostrar as infinitas possibilidades de participação social e de auto-realização através do lazer".  
(16:80)

A partir destes pressupostos e tendo-se em vista o objetivo primordial do carro-biblioteca de contribuir para o desenvolvimento do hábito de leitura e introduzi-la como recreação e lazer, foram estabelecidos outros objetivos:

- desenvolver atividades lúdico-artísticas com crianças e jovens, estimulando uma vivência cultural intensa, diversificada e equilibrada com suas obrigações;
- despertar a criatividade nas crianças e jovens a partir de um texto, levando-as às diversas formas de manifestação artística: dramatizações, desenhos, colagens, estórias coletivas, etc.;
- motivar a comunidade a expressar suas idéias através da palavra e das múltiplas formas de criação;
- conscientizar a comunidade da realidade que a cerca, lavando-a a refletir sobre seu estar no mundo através da manifestação cultural;
- levantar e discutir, a partir de um texto, conceitos implícitos numa convivência social democrática, tais como: igualdade, amizade, cooperação, solidariedade, união, organização, etc. (10:555)

Sabe-se que as possibilidades de desenvolver o hábito de leitura são mais promissoras quando se inicia o trabalho na infância. A escola e a família, através de professores e pais não têm conseguido realizar esta difícil tarefa com sucesso, perdendo-se aí muitos futuros leitores. Analisando a questão de forma simplificada, já que não caberia aprofundá-la aqui, acredita-se que, em relação à escola o insucesso deve-se à utilização da leitura como instrumento paradidático, tornando-a

uma obrigação enfadonha; já com relação à família a questão é mais complexa, interferindo fatores de ordem econômica e social, sendo que a maioria dos pais não possui o hábito de leitura, e desta forma torna-se impossível transmiti-lo aos filhos.

Segundo CADEMARTORI,

"... se adquirindo o hábito de leitura, a criança passa a escrever melhor e a dispor de um repertório mais amplo de informações, a principal função que a literatura cumpre junto a seu leitor é a apresentação de novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais. É nessa dimensão que ela se constitui em meio emancipatório que a escola e a família, como instituições, não podem oferecer". (15:19-20)

Esta foi a abordagem que direcionou a equipe do carro-biblioteca no 18º e 19º Festival de Inverno da UFMG, procurando-se criteriosamente trabalhar a leitura adequada aos interesses, motivações e faixa etária do público, sobretudo mostrar às crianças e jovens que a leitura é também atividade de lazer, podendo lhes dar tanta satisfação como um jogo de bola ou um bom programa de televisão.

Em São João del Rei, nos três bairros definidos como pólo pela coordenação do festival, foi detectada uma população de baixa renda e quase sem nenhuma escolaridade, portanto, sem acesso aos bens culturais oferecidos à sociedade em geral, entre estes as bibliotecas. Enfim, a camada social marginalizada do processo cultural vigente.



O levantamento prévio da situação realizado pela coordenação do festival facilitou bastante o trabalho da equipe do carro-biblioteca, queimando uma etapa fundamental para uma ação cultural, que é o conhecimento da realidade.

Vários dados do diagnóstico foram fornecidos, inclusive nomes de lideranças comunitárias, o que contribuiu efetivamente para a aproximação dos bibliotecários como "agentes culturais" e as comunidades, favorecendo a receptividade, aceitação e cooperação de todos.

No entanto, devido ao curto período de duração do festival, não foi possível aprofundar num nível ideal o relacionamento dos agentes culturais bibliotecários com as comunidades atendidas.

Os contatos muitas vezes se restringiam às lideranças comunitárias, não havendo tempo suficiente, por exemplo, para participar de reuniões das associações de bairro, ocasiões em que certamente poder-se-ia adquirir uma maior compreensão da dinâmica social e cultural da comunidade e promover uma discussão mais extensa de seus projetos.

Apesar desta limitação de tempo vários outros contatos informais puderam ser bastante proveitosos, se estendendo a professores de 1º grau, funcionários da Delegacia Regional de Ensino, párocos, pais e mães, encontros estes que deram oportunidade para se discutir problemas educativos, de saúde, saneamento, habitação, etc., assim como questões relativas ao

encaminhamento de reivindicações às autoridades. Todas estas conversas, de certa forma, deram subsídios e nortearam as diretrizes para o planejamento conjunto das atividades do carro-biblioteca.

Na verdade não se pode esperar ou pretender um nível de relacionamento mais profundo em contatos esporádicos, de ano em ano, como é o caso do carro-biblioteca no festival, mas mesmo assim houve condições de avaliar e acompanhar de longe a continuidade do trabalho iniciado pelo carro-biblioteca, através do "feedback" fornecido pelos agentes multiplicadores de cada localidade (professores/funcionários de bibliotecas).

A primeira etapa de trabalho da equipe constou do reconhecimento do espaço físico onde iria atuar e isto foi feito dando uma volta de carro em cada bairro, tentando localizar os pontos principais como a praçinha, a igreja, a escola, a sede da associação, o comércio, etc.

Antes desta primeira visita o presidente da associação de bairro era contatado e nos aguardava quase sempre com um pequeno grupo de moradores que vinham dar as boas vindas.

A finalidade deste primeiro contato era explicar os objetivos do carro-biblioteca, sua contribuição ao desenvolvimento do hábito de leitura e suas atividades.

Procurava-se também obter informações sobre o nível e formas de organização da comunidade, seus recursos e relação com outros movimentos, seus problemas e dificuldades e o grau de envolvimento e cooperação que poderíamos esperar para o trabalho conjunto.

Estas informações facilitavam a escolha dos temas a abordar no planejamento das atividades de leitura, de forma a relacioná-las sempre com a realidade vivenciada pelas crianças e jovens.

#### Senhor dos Montes

Ao chegarmos neste bairro, o Sr. Rubens, presidente da "Comunidade Pró-Desenvolvimento do Senhor dos Montes", por conta própria já havia comunicado informalmente a algumas pessoas da comunidade sobre a vinda do carro-biblioteca.

Na conversa anterior, já havíamos discutido com ele a proposta de trabalho, os objetivos e a dinâmica de atuação do carro-biblioteca, cujo teor foi muito apreciado. O Sr. Rubens prontificou-se imediatamente a nos apresentar pessoas que pudessem colaborar e facilitar nosso trabalho, como as professoras do bairro, o pároco e moradores mais atuantes.

Ele afirmou que, pessoalmente, considerava muito importante incentivar a leitura e colocar as crianças em contato com livros,

coisa que elas praticamente não tinham oportunidade, pois a Biblioteca Pública Municipal de São João del Rei é longe do bairro e a escola conta com pouquíssimos materiais.

O Sr. Rubens informou também que àquela época a principal reivindicação da comunidade era a construção de um galpão com tanques de lavar roupa próximo ao rio, pois grande parte das mulheres do bairro eram lavadeiras e estavam querendo melhores condições de trabalho. O clima de São João del Rei é muito frio no inverno, e com o galpão elas poderiam trabalhar abrigadas e com maior conforto, com água encanada, sem precisar entrar na água gelada do rio e lavar sua roupa agachadas.

Segundo ele próprio, a comunidade estava bastante mobilizada e organizada para lutar, estando ciente dos problemas que a afetavam e de suas necessidades prioritárias.

Fomos convidadas a visitar a sede da associação, bem instalada em um prédio espaçoso ao lado da igreja, com salão que serve às reuniões, festas, cursos e distribuição de merenda escolar.

O local sugerido pelas pessoas presentes como ponto de parada do carro-biblioteca foi a calçada ao lado da sede da associação, por ser acessível aos moradores e, inclusive, porque era onde as crianças costumavam vir diariamente para tomar a sopa.

Tendo-se definido os dias, o horário e o local, o Sr. Rubens disse que poderíamos deixar a divulgação por conta dele. Com a ajuda de outros membros da comunidade, confeccionou um convite em mimeógrafo que foi distribuído em todas as casas.

Quando o carro-biblioteca chegou no primeiro dia, conforme o combinado, grande número de crianças o aguardavam, e assim ocorreu durante todo o mês que lá estivemos.

#### Matosinhos

Este bairro é um dos mais privilegiados da periferia de São João del Rei, com boas casas, boa urbanização e comércio movimentado.

O Sr. Edgar Pereira, presidente da Associação de Moradores nos recebeu com muita simpatia, e com a colaboração de lideranças informais do bairro, como o dono do bar, foi espalhando a notícia da visita do carro-biblioteca à comunidade.

Deste modo, aumentava dia-a-dia o número de crianças que chegavam à pracinha da igreja, local sugerido para a parada do carro-biblioteca, pois as próprias crianças iam levando outros amiguinhos para participar das atividades.

Através do Sr. Edgar, fomos apresentados ao Sr. Valdomiro, componente da "Lira Sanjoanense", que nos contou um pouco de sua história e da tradição da orquestra na cidade.

Em Matosinhos os moradores estavam mobilizados em torno da construção da igreja, com dificuldades financeiras para o término das obras. Mas a vontade coletiva de ver a igreja pronta era muito forte e este era o assunto dominante entre adultos e crianças. A fim de angariar fundos para o término das obras foi promovido um leilão, em que cada morador contribuiu com doações de porcos, galinhas e até gado.

A equipe do carro-biblioteca explorou bastante o tema nas atividades de leitura e recreação, assim como o fazia em outros bairros de acordo com os assuntos que predominavam e eram de interesse.

Assim, a partir do texto e da criação literária coletiva, levávamos as crianças a refletir sobre sua realidade e a manifestar-se nas diversas formas de expressão artística e cultural.

### Tejuco

No Tejuco fizemos contato com duas lideranças importantes: o Sr. José Pires, presidente da associação e o Sr. Antídio, presidente do Salão AMAR, local que funciona como sede da

associação, onde a comunidade se encontra nas festividades e nas reuniões para debater os problemas do bairro. É o Sr. Antídio quem mobiliza os moradores do Tejuco em torno das lutas para obter melhorias para a comunidade.

De dia vários cursos são oferecidos no Salão AMAR, como corte e costura, tricô e trabalhos manuais, dados por senhoras voluntárias.

Também lá as crianças têm direito a alimentação, assim como as mães desempregadas, e por esta razão o Salão AMAR é o ponto principal de encontro, sendo por isto sugerido como local de parada do carro-biblioteca.

No Tejuco está localizado um dos melhores e mais bem equipado grupo escolar de São João del Rei, e lá foram desenvolvidas as atividades de integração do Núcleo de Arte/Educação, que reuniu numa tarde o circo, a música, o carro-biblioteca e o teatro de fantoches.

Nesta ocasião foram feitos importantes contatos com professores do grupo, da Delegacia Regional de Ensino e funcionários da Biblioteca Pública Municipal, que participaram das atividades.

Durante nossa estadia no bairro, o Salão AMAR foi colocado à nossa disposição havendo intensa colaboração de membros da

comunidade, com os quais organizamos uma exposição dos trabalhos das crianças.

### Alto das Mercês

Este bairro não estava programado para ser visitado pelo carro-biblioteca pela coordenação do festival, mas entrou em seu roteiro por solicitação do Sr. J. Silva, líder comunitário que lá reside e repórter da Rádio Emboabas de São João del Rei.

Casualmente conhecemos J. Silva, que fazia a cobertura do festival para a rádio, e ao tomar conhecimento do trabalho desenvolvido pelo carro-biblioteca nos solicitou que incluísse o seu bairro na programação.

Como havia folga em nosso cronograma semanal, consideramos importante atender o pedido, e logo foi combinada uma visita para conhecer o bairro, na qual J. Silva nos apresentou a várias pessoas da comunidade e nos levou à sede da associação.

No térreo fica localizada a capela e uma sala que serve para o Catecismo e reuniões, sendo que o 2º andar possui uma cozinha e um salão que é ao mesmo tempo refeitório, local para as festas da comunidade e para outras atividades.

As reuniões da associação são o momento para se discutir os problemas que afetam a comunidade e decidir sobre as formas de



ação para conseguir junto às autoridades o que precisam. Foi enfatizada a importância dos contatos políticos para se obter mais rapidamente as reivindicações, facilitando o encaminhamento dos pedidos e uma cobrança mais efetiva.

Com sua grande facilidade de expressão, J. Silva logo convocou as crianças da comunidade para vir conhecer o carro-biblioteca e participar de suas atividades, usando para isto o sistema de microfone e alto-falante disponível na associação.

Como repórter da Rádio Emboabas, convidou-nos a dar entrevista em seu programa "Participação". Nesta oportunidade falamos de voz viva para a população sanjoanense sobre o trabalho que o carro-biblioteca iria desenvolver no festival e comunicamos seu roteiro semanal com os respectivos horários.

Considerando que o aspecto da divulgação era fundamental para a consecução dos objetivos de nosso trabalho no festival, avaliamos como positiva esta colaboração. Além de promover e divulgar o carro-biblioteca, teve como efeito aumentar consideravelmente o número de crianças e jovens que acorriam aos locais de parada estabelecidos.

Procurando corresponder à altura, foi o carro-biblioteca que usou seu alto-falante a pedido de J. Silva, para informar sobre o local e o dia em que viria buscá-las para o ensaio da quadrilha.

## São Geraldo

Este foi um dos bairros mais pobres dentre os que trabalhamos e com um grande contingente de crianças de faixa etária entre 3 e 7 anos, de aparência bastante maltratada e com um nível de educação mais baixo.

A solicitação partiu também de J. Silva, que nos informou ser a população muito carente em todos os aspectos por seu baixo nível sócio-econômico, a grande maioria sem qualquer grau de escolaridade.

O bairro tem sérios problemas de moradia, saneamento, doenças, etc, e a comunidade estava começando a tomar consciência de seus problemas e se organizando para lutar por melhorias.

A equipe do carro-biblioteca desenvolveu seu trabalho totalmente baseado e voltado para a realidade de cada bairro, buscando sempre relacionar as estórias contadas com a experiência de vida das crianças, levando-as a manifestar suas idéias, opiniões e sua criatividade através das diversas formas de expressão.

A preocupação básica era a de não percorrer os caminhos de uma ação cultural de "domesticação", mas optar por um outro posicionamento, ou seja, uma ação cultural transformadora, emancipatória, que considera a cultura como meio de expressão criati-

vo e a ação cultural como instrumento para promover a produção e criação cultural.

O carro-biblioteca chegava nos bairros convocando as crianças a participar, utilizando para isto seu microfone, altofalante e gravador, onde eram tocados discos de estórias e músicas infantis.

Uma grande variedade de livros para todas as idades e interesses era exposta assim que se reunia a criançada.

Estes livros eram colocados em caixas que ficavam no chão para facilitar o acesso às crianças e para que pudessem folhear à vontade, ver as gravuras, ler.

Nesse clima descontraído o diálogo com as crianças surgia naturalmente e os agentes culturais bibliotecários sondavam sua faixa etária e suas preferências, captando os assuntos de seu interesse através do bate-papo.

Só aí, então, era escolhida uma estória para fazer a "Hora do Conto". Os monitores utilizavam vários recursos, como por exemplo o flanelógrafo. Ao ir contando a estória, as figuras referentes ao texto iam sendo fixadas no flanelógrafo, enquanto as crianças eram motivadas a falar, dar opiniões e até mudar o enredo do livro, criando outros personagens e outro final para a estória.

Também foi utilizada como recurso a televisão de papelão para prender a atenção das crianças à estória. Trata-se de uma caixa adaptada no formato de uma televisão, onde as gravuras da estória são passadas uma a uma através de um rolo que fica atrás da caixa.

A técnica da redação coletiva foi também muito utilizada pelos monitores para desenvolver a expressão verbal das crianças.

Em Matosinhos, as crianças escolheram, como tema da redação, a construção da igreja. Então, foram solicitadas a falar sobre o assunto, uma de cada vez, e dando continuidade à frase do colega anterior, formando no final uma estória completa.

Na redação coletiva as frases vão sendo escritas numa cartolina presa a um suporte, com letras bem grandes, cada frase em uma cor diferente.

Depois da estória contada, é feita uma leitura em voz alta e é conduzido um debate em torno daquele tema, levantando e discutindo conceitos considerados relevantes para desenvolver nas crianças e jovens atitudes favoráveis à cooperação, amizade, participação e organização social.

Depois de trabalhado o texto do livro ou aqueles criados por elas próprias, as crianças eram despertadas para o fazer lúdico-artístico através da expressão livre em dramatizações, colagens,

pinturas à guache, desenhos com lápis de cera, trabalho corporal e com a voz, etc., sempre relacionados à estória daquele dia.

Outras vezes as crianças editavam livrinhos com suas próprias estórias e ilustrações criadas por elas mesmas.

Eram distribuídas folhas de papel ofício já dobradas ao meio, em que a estória era escrita à mão com caneta hidrocor. Depois o texto era ilustrado com desenhos ou pinturas à guache, assim como a capa, que continha também o título e o nome do autor ou autores.

Foram promovidas algumas exposições em varal de barbante, na rua ou nas sedes das associações, ocasião em que as crianças e jovens podiam mostrar sua produção artística, sua estética.

Muito importante foi o carro-biblioteca participar, no 18º Festival de Inverno de 1986, das atividades de integração programadas pelo Núcleo de Arte/Educação. Nesta ocasião pudemos observar que o carro-biblioteca com suas atividades obteve em igualdade de condições o mesmo entusiasmo e participação das crianças, dentre outras consideradas mais atrativas como o circo, a música, o teatro de fantoches, etc., demonstrando assim, que o livro e a leitura têm também seu espaço no lazer infantil.

Nossa equipe participou também das atividades de reflexão do núcleo realizadas semanalmente para discutir, relatar propor de

maneira geral a Arte/Educação. Cada grupo relatava seu trabalho e desenvolvia uma atividade sua com os integrantes de outras áreas, o que resultou numa rica troca de experiências.

A importância da arte no processo educativo foi um tema relevante debatido neste mesmo ano durante o "II Encontro de Arte/Educação", do qual participamos e que muito contribuiu para uma reflexão acerca das atividades do carro-biblioteca.

A avaliação de desempenho era feita continuamente pela equipe, o que permitia-nos a chance de refletir sobre o trabalho em desenvolvimento para aprimorá-lo e às vezes, reformular alguma coisa. Os critérios de avaliação foram estabelecidos a partir dos objetivos propostos, considerando-se especialmente os aspectos relativos à prática da leitura e produção de textos, à criatividade, à motivação e ao desembaraço das crianças em expressar-se.

Com relação ao desempenho dos bibliotecários e monitores como "agentes culturais", realizando uma ação cultural através do carro-biblioteca, este foi considerado pela equipe como satisfatório. Nas discussões realizadas, o grupo tentou localizar as falhas que o impediu de alcançar um nível ótimo de atuação, concluindo que, para ter maior segurança e desenvoltura no trabalho como "agente cultural", seria necessário que o bibliotecário tivesse conhecimentos complementares em outras áreas, especialmente em literatura

Dentre as dificuldades enfrentadas pela equipe poderíamos citar a de trabalhar a leitura com crianças e jovens, o desconhecimento de técnicas de artes plásticas, de aproveitamento e uso de materiais alternativos, editoração, etc.

Houve também a preocupação de documentar nossa atuação em todos os bairros o que foi feito através de fotos (slides e P&B). Nosso depoimento e atividades estão registrados, ainda, no videotape sobre Arte/Educação produzido pelo Departamento de Fotografia e Cinema da UFMG.

Quanto à divulgação do carro-biblioteca no festival, além das iniciativas das comunidades, uso de nosso alto-falante e da entrevista na Rádio Emboabas, foi utilizado como veículo o Boletim do Festival, editado diariamente.

O Festival de Inverno da UFMG pode ser considerado o maior evento cultural promovido pela Universidade, e exige uma soma considerável de recursos para sua realização. Além de verbas destinadas pela UFMG, o festival conta com recursos financeiros de inúmeros órgãos a nível estadual e federal, instituições culturais e empresas privadas para sua viabilização.

Estes recursos são administrados pela coordenação geral do festival, não sendo divulgados os critérios para esta distribuição.

A organização do festival se dá através de coordenadores de áreas que trabalham em relação estreita e direta com a coordenação geral. São eles que propõem a programação de cada área, apresentando os projetos com uma estimativa dos custos para sua realização.

A distribuição de verbas é uma questão política que envolve definição de prioridades, e o que se pode observar pela história do Festival de Inverno é que certas áreas são privilegiadas em detrimento de outras.

Apesar de ser um projeto considerado importante dentro do festival, o carro-biblioteca não pertence a uma área específica, e a cada ano é "encaixado" à última hora em alguma destas áreas.

Com o atraso desta decisão a equipe do carro-biblioteca não tem tido oportunidade de um contato mais próximo com os participantes dos outros projetos e com o próprio coordenador de sua área, que em geral só conhece superficialmente os objetivos do trabalho e sua dinâmica.

Pode-se até compreender esta dificuldade de alocar o carro-biblioteca, devido ao caráter especial e interdisciplinar do trabalho que desenvolve.

Ocorre, porém, que este fato vem prejudicando o projeto do carro-biblioteca no que se refere à obtenção de recursos para sua realização, pois fica sem um representante legítimo para justifi-



car e defender junto à coordenação geral a necessidade dos recursos solicitados.

Apesar de ser um projeto modesto, que exige pouquíssima verba em relação aos outros, o carro-biblioteca tem enfrentado algumas restrições no que se refere à obtenção de recursos que, naturalmente, interferem no seu desempenho.

No relatório do carro-biblioteca relativo à sua última atuação no 20º Festival de Inverno em Poços de Caldas (1988), várias reivindicações foram feitas pelo Centro de Extensão da Escola de Biblioteconomia à coordenação geral do festival, entre elas uma participação efetiva nas reuniões que antecedem o evento, de forma a elaborar uma proposta integrada às outras áreas e poder concorrer em igualdade de condições com os outros projetos apresentados.

Embora cientes de que os objetivos do carro-biblioteca nestes dois anos não foram plenamente atingidos, a expectativa da equipe é de ter deixado uma base sólida para que a ação cultural bibliotecária possa ser continuada através de pessoas que direta ou indiretamente têm ligação com bibliotecas, como professores locais, funcionários da Biblioteca Pública Municipal e da Delegacia Regional de Ensino. Aliás, entre estes, houve um consenso geral e reconhecimento da relevância do trabalho desenvolvido pelo carro-biblioteca e, sobretudo, da importância e necessidade de se repassar as idéias e informações a outros profissionais.

Acreditamos que pelo interesse demonstrado e por sua participação efetiva e acompanhamento do trabalho do carro-biblioteca, estas pessoas podem ser consideradas os agentes multiplicadores de nossa ação.

As funcionárias da Biblioteca Pública, por exemplo, manifestaram que aproveitariam muitas idéias para desenvolver na seção infantil da biblioteca, que seria implantada em breve.

Já a Supervisora de Bibliotecas Escolares da Delegacia Regional de Ensino e Supervisora do Programa Salas de Leitura na região, disse que pretendia passar às professoras de outras cidades que visita periodicamente, informações e explicações sobre o trabalho do carro-biblioteca que podem ser desenvolvidas nas escolas.

Com os professores locais, importantes questões foram discutidas, como os problemas relativos ao desenvolvimento do hábito de leitura, as dificuldades encontradas para trabalhar a leitura nas escolas por falta de recursos e desconhecimento de técnicas adequadas, assim como o descaso das autoridades que não reconhecem a necessidade de bibliotecas.

Do nosso ponto de vista esta troca de idéias, opiniões e experiências enriqueceram ambas as partes envolvidas e sensibilizou um segmento importante da população para a importância e valorização da leitura e da biblioteca, o que poderá levá-los a futuras reivindicações neste sentido.

Além do objetivo maior do Projeto Carro-Biblioteca no festival, que foi o de desenvolver um trabalho de ação cultural bibliotecária, acreditamos que ele também contribuiu decisivamente para a desejada integração ensino/pesquisa/extensão na Universidade por:

- a) Possibilitar novas situações de treinamento aos monitores participantes e o contato intenso com a população, de forma que pudessem apreender aspectos da realidade brasileira para aprofundar seu estudo e conhecimento;
- b) Trazer para o âmbito universitário elementos para a discussão da ação cultural bibliotecária

### 3.2 Biblioteca Popular de Aarão Reis

Este segundo relato refere-se ao projeto de ação cultural bibliotecária desenvolvido na Biblioteca Popular do Centro Social Frei José Renato, localizado no Bairro Aarão Reis em Belo Horizonte.

A criação desta biblioteca deu-se através da demanda da comunidade, especialmente da escolar, num processo democrático em que as bases participaram ativamente. Os moradores antigos deram uma contribuição importante ao projeto através de seus depoimentos sobre a história de Aarão Reis, seus movimentos e lutas. Grande parte das informações contidas neste relato foram extraídas das entrevistas por eles concedidas, o que nos possibilitou dar uma visão mais fidedigna do bairro.

Aarão Reis é um dos bairros mais antigos de Belo Horizonte, originalmente constituído por várias fazendas e com uma identidade cultural fortemente referenciada a outros bairros vizinhos, como o São Paulo, o 1º de Maio e o Tupi.

À época de sua criação, era um local muito agradável de se residir, com tradição de cidade do interior, em que as relações familiares predominavam. A comunidade era formada de pequenos agricultores que, além do cultivo da terra, criavam animais, havendo casa, comida e trabalho para todos. Os homens viviam de plantar horta, trabalhar na olaria, cortar e vender lenha na cidade para as padarias. Havia também os boiadeiros que transportavam as boiadas para o matadouro no Bairro São Paulo. As mulheres iam à pé até Belo Horizonte carregando palha para fazer colchões. Dinheiro não corria, vigorava o sistema de trocas.

Apesar das dificuldades de transporte, falta de luz e água encanada, a população de padrão agrário desfrutava de uma qualidade de vida boa, devido às condições favoráveis do lugar.

A igreja sempre foi o centro polarizador da comunidade, promovendo muitas festas com os moradores, onde sempre havia muita fartura de alimentos - porco, leitão, bezerro. Junto às comemorações de caráter religioso, como procissões e coroações do mês de maio, conviviam manifestações folclóricas como a Folia de Reis, o Congado, etc. e, ainda, os casamentos e aniversários, dos quais todos participavam como uma grande família.

Nos finais de semana ou feriados era comum a programação de passeios e excursões a cachoeiras ou mesmo a outras cidades próximas, em datas festivas.

Na década de 50, as fazendas de Aarão Reis começaram a ser vendidas e surgiram os primeiros loteamentos, enquanto Belo Horizonte se ampliava para aqueles lados

A falta de um planejamento urbano trouxe como consequência um crescimento desordenado, que pode ser visto nas ruas tortuosas do bairro e na proliferação de favelas, especialmente depois da enchente de 1980.

A construção de grandes eixos viários como o Anel Rodoviário e a estrada de Santa Luzia, acarretou uma fragmentação interna e compartimentação entre os bairros de Aarão Reis, São Paulo, Tupi e 19 de Maio, o que rompeu a continuidade física do conjunto.  
(59-159)

Extinto o matadouro, foi criado o frigorífico SIPA e a FRIMISA - Frigoríficos Minas Gerais S A. no Distrito Industrial de Santa Luzia, além de outras indústrias em Belo Horizonte, como a Fábrica de Tecidos Renascença e a Cedro Cachoeira. Com isto, grande parte da mão-de-obra do bairro foi desviada das atividades locais para empregar-se nas fábricas, inclusive a feminina, que preferiu trabalhar na indústria têxtil para ter carteira assinada e benefícios do INPS.

Esse novo contexto trouxe muitas mudanças de hábitos, comportamentos, costumes e tradições, descaracterizando o perfil da antiga população, que inchou principalmente entre 1970 e 1980, quando teve um acréscimo da ordem de 75.000 pessoas. (58:67-69)

As mulheres, por exemplo, que antes só desenvolviam atividades no lar, passaram a constituir um contingente de operárias, domésticas e funcionárias públicas ou do comércio.

Os homens, por sua vez, buscaram emprego no setor secundário e terciário, sendo em geral biscateiros, operários da construção civil, oleiros ou funcionários públicos.

Ambos, homens e mulheres, são mal remunerados devido à sua baixa qualificação, pois a taxa de analfabetismo é alta (cerca de 40%, segundo dados de 1986).

O bairro adquiriu ao longo do tempo certos equipamentos urbanos como transporte, água, luz, escolas, e desenvolveu um pequeno comércio. Mas apesar destas "vantagens", a população de Aarão Reis pagou um preço alto em termos de qualidade e padrão de vida, hoje bem mais baixos do que a 20 ou 30 anos atrás, muitos vivendo numa condição de quase miséria.

Também a forma de organização da comunidade mudou bastante. Antigamente as conquistas e benfeitorias eram conseguidas através

de pessoas influentes como fazendeiros que traziam políticos até o bairro, ou organizavam comitivas para ir até o prefeito ou governador

Desde o surgimento das associações comunitárias, as reivindicações são encaminhadas pelos grupos organizados que utilizam formas de pressão junto às autoridades, mas a solicitação por melhorias ainda passa por pessoas de influência

Houve mudança significativa, também no que se refere às comemorações, festividades e no lazer da comunidade. Até mais ou menos 1970, havia os festeiros das famílias, e cada qual queria fazer melhor. Depois da criação da associação, as festas passaram a ser promovidas pelos grupos de jovens, comissões, etc

Apesar de muitas comemorações terem permanecido, são organizadas de outra forma e "já não é a mesma coisa", conforme dizem os mais velhos, que se sentem excluídos. A preferência passou a ser pelos bailes com conjuntos musicais estilo discoteca, e pouco restou das manifestações tradicionais

No lazer, a preferência continua a ser o futebol, mas a comunidade se diverte também no volei, na conversa de bar, com a televisão ou o circo que aparece de vez em quando, substituindo as programações que se davam mais no âmbito e na ambiência familiar

Por tudo isto, percebe-se um enorme saudosismo entre os moradores mais antigos do bairro, de certa forma inconformados com tais mudanças, apesar de aceitarem e admitirem a idéia de que com o passar do tempo tudo tem que mudar mesmo, se modernizar.

O Ribeirão do Onça onde se podia pescar, nadar, e tinha águas clarinhas em que as mulheres lavavam roupas e vasilhas, tornou-se um esgoto da prefeitura, descarga da Pampulha, cheira mal e não serve para nada, a não ser para afetar a saúde da população. Outro problema sério foi a instalação de uma fábrica de reprocessamento de óleo diesel às margens do ribeirão, que contribuiu ainda mais para a poluição de suas águas, pois lá se eliminam seus dejetos, e também a poluição do ar pela fumaça que é expelida, o vem causando problemas respiratórios e alérgicos nos moradores.

Quanto à situação escolar, pode-se dizer que é um problema sério no bairro, que conta com apenas três escolas públicas, sendo que só uma delas oferece o 2º grau. Desta forma, a maioria das crianças só faz até a 4ª série, pois a partir da 5ª série suas chances de dar continuidade aos estudos irá depender da existência de vagas em outras escolas no centro da cidade ou em bairros vizinhos.

Segundo dados da "Pesquisa sobre escolarização na Região Norte" (20), realizada pelo Centro Social Frei José Renato e equipe da comunidade, é assustadora a evasão escolar após a 5ª



série por falta de escolas na região e falta de condições econômicas das pessoas para se deslocar

Essa pesquisa teve como objetivo verificar a realidade escolar da Região Norte, e inclui os bairros Aarão Reis, Tupi, Providência, Ribeiro de Abreu, Novo Aarão Reis, Monte Azul e Olaria, abarcando um universo de nove escolas com 6.430 alunos. Destes, 810 crianças (12,3%) transladam para continuar seus estudos de 5ª a 8ª série ou 2º grau sendo que a maioria não passa da 4ª série

A pesquisa foi importante porque conscientizou a população sobre a necessidade de se reivindicar um maior número de escolas para a região, e uniu as associações em torno da discussão de um problema comum a todos. Os dados foram encaminhados aos organismos oficiais como Secretaria de Estado da Educação e Secretaria Municipal de Educação com o pedido de ampliação da rede escolar

Enfim, analisando o contexto sócio-econômico e cultural de Aarão Reis nos dias atuais, pode-se caracterizá-lo como um bairro de periferia de Belo Horizonte, com uma população de baixa renda, a maioria analfabeta e subempregada, carente dos serviços básicos de infraestrutura urbana e com sérios problemas de moradia, saúde, educação, transportes, favelamento, etc

Esta população carente começa a organizar-se e mobilizar-se ainda que informalmente em meados de 1970, coincidindo com a época de expansão do número de movimentos sociais urbanos.

A presença da Ordem dos Dominicanos no bairro foi fator decisivo para impulsionar o movimento comunitário, por seu comprometimento com a classe operária. Com o surgimento da ala progressista da Igreja, da qual os Dominicanos comungam as idéias, houve um corte muito grande da Igreja antiga com a nova, que adotou outras maneiras de relação pedagógica com o povo.

Sob esta nova influência e orientação dos padres e irmãs dominicanas que vieram morar no bairro por volta de 1980, a comunidade começou a se mobilizar e foram criadas a Associação de Amigos do Centro Social Frei José Renato e a SOCUPS - Sociedade Comunitária Unidos para Servir, que se articulam com outros movimentos populares dos bairros vizinhos que constituem a Região Norte: o 1º de Maio, o Guarani, Tupi, Suzana e Ribeiro de Abreu. Foi implantada a Administração Regional Norte e um Conselho Regional, com a finalidade de fortificar e unir os movimentos.

Aarão Reis conta com vários grupos organizados e atuantes, como os GRUPOS DE REFLEXÃO (ligados às Comunidades Eclesiais de Base), para refletir o Evangelho e colocá-lo na prática, de acordo com a realidade vivida, num trabalho conscientizador; o GRUPO DE JOVENS, dividido em equipes para promover no bairro atividades culturais, de esporte e lazer; a PASTORAL OPERÁRIA, com o objetivo de descobrir caminhos de luta junto aos sindicatos para uma melhor situação da classe operária; o GRUCON - Grupo de Consciência Negra, para despertar na comunidade os valores da

cultura negra, o AMABEL - Movimento de Moradores de Aluguel, para conseguir junto à prefeitura terrenos onde as pessoas que pagam aluguel para morar possam construir suas casas, etc. (19)

Uma realização importante dos Dominicanos em Aarão Reis foi a construção do Centro Social do Centro Frei José Renato, que é sede da associação comunitária e conta com serviços médicos, odontológicos e de orientação psicológica, além de promover cursos profissionalizantes através de convênios com instituições como o SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), o SESC (Serviço Social do Comércio) e outros. (2)

O Centro Social oferece, ainda, equipamentos para o lazer da comunidade, como campo de volei e basquete, auditório e biblioteca. É lá, também, que se realizam os bailes e serestas com objetivos de divertir os moradores e arrecadar verbas, que revertem em melhorias para toda a comunidade.

O Centro Social é um espaço amplo em localização privilegiada no bairro, e pode ser considerado um centro de promoção da comunidade, uma agência de educação comunitária, esta entendida,

"... como um processo de capacitação das pessoas para identificação de problemas e necessidades, aspirações e desejos, recursos e potencialidades, e de estruturação de programas-resposta às necessidades e aspirações dessas pessoas, o que vale dizer, da comunidade. Sua essência é a participação e, como processo participativo, se constitui no fulcro do regime democrático - o único compatível com o respeito às liberdades fundamentais do homem" (24:18)

Com esta filosofia de ação comunitária participativa, o Centro Social Frei José Renato atua através de seus diversos grupos já mencionados

Sendo as manifestações artísticas e culturais parte integrante do processo educativo, o Centro Social funciona também como centro cultural, verdadeiro pólo catalizador das pessoas interessadas em expressar sua arte e sua cultura

Desta forma, tornou-se local propício à emergência cultural da comunidade, que pode dar vazão à sua criatividade através do teatro, da dança, da música, literatura, trabalhos de artesanato, etc

O Centro Social já possuía uma biblioteca na área de Teologia de uso exclusivo dos membros da Ordem dos Dominicanos, quando surgiu a idéia de se criar uma biblioteca popular aberta a toda a comunidade

O processo de criação da biblioteca popular contou desde o início com a participação e o envolvimento dos moradores de Aarão Reis e a assessoria de professores da Universidade Federal de Minas Gerais, um deles residente no bairro

Dentro de uma nova linha de pesquisa do Curso de Pós-Graduação da Escola de Biblioteconomia da UFMG, foi elaborado o projeto "Bibliotecas/ação cultural e produção de materiais

audiovisuais", implantado por professores e alunos do mestrado que atuaram como agentes culturais na comunidade.

O projeto foi concebido e definido como " ... a busca de uma metodologia de abordagem, aproximação e convívio com a comunidade para o desenvolvimento de ações culturais através da biblioteca " (69:5), tendo como pressuposto o envolvimento e participação da comunidade no projeto. Somente sentindo a biblioteca como parte integrante do bairro, a comunidade poderia vir a assumir sua gestão e funcionar regularmente depois que a equipe de agentes culturais se retirasse do bairro.

A equipe do projeto foi preparada para adotar uma postura flexível e democrática, sem impor suas idéias e opiniões, e atuar através de um diálogo intenso com a comunidade, favorecendo, orientando, articulando e facilitando suas ações

A proposta da biblioteca foi amplamente discutida com os grupos organizados já atuantes, e sua concepção extrapolou a de uma biblioteca tradicional. A idéia aprovada consensualmente foi a de se criar uma "biblioteca ação cultural" (39:147) que, além de oferecer material de informação e leitura, incentivasse a produção de informação. A biblioteca foi também pensada como local de criação e expressão cultural da comunidade e um espaço de debate e discussão de seus problemas

Desta forma, a atuação da biblioteca sempre se caracterizou por uma participação ativa e dinâmica das pessoas e pela

integração da biblioteca ao movimento comunitário e sua vida cultural

No início do projeto (outubro de 1994) o grupo de pesquisadores se aproximou da comunidade de moradores de Aarão Reis através de visitas informais, observando suas características e buscando se informar sobre os grupos organizados já existentes, lideranças, etc., além de localizar documentação sobre o bairro em órgãos como a prefeitura, na paróquia, arquivos de jornal e registros gerados pelos movimentos comunitários

Em seguida, foram contatadas lideranças formais e informais para esclarecer sobre as razões da presença do grupo no bairro, explicitar os objetivos da proposta de trabalho e sentir as possibilidades de cooperação dos moradores no projeto-biblioteca.

Posteriormente foram marcadas reuniões com os grupos já atuantes na comunidade, como os Vicentinos, os Grupos de Reflexão, Grupo de Jovens, etc., quando se expôs para um público mais amplo a idéia de uma ação cultural através da biblioteca, e pôde-se ouvir deles, suas necessidades e expectativas em relação ao projeto.

Os agentes culturais bibliotecários, pouco a pouco se integraram aos grupos da associação, havendo receptividade e aceitação muito boas. A relação entre comunidade/agentes externos sempre foi muito democrática e as decisões eram tomadas com muita

participação, depois de muito diálogo e troca de idéias.

Através de várias reuniões que se sucederam, a equipe teve condições de apreender a realidade sócio-econômica de Aarão Reis, assim como sua dinâmica cultural, os problemas enfrentados pela população, as formas de lutas e reivindicações, o nível de organização do movimento comunitário, conflitos e relações internos.

Ficou definido claramente que o papel dos bibliotecários como "agentes culturais" na comunidade seria sempre o de levantar questões e discutí-las, tomando todas as decisões num processo participativo. Desta forma, as ações empreendidas sempre se concretizaram através dos agentes culturais/comunidade, com o envolvimento e colaboração efetivos desta última.

O projeto teve em sua fase inicial um curso teórico-prático sobre Biblioteca/Ação Cultural, que incluiu no programa aspectos referentes à função e ao papel da biblioteca como instrumento cultural, e à formação do agente cultural bibliotecário, dando aos participantes conhecimentos sobre técnicas audiovisuais e uso de equipamentos, capacitando-os para a produção deste tipo de material em bibliotecas.

O projeto "Bibliotecas/Ação cultural e produção de materiais audiovisuais" foi um trabalho interdisciplinar que contou com a participação de profissionais da área de Biblioteconomia, Educação, Belas Artes e técnicos do Centro Audiovisual da UFMG,

segundo basicamente três linhas de atuação:

a) Memória da Comunidade

A proposta da biblioteca nesta linha de trabalho teve como objetivo resgatar a memória do Bairro Aarão Reis e foi desenvolvida através de realizações como a gravação de depoimentos de moradores antigos, exposição de fotografias e produção de um audiovisual sobre a história do bairro, que incluiu o papel da biblioteca popular

A gravação dos depoimentos foi feita por uma aluna do Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia, que participou do processo de criação da biblioteca. As pessoas a serem entrevistadas foram indicadas por membros da comunidade que sugeriram vários nomes dentre aqueles considerados mais participantes no bairro, acompanhando suas lutas e mudanças. Entre estes, 10 pessoas foram selecionadas, considerando-se o maior número de indicações feitas (2)

Deste modo, as conversas e depoimentos transcorreram num clima de amizade e aquiescência das pessoas, que estavam informadas sobre os objetivos daquele registro. Outro fator importante para a cooperação espontânea destas pessoas, foi a consciência que tinham do significado de suas falas para o resgate da história do bairro, de forma que ela não se perdesse e fosse passada para os mais jovens.



As fitas gravadas passaram a constituir o acervo da biblioteca e, os trechos mais significativos, alguns dos quais bastante poéticos, foram editados em um programa com duas horas de duração e publicados no trabalho acadêmico da referida aluna, elaborado para a obtenção do grau de Mestre em Biblioteconomia.

Outra realização dentro da linha de "Memória da Comunidade" foi a exposição de fotografias que se intitulou "Aarão Reis - 30 anos de luta", que teve como local a biblioteca. Foram reunidas fotos pertencentes aos moradores e ao fotógrafo do bairro - o Casquinha, sendo depois montadas e expostas pelo CENEX/EB - Centro de Extensão da Escola de Biblioteconomia. A mostra foi muito apreciada e seu aspecto mais importante constituiu-se na identificação pelas próprias pessoas de seus amigos ou familiares nas fotos, além de instigar, fazer relembrar a todos os fatos que marcaram a vida comunitária e sua participação nestes eventos, como a procissão de tijolos, as diversas fases da construção da igreja, as festas religiosas e folclóricas, casamentos, serestas, etc.

À época da exposição foi programada uma audição das fitas na biblioteca, e ambas suscitaram o debate e comentários de vários temas vivenciados e recordados pelas pessoas presentes.

Posteriormente esta linha de "Memória da Comunidade" foi continuada através do CENEX/EB com a produção de um audiovisual, como será descrito em outro momento deste trabalho.

b) Cotidiano da População

Esta linha de trabalho envolveu grande número de atividades com adultos, jovens e crianças, justamente com o objetivo de estreitar as relações das pessoas entre si e com a biblioteca

Especial atenção foi dada às crianças e adolescentes com o intuito de atraí-los à biblioteca, tendo-se incluído em sua coleção literatura de interesse para esta faixa etária, assim como jogos que despertassem sua capacidade lúdica.

Trabalhos na área de arte-educação também foram promovidos com a colaboração de alunos da disciplina "Prática de ensino em Belas Artes" da Faculdade de Educação da UFMG, quando as crianças puderam mostrar sua capacidade de criação e inventividade através de trabalhos artísticos utilizando tintas, argila, sucatas, etc. Foi montado na biblioteca um presépio em argila feito pelas crianças por ocasião do Natal

Foi promovido, ainda, um concurso de redação entre os jovens, que teve como tema o próprio bairro, de forma a levá-los a refletir sobre a realidade em que vivem, os problemas que os afetam. O vencedor do concurso foi premiado com um disco.

Com os adultos a equipe do projeto promoveu atividades com o objetivo de reuni-los na biblioteca de forma que a percebessem e

a considerassem como um local adequado a vários tipos de encontros, reuniões, programações.

A primeira a se realizar foi o bazar de artesanato que ocorreu durante duas semanas consecutivas, quando os artesãos do bairro tiveram oportunidade de mostrar e vender seus trabalhos, além de conversar sobre assuntos da classe, como as dificuldades de comercialização de seus produtos. Houve muita troca de informações sobre como conseguir uma licença na prefeitura para instalar barracas na Feira de Artesanato da Praça da Liberdade, que é a melhor da cidade de Belo Horizonte em termos de vendas. Foi discutida também a possibilidade de se criar uma feira no próprio bairro, se isso seria vantajoso, e quais os requisitos necessários e exigidos pela prefeitura para se obter tal espaço para venda. Foi um momento propício à articulação dos diversos artesãos do bairro, muitos dos quais nem se conheciam antes desta promoção da biblioteca. Montou-se também um pequeno cadastro cuja ficha incluiu dados como nome e endereço do artesão, tipo de trabalho que executa, de forma a facilitar outros contatos entre eles

Junto com as mulheres do bairro a biblioteca realizou um concurso de receitas práticas, com aproveitamento máximo de legumes e/ou sobras de alimentos e que utilizassem ingredientes mais baratos

As três melhores receitas selecionadas e aprovadas como mais gostosas foram premiadas. Esta promoção despertou muito interesse

por seu caráter de economia, o que motivou um grande número de pessoas a participar. O júri que escolheu as receitas mais fáceis, econômicas e saborosas foi composto por mulheres da própria comunidade. Os prêmios foram entregues às vencedoras na biblioteca numa tarde festiva que reuniu todas as concorrentes e outros convidados. Deste modo, a biblioteca conseguiu atingir seu objetivo de agregar um bom número de adultos em seu recinto, procurando-se incentivá-los a vir a frequentar regularmente o local com outras finalidades, como informação e leitura recreativa.

As receitas apresentadas para o concurso foram reunidas num livreto cuja publicação ficou a cargo do CENEX/EB e teve a colaboração de um funcionário da Escola de Biblioteconomia, que datilografou e ilustrou cada receita em páginas separadas. Depois de pronto o material foi reproduzido em xerox e montado, sendo a tiragem distribuída entre pessoas do bairro e vários exemplares doados à biblioteca, passando a integrar seu acervo.

#### c) Informação utilitária

No decorrer de várias reuniões com os grupos organizados da associação de bairro, foi detectada a demanda de informação para a resolução de problemas no dia-a-dia da comunidade, que manifestou necessidade de se informar sobre várias questões. Foi discutida a proposta de criação de um Serviço de Informação

Utilitária na Biblioteca, chegando-se a um consenso de que seria de grande importância e valia sua implantação.

A primeira etapa do trabalho foi o levantamento das necessidades de informação dos moradores, realizado na Plenária Mensal, reunião que conta com a participação de todos os Grupos de Reflexão. As solicitações feitas pela comunidade foram anotadas numa lista que incluiu informações referentes a agências de emprego, preenchimento de documentos, postos de saúde, cartórios, imposto de renda, policiamento, cursos profissionalizantes, leis trabalhistas, informações sobre alimentos, como fazer reclamações, etc.

A segunda etapa foi a busca dessas informações, para o que foram contatados órgãos governamentais como Secretarias de Estado do Trabalho, da Educação, da Saúde, Agricultura e Administração, além do Serviço de Informações Municipais da Prefeitura de Belo Horizonte e o PROCON - Programa Estadual de Proteção ao Consumidor. Foi reunido considerável número de folhetos informativos para dar início à prestação do serviço, os quais deveriam ser continuamente renovados.

Com o término do prazo previsto para o projeto, estas informações foram armazenadas na biblioteca sem uma organização que possibilitasse sua efetiva utilização.

Vários fatores dificultaram o oferecimento do serviço pois a biblioteca não funcionava regularmente, ficando a cargo de uma

pessoa voluntária que trabalhava apenas 2 horas por dia.

Apesar disto, tendo-se concluído com as lideranças do movimento comunitário sobre a utilidade do serviço e importância de ser continuado, coube ao CENEX/EB levar adiante o trabalho

A primeira providência foi a de atualizar as informações anteriormente coletadas junto aos diversos órgãos, tarefa que foi delegada a um pequeno grupo de pessoas. Outros órgãos, agências e entidades públicas e privadas serão continuamente contatados, especialmente os que oferecem recursos para o desenvolvimento de programas em comunidades

Quanto à organização das informações para uma rápida recuperação, optou-se por um arquivo de fichas com palavras-chave seguindo uma ordem alfabética para facilitar a busca.

Tendo o Centro Social conseguido uma pessoa para ficar encarregada pela biblioteca durante a parte da tarde, o trabalho pôde ser realizado sob nossa orientação, mas sempre com participação e sugestões do grupo de trabalho.

O Serviço de Informação Utilitária foi divulgado pelo pároco nas práticas religiosas da igreja, através do jornalzinho da comunidade e do carro-biblioteca, que visita o bairro uma vez por semana.

Algum tempo depois, novo levantamento de necessidades de informação foi realizado por alunas do Curso de Graduação em Biblioteconomia, que atualizaram as informações e alimentaram o arquivo com novos itens. As alunas confeccionaram, também, cartazes com algumas informações para serem afixados no Centro Social e divulgar o serviço.

Estas três linhas de atuação acima descritas constituíram o projeto "Bibliotecas/ação cultural e produção de materiais audiovisuais" que desenrolou-se no período de outubro de 1984 a janeiro de 1985.

Como professora da Escola de Biblioteconomia da UFMG e membro do CENEX, nossa participação como agente cultural no projeto teve início junto com a equipe de alunos e professores do mestrado e foi continuada após o término considerado de implantação, desenvolvendo vários outros trabalhos na mesma linha originalmente adotada de ação cultural bibliotecária.

Através do CENEX/EB foi possível incluir Aarão Reis no roteiro do carro-biblioteca, que passou a visitar semanalmente o bairro a partir de maio de 1985, a fim de complementar o acervo da biblioteca popular, levando livros de literatura para adultos, jovens e crianças.

O carro-biblioteca foi divulgado através de cartazes colocados em pontos estratégicos do bairro como farmácias, mercearias, bares, etc., nas escolas e na igreja, onde era também

anunciado pelo padre nas práticas religiosas. Posteriormente, com a reativação do jornalzinho do bairro, este serviu também como veículo de divulgação do carro-biblioteca.

Foi feito um contato com as supervisoras das escolas e marcada uma reunião na biblioteca popular do Centro Social. Nesta ocasião foram discutidas questões relativas ao ensino e ao desenvolvimento de atividades de leitura, estudando-se possibilidades de atuação conjunta entre as escolas/biblioteca/carro-biblioteca.

A partir deste contato, visitamos pessoalmente cada uma das escolas e conversamos com várias professoras a fim de tomar conhecimento dos programas das disciplinas e tentar relacionar as atividades curriculares com as atividades de leitura da biblioteca e do carro-biblioteca. O encontro deu bons resultados, e a partir dele foram programadas idas de algumas turmas da escola no local de parada do carro-biblioteca, buscando-se através da leitura, complementar o conteúdo das matérias integrando, desta forma, o trabalho escola/biblioteca.

Outro projeto que desenvolvemos seguindo a linha de "Memória da Comunidade" foi a produção de um audiovisual sobre a história de Aarão Reis e o papel da biblioteca no bairro.

Esta idéia foi amplamente discutida e depois aprovada pelo Grupo de Jovens que participou ativamente das várias etapas de



produção do audiovisual, atuando junto com um professor da Escola de Biblioteconomia da UFMG e um técnico do Centro Audiovisual da UFMG, que se encarregou da direção do trabalho.

O objetivo básico do audiovisual foi o de contribuir no processo de organização e mobilização da comunidade, assim como de mostrar as possibilidades da biblioteca neste processo.

O audiovisual foi a tecnologia que serviu como instrumento e canal de comunicação para a comunidade se fazer ouvir, emitir suas opiniões e expressar suas idéias utilizando sua própria estética

Com o grupo foram feitas várias reuniões onde se procurou conhecer sua concepção sobre a biblioteca, o papel que deveria desempenhar na comunidade e as expectativas existentes

A partir destes encontros foi-se definindo e delineando a mensagem que o grupo queria transmitir de acordo com os objetivos propostos e o público a ser atingido, concluindo-se pela necessidade de alguns levantamentos.

As tarefas foram divididas e o grupo desenvolveu uma pesquisa sobre a história do bairro utilizando material de depoimentos dos moradores antigos, e pesquisa documental em órgãos governamentais e na comunidade.

Algumas dificuldades surgiram no decorrer do trabalho, devido a mudanças de pessoas no grupo e problemas de compatibilização de horários, em razão dos compromissos das partes envolvidas - biblioteca, comunidade e pessoal da Universidade. Apesar disso, conseguiu-se levar o trabalho a contento, com razoável nível de participação.

Tendo a matéria reunida, elaborou-se o roteiro para o audiovisual, que foi analisado e discutido por todos antes de ser aprovado.

Foi feito também um levantamento de material fotográfico já existente que documentasse o bairro, suas festas e acontecimentos, e este material foi conseguido através de um antigo fotógrafo da comunidade, que gentilmente cedeu as fotos.

Quanto à parte sonora, a idéia era utilizar músicas de compositores locais, o que infelizmente não foi possível devido a limitações de tempo e dificuldades de conciliação de horários para a gravação.

A seleção do material fotográfico foi feita pelo grupo dentre as fotos antigas e aquelas tiradas por ocasião das atividades desenvolvidas na biblioteca, que foram todas registradas

Na apresentação do audiovisual foram utilizados desenhos produzidos pelas crianças da comunidade, a partir de estórias contadas na biblioteca.

A montagem final foi realizada nos estúdios do Centro Audiovisual da UFMG. Foi um trabalho interdisciplinar elaborado em conjunto com a equipe técnica do Centro Audiovisual (direção, fotografia, sonoplastia e criação artística), o que propiciou uma rica troca de experiências. O audiovisual teve também como finalidade motivar a comunidade para o registro de suas manifestações culturais e capacitar tecnicamente os moradores do bairro para futuras produções, assim como trazer para o âmbito da Universidade elementos para a discussão sobre a ação cultural bibliotecária.

Depois de concluído o audiovisual tornou-se um meio de auto-conhecimento da comunidade, levando-a a refletir sobre suas condições de vida, constatar seus diversos problemas e identificar suas dificuldades e necessidades. Para cumprir seu objetivo de instrumento mobilizador, o audiovisual foi exibido em reuniões dos diversos grupos existentes, cada qual servindo-se do material de diferentes maneiras, de acordo com a dinâmica de trabalho por eles escolhida.

O audiovisual foi exibido dentro da programação geral da 1ª Feira Popular do Centro Social Frei José Renato, que constou de várias outras atividades, conforme apresentamos a seguir:

PROGRAMAÇÃO GERAL DA 1ª FEIRA DE CULTURA POPULAR DO CENTRO SOCIAL  
FREI JOSÉ RENATO - BAIRRO AARÃO REIS

SEXTA-FEIRA (19/12/86)

- 19:30 - Abertura
- 20:00 - Audiovisual sobre a memória do Bairro Aarão Reis  
Abertura das salas de exposição e mural de poesias
- 20:30 - Apresentação do GRUCON
- 21:30 - Show musical

SÁBADO (20/12/86)

- 9:00 - Abertura das salas de exposição e mural de poesias  
Manhã de recreação infantil
- 14:00 - Apresentação de grupos folclóricos
- 20:00 - 1ª eliminatória do Festival de Música

DOMINGO (21/12/86)

- 9:00 - Abertura das salas de exposição e mural de poesias  
Torneio de volei
- 16:00 - Show musical sertanejo
- 19:00 - Apresentação de peça teatral
- 20:30 - Final do Festival de Música

Desta programação, o "Mural de poesias" e as exposições aconteceram na biblioteca que reuniu, selecionou e mostrou os trabalhos enviados e que promoveu também a "Manhã de recreação infantil". Neste dia o carro-biblioteca da EB/UFMG esteve presente desenvolvendo atividades de leitura e de expressão criativa, ocasião em que as crianças ilustraram as histórias contadas através de trabalhos de pintura à guache, havendo depois uma dramatização.

Também a apresentação da peça teatral foi um trabalho desenvolvido pela biblioteca com o Grupo de Jovens. A concretização desta proposta de se criar um grupo de teatro foi efetivada, graças à colaboração de um funcionário do CENEX/EB que

é ator e diretor com vasta experiência. O Sr. Ildeu Rocha iniciou o trabalho dando um pequeno curso com orientações e "dicas" sobre teatro, e levou alguns textos para o grupo escolher, ensaiar e representar. Foram selecionados, um para a apresentação de um jogral à época natalina, e uma peça - "Os Saltimbancos", de Chico Buarque de Holanda, para ser encenada na 1ª Feira de Cultura.

Encontros foram realizados com o grupo durante dois meses para os ensaios, e o próprio elenco confeccionou o cenário e o guarda-roupa da peça, que foi apresentada no auditório do Centro Social

O jogral teve sua encenação na igreja, durante a missa do Natal de 1986 e, na mesma época, no pátio da igreja do bairro vizinho Ribeiro de Abreu, com projeção de slides em uma tela improvisada com um lençol branco

Outra proposta que se efetivou através da biblioteca em trabalho conjunto com o Grupo de Jovens foi a reativação do jornal da comunidade - o "Editorial JUVIC", a muito tempo interrompido por falta de recursos e de orientação

Segundo FERNANDES & OLIVEIRA,

" o jornal popular é uma nova concepção de comunicação da organização política dos trabalhadores... ligar reflexão e ação, teoria e prática... a relação jornal/leitor deve ser ativa, a partir de um conceito dinâmico de cultura". (32)

Dentro desta concepção, realizamos para o grupo uma explanação sobre os itens a serem observados na publicação, como título, logotipo, periodicidade, matérias, diagramação, forma de publicação, tiragem, etc.

O grupo definiu que o objetivo do jornal seria o de dar notícias de interesse popular e principalmente informar a comunidade sobre seus movimentos e lutas, além de divulgar notícias em âmbito nacional e mundial. O jornal teria também como objetivo proporcionar lazer aos leitores, incluindo seções de humor, música, poesia, etc., com a colaboração de pessoas da própria comunidade.

Em reuniões posteriores ficou definida a estrutura do jornal, que teria um editorial, seção de notícias gerais e da comunidade, seção de poesias, de humor e música, e outras variadas, como entrevistas, receitas, utilidade pública, etc. Definiu-se também o formato do jornal, tipo de papel a ser usado, distribuição da matéria, etc.

O trabalho foi dividido entre o grupo, cujos membros seriam os colaboradores de cada seção e as tarefas e responsabilidades foram distribuídas - por exemplo: uma pessoa ficou encarregada da venda de publicidade para os comerciantes do bairro, outra pelo título, logotipo e ilustrações do jornal, outro pela seção de poesias, etc.

Ficou determinado que a periodicidade do jornal seria mensal, com uma tiragem de 200 exemplares, e que seria feito em mimeógrafo, por ser o meio mais barato. Os custos seriam cobertos pela venda de publicidade, venda do jornal e colaboração do CENEX/EB no fornecimento de material. O próprio grupo ficou encarregado <sup>da</sup> pela distribuição e venda do jornal.

Várias outras ações foram empreendidas pelo CENEX/EB junto ao movimento associativo do Centro Social e a biblioteca, buscando - se dar um impulso para o seu pleno funcionamento com a colaboração e envolvimento da comunidade.

Neste sentido foram tomadas providências junto a órgãos oficiais, através do encaminhamento de ofícios.

Como a Diretoria de Bibliotecas da Secretaria de Estado da Educação é responsável pela implantação de bibliotecas escolares - comunitárias em Belo Horizonte e no interior, foi solicitada a inclusão da biblioteca do Centro Social no programa, já que dispunha dos pré-requisitos demandados pelo órgão. O pedido foi encaminhado com um abaixo assinado dos moradores, mas devido ao grande número de comunidades mais carentes na espera e limitação de recursos, não pôde ser atendido.

Através da 1ª Delegacia Regional de Ensino de Belo Horizonte, que coordena o "Programa Salas de Leitura", conseguiu-se a doação de uma coleção de livros infanto-juvenis para a biblioteca.

Tentou-se, ainda, conseguir um bibliotecário para trabalhar na biblioteca por meio de convênio com a Secretaria de Educação da Prefeitura, mas não fomos atendidos devido ao pequeno número de profissionais no quadro municipal.

Posteriormente, obtivemos a doação de uma bolsa de estudos pela Associação de Bibliotecários de Minas Gerais, para que a responsável pela biblioteca fizesse o curso de "Auxiliar de Bibliotecas", o que ajudou bastante para que ela executasse com mais facilidade suas tarefas.

Apesar de nem todas as tentativas terem dado resultados positivos, foi importante acionar estas fontes de recursos no sentido de informar a comunidade sobre os órgãos a que deve se dirigir para conseguir reivindicações.

Quanto a parte de organização da biblioteca, o trabalho de catalogação e classificação do acervo foi feito sob nossa supervisão pela encarregada da biblioteca, que depois de fazer o curso de treinamento teve facilidade em executar a tarefa. Optou-se por um processamento simplificado e um catálogo de autor e título, fácil de consultar. Enquanto o trabalho se desenvolvia, eram esclarecidas as dúvidas que surgiam, feitas as conferências e corrigidos possíveis enganos.

A biblioteca popular do Centro Social não emprestava livros



porque estes não estavam organizados, e não se dispunha de uma pessoa que pudesse fazer o controle do material. Depois que a biblioteca passou a funcionar regularmente e organizamos sua coleção, foi elaborado o regulamento da biblioteca e implantado o serviço de empréstimos.

A biblioteca passou a prestar outros serviços como o de auxílio à pesquisa escolar, para o qual foi de grande utilidade a organização do arquivo de recortes, também sob nossa orientação e supervisão

O arquivo foi montado a partir de material recortado de revistas, jornais e suplementos, sobre assuntos demandados pelos usuários pela observação da encarregada da biblioteca, em geral os de pesquisa, solicitados pelos professores para trabalhos escolares. Os recortes foram separados em pastas, cada uma com uma palavra-chave representando o assunto que, deste modo, pode ser facilmente localizado - por exemplo, energia nuclear, índio, constituinte, AIDS, etc., sendo as pastas organizadas por ordem alfabética.

O desenvolvimento do projeto no Bairro Aarão Reis seguiu as três linhas de atuação já descritas, num período de tempo limitado, de outubro de 1984 a janeiro de 1985. Sabendo-se antecipadamente desta curta duração projeto, fomos convidadas a participar de sua implantação para que pudéssemos dar continuidade à ação cultural bibliotecária iniciada; através do Centro de Extensão da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

Deste modo, nosso trabalho em Aarão Reis estendeu-se a partir de 1985 permanecendo de forma mais intensa até o final de 1986, quando foi finalizada a produção do audiovisual, e houve sua apresentação na 1ª Feira de Cultura Popular do bairro. No entanto, nossa atuação continua através do CENEX/EB prestando assessoria e acompanhando as atividades da biblioteca, e oferecendo à comunidade o serviço de carro-biblioteca, que visita o bairro uma vez por semana ampliando as possibilidades de leitura dos usuários da biblioteca com um acervo diversificado. Esta continuidade foi possível graças à colaboração e envolvimento dos membros do CENEX/EB (professores, funcionários e estagiários) que atuaram no período como agentes culturais junto à comunidade, dando condições para que ela ganhasse autonomia e caminhasse com suas próprias pernas.

Deste modo, o projeto inicial cumpriu seu objetivo de acionar um processo de ação cultural através da biblioteca popular integrada à comunidade, visto que ela passou a desenvolver novos projetos e os moradores assumiram efetivamente sua gestão e manutenção.

Os trabalhos iniciados/retomados pelo CENEX/EB junto à comunidade, como o jornalzinho, o grupo de teatro, o Serviço de Informação Utilitária, o arquivo de recortes, etc., foram continuados o que comprova a eficácia da ação cultural propulsora dos agentes

O relacionamento dos agentes culturais bibliotecários/comunidade sempre foi o melhor possível, o que confirmou o êxito da metodologia adotada, de uma aproximação, vivência e convivência com os moradores, o que contribuiu sobremaneira à grande participação, colaboração e envolvimento de todos.

Devido ao longo período de duração do projeto, este relacionamento pôde estreitar-se e aprofundar-se em diversos níveis, obtendo-se a confiança e aceitação por parte da comunidade

O financiamento para o projeto "Bibliotecas/ação Cultural e produção de materiais audiovisuais foi conseguido através do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - para o período anterior a 1985. Desta data em diante, as ações se desenvolveram com recursos provenientes do Centro Social Frei José Renato, do Conselho de Pesquisa da UFMG, que financiou o audiovisual, e do Centro de Extensão da EB/UFMG, que participou com pessoal e colaborou fornecendo material de consumo (papel, lápis, caneta hidrocor, fichas de catalogação, etc.)

Quanto ao desempenho dos bibliotecários como agentes culturais, pôde-se mostrar algumas dificuldades e detectar pontos fracos em sua atuação. Observou-se que o despreparo para lidar em determinadas áreas certamente advém de sua formação, cuja ênfase maior é a técnica. Deficiências desta ordem poderiam ser sanadas

com a inclusão de novos itens nos programas das disciplinas do Curso de Biblioteconomia, tais como literatura infanto-juvenil, técnicas para trabalhar a leitura, cultura popular, ação cultural, uso de multimeios em bibliotecas, etc.

Apesar disto, nossos objetivos puderam ser alcançados através do desenvolvimento do projeto com uma equipe interdisciplinar, que envolveu profissionais das áreas de Educação, Belas Artes, Comunicação e Técnicos do Centro Audiovisual da UFMG. A ação cultural não é um trabalho isolado, e deve dispor de profissionais qualificados e preparados para atuar junto aos grupos comunitários. Esta prática, além de exigir um posicionamento político do profissional, visto que é uma opção por trabalhar com a camada menos privilegiada da sociedade, requer disponibilidade e envolvimento muito grandes. Como "agente externo", o bibliotecário precisa conquistar a simpatia e o apoio dos grupos, enfim, sua aceitação para o trabalho conjunto, devendo se integrar totalmente à dinâmica do movimento comunitário como um de seus membros.

Muitas vezes é difícil conciliar horários, apesar do grau de compromisso de ambas as partes - agentes externos/comunidade, e vez ou outra ocorrem desencontros que podem interferir no ritmo dos trabalhos, nível de interesse, dedicação e colaboração. Mas no final, a experiência é muito rica e compensadora tanto para os agentes como para os membros da comunidade, por ser uma oportunidade de crescer tanto individual como coletivamente.

### 3.3 Projeto Museu Fluvial do Rio São Francisco

Finalizando este capítulo, o dos relatos de experiências passamos a narrar nossa participação no Projeto Museu Fluvial do Rio São Francisco, que se realizou em duas etapas - dezembro de 1986 e agosto de 1987. Nosso relato se refere ao 2º trajeto do Museu Fluvial, quando tivemos oportunidade de coordenar uma equipe de bibliotecários que executou junto a profissionais de outras áreas um trabalho de ação cultural em 5 cidades do Vale do São Francisco: Pirapora, São Romão, São Francisco, Januária e Manga.

O Museu Fluvial foi um projeto concebido dentro da política da SEC - Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais de estender sua ação às regiões mineiras onde os índices de carência econômica, social e cultural são mais críticos. Através da Superintendência de Museus foi possível concretizar o Museu Fluvial numa perspectiva de museu vivo e dinâmico, tendo-se considerado para a escolha do Vale do São Francisco suas características de via navegável e região de pluralidades culturais.

Com o apoio do Ministério dos Transportes, a FRANAVE - Companhia de Navegação do São Francisco reformou em 1985 o vapor "Benjamin Guimarães" - há muito encostado no porto de Pirapora e já apodrecendo, que serviu de base móvel para o trabalho itinerante do Museu Fluvial. O "Benjamin Guimarães" foi construído nos Estados Unidos em 1913 pela Companhia James Rees. Adquirido

quatro anos depois de sua estréia nas águas do Rio Mississipe pela Amazon River Plate & Co., a imponente embarcação navegou por diversos rios da bacia amazônica antes de se integrar, no final da década de 20, à frota de um outra empresa de transportes, a Júlio Mourão Guimarães, sediada em Pirapora, Minas Gerais. Desde então, se manteve fiel ao "Velho Chico", subindo e descendo incansavelmente as esverdeadas águas que ligam Pirapora a Juazeiro, na Bahia.

O São Francisco por sua grande extensão é chamado o "Rio da Unidade Nacional", com seus 2.624 km cortando os Estados de Minas Gerais e Bahia, separando os Estados da Bahia de Pernambuco e Alagoas, e este último do de Sergipe. Portanto, trata-se de um rio genuinamente brasileiro, ligando duas áreas de maior densidade demográfica do país: o Sudeste e a Zona da Mata Nordestina. É um rio típico de planalto com trechos navegáveis entrecortado de corredeiras e cachoeiras, entre elas a de Paulo Afonso e Itaparica. Por sua topografia plana com planícies em todo seu percurso, a região banhada pelo rio foi denominada "Vale da Integração Nacional".

Duas barragens foram construídas ao longo do rio, a de "Três Marias" no curso superior, que produz energia e contribui para regularizar a descarga fluvial, e a de "Sobradinho", no Estado da Bahia. A CHESF - Companhia Hidrelétrica do São Francisco, é a empresa estatal que explora e distribui sua energia para o Nordeste brasileiro.

O Vale do São Francisco abriga em sua longa extensão graves desniveis regionais e sociais, com extensos latifúndios intercalados com pequenas propriedades rurais. A região Sul do vale é privilegiada, com uma comunidade bastante desenvolvida, o Centro é um imenso vazio e, o Norte tem uma população pobre, às vezes desprovida dos mínimos requisitos de sobrevivência humana.

Quanto aos aspectos físicos, o clima do vale apresenta uma temperatura média de 20º e chuvas variáveis, com uma baixa umidade relativa do ar que favorece a implantação de várias culturas. O vale é bastante rico em recursos hídricos, minerais e florestais, predominando os cerrados, de árvores tortuosas, além das matas secas, de vegetação mais densa e retilínea, com ótimas madeiras, como a aroeira e o pau d'arco; a caatinga, com arbustos espinhosos e leguminosas; e os capões do mato, que margeiam as encostas. A população do vale tem se dedicado a inúmeras atividades como a extrativista, a fluviária, as de caça e pesca, tendo sempre predominado uma pecuária extensiva, que por sua importância Capistrano de Abreu denominou de "ciclo do couro" se referindo à civilização regional lá estruturada no período colonial.

Apesar de toda essa riqueza, vários fatores impediram o desabrochar do vale, entre eles a falta de uma via de penetração ao longo do rio. A princípio, julgava-se que o vale era todo navegável e esta possibilidade inviabilizou propostas alternativas de se construir uma estrada margeando o rio. Mais tarde foi que se percebeu a fragilidade da via fluvial devido à

movimentação dos bancos de areia e flutuação do nível com as enchentes.

O vapor é, há mais de meio século, a embarcação utilizada no Rio São Francisco para transporte de cargas e passageiros, sendo movido à lenha com grande roda na popa. Além de valioso patrimônio da cultura e da história do Vale do São Francisco, o vapor é reconhecidamente o símbolo da relação homem-rio e símbolo da integração da cultura local.

Desde que navega nas águas do "Velho Chico", o vapor teve seu papel na história e na política da nação, sendo que na 2ª Guerra Mundial foi amplamente utilizado para o transporte de tropas do Exército Brasileiro, levando os pracinhas que se dirigiam ao litoral de Pernambuco e do rio Grande do Norte para o patrulhamento das costas do Brasil, e para a viagem de ida da Força Expedicionária à Itália. (65)

A população ribeirinha se identifica de tal forma e tem tamanha intimidade com a embarcação que trata os vapores por nomes abreviados e apelidos, mostrando sua afetividade.

O "Benjamin Guimarães", por exemplo, é simplesmente conhecido e chamado de "Benjamin" e junto com o "São Francisco" (destruído por um incêndio no porto de Pirapora em 1984) receberam o apelido de "os americanos" por sua origem.



Nos áureos tempos de navegação as empresas sediadas no Vale do São Francisco possuíam uma frota expressiva de vapores, com cerca de 40 embarcações, das quais só resta uma - o "Benjamin Guimarães" que após reformado passou a ser utilizado para o turismo fazendo viagens de Pirapora a Juazeiro ou passeios curtos até a Barra do Guaicuí. A restauração do vapor pela FRANAVE foi feita após acurado trabalho de pesquisa, observando suas características originais do início do século e buscando proporcionar maior conforto aos passageiros e tripulação.

A razão do "Benjamin Guimarães ter sido escolhido como base móvel para o Projeto Museu Fluvial do Rio São Francisco decorre do fato de ser ele um testemunho histórico e artístico, principal elemento de ligação do vale e memória viva de um século de navegação do São Francisco, servindo assim como instrumento para o objetivo de integração das cidades ribeirinhas no processo de desenvolvimento cultural.

A concepção do projeto foi a de promover uma ação museológica participante com o envolvimento da comunidade, vinculada à idéia de museu-processo, cujo papel seria gerar uma ação cultural nas cidades ao longo do vale.

O museu-processo além de um trabalho sistemático de identificação, conservação e comunicação do patrimônio cultural, tem por fim atuar como um agente conscientizador, um instrumento de releitura do mundo que permita uma interpretação dos testemunhos históricos.

Desta forma, o museu proposto pelo projeto teve como objetivo intervir na realidade e com um novo compromisso...

"... de ultrapassar a identificação da cultura com manifestações e produções artísticas ou artesanais tradicionais e com produções elitizadas de obras e eventos, para chegar a um conceito mais abrangente, capaz de incluir a sistematização das experiências sociais nos campos da economia, da política e dos arranjos sociais da sobrevivência..." (54:4)

O documento original da SEC/Superintendência de Museus referente ao Museu Fluvial do São Francisco, reflete bem a filosofia adotada em sua concepção, e demonstra as diretrizes estabelecidas pela SEC em sua política cultural.

"'Preservar pressupõe um projeto de construção do presente'.

Face a um processo de desenvolvimento concebido como processo de "modernização", que tende a não valorizar os traços culturais e até mesmo nos estimula a esquecê-los, torna-se cada vez mais necessário trabalhar para a preservação de bens materiais e símbolos essenciais à vida e à identidade de uma região, possibilitando a retomada e o desenvolvimento de sua produção, quando esta se mostra importante para a população.

Para uma comunidade, essa forma de reconhecimento de um patrimônio cultural e a perspectiva de dominá-lo em seu proveito, quando não chegam a constituir uma maneira de resistir culturalmente à importação e à imposição de valores e modelos ditos modernos, pelo menos a tornam capaz de conferir ao desenvolvimento uma feição particularizada que lhe permite participar da decisão de seu próprio destino.

Para um trabalho nesse sentido, o que se deve procurar preservar não são só objetos ou artefatos, obras arquitetônicas ou urbanísticas, mas também algo mais próximo da gente: uma memória corporal, fisionômica, uma memória da percepção, do jeito de olhar e andar, das maneiras de comer (de vestir, etc.), do despertar do sexo... todas estas coisas estão naturalmente ligadas à percepção de um espaço. Lugares e

objetos são evocados como sinais topográficos e vasos recipientes da história da sensibilidade e da formação das emoções'. Um museu deve não só conter mas sistematizar esses sinais, essas referências, num trabalho dinâmico com a comunidade: é tempo de se fazer um museu com a comunidade e não para a comunidade'. No vale do São Francisco o rio é, evidentemente, o elemento que aglutina mais referências de identidade da região, pois para ele convergiram todas as atividades: econômicas, sociais, culturais. A barcaça é a possibilidade de deslocamento pelo curso do rio, na dimensão presente/passado. Ir e vir, embarcar e desembarcar: a dinâmica da região, através da qual poderemos perceber "esse movimento de criação, transmissão e reformulação" que é a cultura. E com base na cultura, refletir com seus produtores locais, politicamente organizados, as questões vitais da região: o ambiente natural e construído, a saúde, o trabalho, as tecnologias populares, o artesanato, a religiosidade, o lazer, os costumes, a vida familiar, a alimentação, o vestuário, entre outros". (54:2-3)

Aquilo que o projeto do Museu Fluvial propôs, portanto, foi uma forma deliberada de intervenção na realidade através de agentes culturais que com seus conhecimentos e técnicas poderiam acionar o processo cultural no Vale do São Francisco, enfim, criar as condições, dar a partida para este processo deslançar. Sem querer substituir as forças sociais, a proposta dos agentes culturais foi a de ordená-las e motivá-las na busca de alternativas próprias, de forma a assumirem a instância decisória do agir cultural. Desta forma as populações ribeirinhas passariam a ter condições de exigir do Estado o cumprimento de seus deveres na área cultural observando as necessidades específicas definidas pelas próprias comunidades; e a executiva do projeto teria a função de mediar as relações entre o Estado e a sociedade na circulação das ações culturais.

Dentro desta filosofia e com uma proposta de trabalho bem delineada e explicitada, foram estabelecidos os seguintes objetivos para o Museu Fluvial:

#### "OBJETIVO GERAL

- Implantar um museu com características especiais, na região do Vale do São Francisco.  
O museu consistirá de bases fixas, de apoio, coordenação e execução sediadas nas cidades de Pirapora, Januária, São Francisco, São Romão e Manga; e de uma base móvel, representada pela barcaça "Benjamin Guimarães", de propriedade da FRANAVE, destinada a exposições itinerantes e ações culturais, ao longo do curso navegável do Rio São Francisco no Estado de Minas Gerais. Poderão ser compatibilizados cronogramas reduzidos de turismo.

#### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Incentivar a pesquisa da vida cultural das populações ribeirinhas na dimensão presente/passado, através da introdução da metodologia de pesquisa participante.
- Recuperar, pela reflexão conjunta, valores de uso e simbólicos da produção cultural, possibilitando que o patrimônio possa ser desenvolvido e se torne um elemento circulante na ação cultural e o próprio alicerce desta.
- Preservar e difundir a produção cultural que é própria das classes populares, garantindo seu acesso a instrumentos que facilitem essa produção e permitam sua comunicação e transmissão.
- Estimular a população a dar continuidade, de forma cada vez mais independente, à ação cultural proposta.
- Incentivar o uso do patrimônio cultural para subsidiar de forma positiva o planejamento e a consumação do desenvolvimento econômico, político e social das comunidades envolvidas, entendendo-se a cultura como um operador da realidade em condições de captar as práticas e soluções engendradas pelos diversos segmentos da sociedade, bem como suas carências, anseios e possibilidades e, sobre estes conhecimentos, descobrir vias alternativas para um desenvolvimento coerente e não subordinado". (54:5-6)

A metodologia escolhida para o desenvolvimento do projeto foi a pesquisa participativa na qual a comunidade se envolveu em praticamente todas as etapas, buscando seu autoconhecimento. Esta metodologia difere da pesquisa de tipo tradicional porque nela os membros participantes não são considerados objetos de pesquisa, mas serão os próprios sujeitos das ações que irão transformar a realidade, a partir da percepção e conhecimento que possuem de si mesmos.

A equipe do 1º trajeto do Museu Fluvial contou com 24 técnicos, sendo que da SUM - Superintendência de Museus participaram a Superintendente de Museus, o coordenador do projeto, uma museóloga, um geógrafo e uma historiadora. Os outros técnicos foram das áreas de multimeios, jornalismo, fotografia, música, medicina, enfermagem, literatura, além de professores de 1º grau e funcionários das delegacias regionais de ensino do vale que se dispuseram a integrar a equipe.

Dentre estes técnicos foi retirado um grupo para realizar diagnósticos por terra antes da realização da 1ª viagem do vapor, tendo sido proposto que os levantamentos seriam feitos com o envolvimento e colaboração de membros das 5 cidades a serem visitadas: Pirapora, São Romão, São Francisco, Januária e Manga. Foram contatadas instituições culturais, associações de moradores, sindicatos, movimentos culturais organizados, sociedades de artesãos, lideranças comunitárias, etc. para que pudessem participar da elaboração das metas do projeto.

O grupo contatou, também, órgãos oficiais como a FRANAVE, prefeituras locais, secretarias municipais de cultura, casas/centros de cultura, de forma a estabelecer acordos de cooperação para se criar a infraestrutura do projeto nas cidades.

Através de várias reuniões, os grupos constituídos puderam estabelecer e priorizar metas de acordo com as demandas e expectativas das populações. Cada comunidade criou uma "Comissão Municipal", que levantou suas prioridades nas áreas de cultura, ecologia, preservação, cultura popular, educação, saúde e artesanato, e encaminhou sugestões de atividades à executiva do projeto através das prefeituras municipais em forma de documento. Além das sugestões, foi incorporado a esta contraproposta um calendário anual de eventos folclóricos e religiosos das cidades. Dentre as sugestões foram relacionados cursos, encontros pedagógicos, debates, seminários, biblioteca ambulante, oficinas de arte e artesanato, exposições, criação e/ou reativação de corais, bandas e orquestras, criação de grupos de teatro, apresentações de danças, difusão e valorização do artesanato, criação de museus e casas de cultura, incentivo de grupos folclóricos, etc. Outros dados sobre a vida econômica, política, social e cultural do Vale do São Francisco foram coletados pela museóloga da SUM que foi convidada a participar da 1ª viagem inaugural do vapor depois de restaurado.

A partir das sugestões das comunidades, o Projeto Museu Fluvial do Rio São Francisco propôs uma atuação abrangendo os seguintes campos de ação cultural:

a) Campo dos bens culturais tradicionais

Identificação das diferentes formas de cultura através do registro de cada evento e posterior discussão destes itens com segmentos expressivos das comunidades. Implantação de sistemas de circulação dos bens culturais de forma a torná-los acessíveis a um círculo sempre mais amplo da sociedade.

b) Campo da cultura econômica

Inclusão das questões econômicas como objeto de elaboração cultural e identificação de todas as práticas e experiências econômicas alternativas existentes nos municípios e/ou na região. Circulação das experiências e dos conhecimentos para que possam ser difundidas e discutidas.

c) Campo da cultura política

Identificação das manifestações políticas contidas nos diferentes eventos, movimentos e fatos culturais e promoção do encontro das diversas forças políticas que cruzam de algum modo com a realidade cultural, como movimentos culturais de bairro e independentes, associações de classe, entidades religiosas, etc. Tentativa de facilitar as mediações do Estado com a sociedade civil na área da cultura, subsidiando e contribuindo para o planejamento cultural dos municípios. (54)

Uma explanação acerca dos objetivos do Projeto Museu Fluvial do Rio São Francisco e seus campos de atuação, leva à verificação de que foi uma proposta bastante abrangente e arrojada, talvez pela falta de um conhecimento prévio mais detalhado das condições e da realidade em que se iria atuar. Na verdade, o projeto foi encaminhado e aprovado pelo Ministério da Cultura antes mesmo de ser discutido e receber contribuições das comunidades envolvidas. Por isto mesmo, muitas coisas tiveram que ser modificadas depois de realizada a etapa da pesquisa, que trouxe elementos para a reformulação da proposta inicial.

Segundo relatórios de avaliação de técnicos do 1º trajeto do Museu Fluvial, muitas falhas foram detectadas no decorrer da execução do projeto, por falta de uma discussão mais ampla pela equipe dos seus objetivos e sua filosofia, sendo que pontos importantes não foram resolvidos. As reuniões que precederam a viagem foram realizadas por áreas e, somente às vésperas da viagem foi feita uma reunião geral, o que não propiciou o entrosamento e "afinação" necessários e desejáveis à equipe. Além disto, houve divergências entre a Coordenação do Projeto e a Divisão de Museologia, antes mesmo de se iniciar este trajeto.

Segundo relatório desta 1ª viagem,

"... muito embora os técnicos tenham vindo à Superintendência para esclarecimentos e debates sobre a filosofia do projeto, acreditamos que ainda assim pairaram dúvidas e visões diferenciadas à respeito de sua realização. Essas diferenças de opinião geraram incompreensões e algum desacordo entre as propostas e as características individuais de concepção de cada participante. O programa durante a viagem sofreu modificações pela necessidade de adequação às circunstâncias encontradas. No entanto, mesmo considerando essas dificuldades, o projeto obteve sucesso no que tocou à troca de informações e conhecimento ainda que não extenso, da realidade local". (53:2-3)

Quanto à operacionalização da 1ª etapa do projeto, esta se deu através de oficinas de literatura, música e tradições populares e programas de comunicações, que incluiu temas como "Preservação ambiental" (a terra, a água, o homem), "Saúde" (aleitamento materno, primeiros socorros, verminose), "Cultura" (formas de vida, relação homem/cidade, processos artísticos e



testemunhos históricos). A preservação e a memória foram temas focalizados pela museóloga do projeto que enfatizou o desconhecimento pelas populações, da história da navegação do Rio São Francisco, e mostrou a necessidade de se organizar a documentação referente ao vale. (55)

O projeto durou 12 dias, tendo o vapor permanecido de 2 a 3 dias em cada cidade. A documentação da viagem foi feita em fotos e videocassete para registrar os depoimentos e a apresentação de grupos folclóricos no vapor.

Enfim, o 1º trajeto do Museu Fluvial foi considerado pelos participantes como sendo de caráter experimental, o início de um processo que deve ser continuado, "... o início de uma relação entre o projeto proposto, o transporte utilizado e a realidade encontrada". (53:1) Ainda segundo os relatores, a equipe não foi bem coordenada e os contatos prévios com as comunidades ficaram comprometidos; com relação ao público atingido pelo projeto, ficou mais restrito a professores de 1º grau da rede municipal e, na opinião dos técnicos, deveria ter ultrapassado a escola, abrangendo outros segmentos da sociedade.

#### IIº Trajeto do Museu Fluvial do Rio São Francisco

Durante o espaço de tempo entre o 1º e o 2º trajetos do Museu Fluvial, ou seja, dezembro de 1986 e agosto de 1987, muitas mudanças ocorreram a nível de Secretaria de Estado da Cultura de

Minas Gerais e da Superintendência de Museus e sua equipe. Como se sabe, as descontinuidades políticas a nível de planejamento governamental sempre acarretam, senão prejuízos, pelo menos problemas em relação a projetos iniciados em gestões anteriores. No caso do Projeto Museu Fluvial do Rio São Francisco, essas transições não chegaram a impedir a continuidade do projeto porque os recursos para o 2º trajeto já haviam sido negociados e, a nova Superintendente de Museus, sabendo da envergadura da proposta do Museu Fluvial e sua importância, resolveu levá-lo adiante procurando formar outra equipe para sua consecução, diante dos problemas relatados por sua antecessora de mandato.

Neste período de tempo entre a 1ª e a 2ª viagens os contatos com as populações das cidades ribeirinhas foram mantidos constantemente, buscando-se um retorno e uma avaliação em relação ao 1º trajeto, assim como solicitando-se às comunidades novas sugestões e idéias para serem desenvolvidas no 2º trajeto.

Entre diversas outras reivindicações, foi então sugerida à Superintendência de Museus a inclusão no projeto de uma biblioteca ambulante, face à demanda de uma população carente de informações. Desta forma, fomos solicitados a apresentar proposta na área de biblioteconomia para uma Oficina de Biblioteca. Para elaborar tal proposta participamos de reuniões com a Superintendente de Museus e a museóloga da SUM, envolvida no projeto desde sua concepção, assim como com outros técnicos que constituiriam a equipe interdisciplinar, ocasiões em que discutíamos extensamente o escopo do projeto, seus objetivos e a

função que a biblioteca deveria ter no vapor. Houve muita troca de idéias e as reuniões nos deram subsídios importantes para propor a Oficina de Biblioteca para o Museu Fluvial e indicar seus participantes, tendo-se definido por uma professora da Escola de Biblioteconomia da UFMG, uma bibliotecária da Biblioteca Central da UFMG e duas bibliotecárias do Setor Infantil da Biblioteca Pública Estadual Prof. Luiz de Bessa.

O barco-biblioteca é uma modalidade de extensão bibliotecária adotada em muitos países que possuem uma rede de navegação fluvial desenvolvida e que, desta forma, podem levar o livro até as populações rurais ou da periferia de grandes cidades que não têm facilidade de acesso a bibliotecas.

No Brasil esta idéia sempre teve adeptos e foi bastante discutida por pessoas interessadas e fascinadas com a possibilidade de se implantar esse tipo de biblioteca ambulante. No entanto, devido à precariedade de nossas vias de navegação em termos de linhas fluviais com trajetos regulares, assim como as dificuldades de se obter recursos financeiros para viabilizar propostas deste tipo, o barco-biblioteca sequer passou de idealizações não efetivadas.

Portanto, o Museu Fluvial tornou-se uma perspectiva concreta de se por em prática esta idéia, enriquecida pela oportunidade de se realizar um trabalho interdisciplinar, o que motivou ainda mais a equipe de bibliotecários.

Para elaborar o projeto, contávamos já com o diagnóstico da situação econômica, política, social e cultural do Vale do São Francisco, além de um quadro nítido das bibliotecas municipais da região (obtidos através da Diretoria de Assistência às Bibliotecas Públicas, setor da Biblioteca Pública Estadual Prof. Luiz de Bessa). Das 5 cidades a serem visitadas pelo vapor - Pirapora, São Romão, São Francisco, Januária e Manga, todas possuíam biblioteca em funcionamento, com exceção da de São Romão que estava desativada já há um ano. As informações eram de que todas as bibliotecas funcionavam em condições precárias em termos de recursos bibliográficos e de pessoal, solicitando constantemente auxílio e assistência técnica à Diretoria de Assistência às Bibliotecas Públicas.

Baseada nesta realidade regional do Vale do São Francisco, a equipe de bibliotecárias redigiu uma proposta de atuação tendo em mente o pressuposto de que a biblioteca pública nos dias atuais deve ser uma força viva, dinâmica e participativa para atuar integrada às comunidades em que está inserida, e que deve se tornar cada vez mais um espaço de convivência e diálogo das comunidades e local de suas manifestações culturais.

Seguindo as diretrizes básicas e a filosofia do projeto Museu Fluvial do Rio São Francisco, que em seu aspecto mais amplo visava resgatar e preservar a cultura do Vale do São Francisco e promover a integração sócio-cultural e humana da região, foram definidos os seguintes objetivos para a Oficina de Biblioteca:

## OBJETIVO GERAL

- Integrar a Biblioteca Pública às comunidades visitadas, através do incentivo às atividades de criação e produção cultural.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Incrementar e difundir a leitura entre as populações ribeirinhas.
- Motivar a criatividade e expressão das manifestações artísticas e culturais das comunidades.
- Colaborar para promover a integração e o intercâmbio da produção cultural da região.
- Contribuir ao resgate da memória e à preservação da identidade cultural do Vale do São Francisco.
- Planejar atividades para motivar a manifestação de idéias, opiniões e da criatividade através das diversas formas de expressão: criação literária, dramatizações, o contar de casos e lendas, pinturas, colagens, etc. (12)

Os bibliotecários fizeram parte de uma equipe composta de 24 técnicos das áreas de literatura, artes plásticas, música, teatro e museologia, que durante 14 dias visitando as cidades ribeirinhas desenvolveram oficinas e atividades como agentes culturais. Este trabalho visou sobretudo promover um intercâmbio cultural na região respeitando-se suas características culturais e tendo-se em vista o resgate das raízes e da identidade cultural do vale e a redescoberta de seus valores.

A preocupação dos técnicos foi a de realizar oficinas integradas entre si e com a comunidade, o que foi possível graças ao entrosamento dos membros da equipe e o envolvimento do público que participou ativamente de todas as atividades, sempre ávido de

informações e troca de experiências. Foi expressivo o número de participantes nas diversas oficinas em todas as cidades visitadas, incluindo-se entre estes, além de professores e alunos de 1º e 2º graus, vários outros segmentos da comunidade como funcionários das delegacias de ensino, artesãos, historiadores, membros de corais, orquestras e bandas, artistas, etc.

A OFICINA DE LITERATURA teve como objetivo registrar a memória oral do Vale do São Francisco, através de gravações dos relatos de figuras expressivas como velhos pescadores, carranqueiros, lavadeiras, marinheiros, caçadores, benzedeiros, etc.

NA OFICINA DE ARTES PLÁSTICAS o objetivo maior foi estimular a expressão artística através do uso e do aproveitamento de materiais alternativos facilmente encontrados na região.

A OFICINA DE TEATRO teve como proposta resgatar elementos da cultura local, personagens típicos ou lendários do vale. O trabalho foi integrado às áreas de artes plásticas, música e biblioteca.

A OFICINA DE MÚSICA reviveu os ritmos e sons dos habitantes primitivos da região (índios e negros) utilizando materiais nativos e sucatas, como cabaças, pedaços de madeira, sementes de plantas, tampinhas de garrafas, etc.

A OFICINA DE MUSEOLOGIA, atuando como suporte de todo o projeto, teve como objetivo mostrar a importância de se preservar a memória cultural do Vale do São Francisco, numa concepção de museu vivo e dinâmico. (13)

#### A OFICINA DE BIBLIOTECA

A equipe de bibliotecários que participou do Projeto Museu Fluvial realizou um trabalho interdisciplinar, integrado às oficinas das áreas de teatro, literatura, artes plásticas, etc.

Foi uma experiência de ação cultural bibliotecária que, seguindo a filosofia do projeto, visou provocar e fazer emergir as manifestações artístico-culturais das populações ribeirinhas, sendo o público alvo as crianças e jovens, adultos, professores e encarregadas de bibliotecas.

A preocupação da equipe era não levar receitas prontas, mas levantar e discutir problemas, trocar experiências, descobrir soluções em conjunto e, sobretudo, apreender a realidade em que iria atuar.

Encontrou-se, como era esperado, uma grande sede de informação por parte dos professores e encarregadas de bibliotecas, praticamente todas sem nenhum treinamento na área e lutando com sérias dificuldades.

Os problemas eram discutidos a partir das colocações por elas priorizadas, tentando-se identificar suas causas e consequências dentro do contexto político, social e cultural da região, e nunca isoladamente.

A Oficina de Biblioteca levou no vapor uma caixa-estante contendo uma pequena coleção de 150 livros, selecionados a partir do interesse demonstrado pela população por temas levantados e discutidos na 1ª etapa do projeto. Outros materiais foram escolhidos pela equipe de bibliotecárias, levando-se em

consideração critérios como a relação dos textos literários com a fisionomia já conhecida da região, e que possibilitassem explorar aspectos ligados à realidade do Vale do São Francisco.

Além da literatura infantil e juvenil, outros tipos de material foram incluídos abordando assuntos diversificados como medicina popular, meio-ambiente, roça, plantio, vapor, técnicas de trabalho rural e, ainda, literatura de cordel e documentação popular, útil à organização dos movimentos populares.

Um pequeno espaço do vapor era transformado em biblioteca, assim que aportávamos nas cidades. O material era colocado em uma mesa e à medida que as pessoas entravam no "Benjamin" para participar das oficinas e atividades, podiam ficar à vontade para ver os livros, folhear, apreciar as gravuras, comentar entre si e ler, sentados nas cadeiras ou mesmo no chão.

A equipe de bibliotecárias recebia este público num clima de muita descontração e iniciava com eles o diálogo em torno de suas vivências, expectativas, os assuntos dos livros, os temas das histórias, etc.

Neste momento podia-se identificar os interesses e preferências das crianças, procurando-se reuni-las em pequenos grupos para trabalhar a leitura e explorar outras formas de expressão. A partir do texto literário ou de casos contados pelas próprias crianças abordando assuntos variados de sua vida



cotidiana, havia o teatrinho seguido de pinturas e colagens, edição de livrinhos, etc.

A encarregadas de bibliotecas públicas e escolares sempre estavam presentes às atividades e logo se integravam ao trabalho de nossa equipe, se interessando muito e trocando conosco experiências e informações.

Várias reuniões foram efetuadas pelos agentes culturais bibliotecários com o pessoal auxiliar das bibliotecas e também das delegacias regionais de ensino, onde questões relevantes foram colocadas e debatidas com discussão de possíveis alternativas de solução. Entre os principais problemas foram destacados a falta de recursos e carência de materiais bibliográficos, devido ao descaso das prefeituras locais em relação às bibliotecas. Foi citada ainda, a necessidade de treinamento do pessoal que trabalha nas bibliotecas, para que possam tornar este espaço um verdadeiro centro cultural integrado à comunidade.

Em cada cidade a Oficina de Biblioteca acontecia de forma diferente dependendo das circunstâncias, das ocasiões que se apresentavam, das oportunidades, da relação com a comunidade, da dinâmica das outras oficinas. Pode-se dizer que tudo acontecia muito naturalmente, espontaneamente, inclusive a integração com as outras áreas do projeto, graças ao entrosamento de toda a equipe de agentes culturais, que trabalhava em uníssono, sem contratempos.

Esta "afinação" da equipe proporcionou a efetividade e o sucesso do trabalho interdisciplinar, que esperamos retratar com fidelidade a partir da descrição de nosso roteiro de viagem.

#### PIRAPORA

O Museu Fluvial iniciou seu roteiro na cidade de Pirapora, uma das mais importantes do Médio São Francisco, cuja economia está voltada para a indústria de transformação. É sede de um Distrito Industrial e o setor agrícola conta com recursos da CODEVASF - Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco, passando desde então a produtor de hortigrangeiros, exportando para os grandes centros do país.

O vapor permaneceu em Pirapora durante dois dias e o Departamento Municipal de Educação e Cultura realizou intensa programação no vapor e no cais do porto, à qual denominou "Momento Cultural", e que incluiu lançamento de livros de autores locais, recital de poesias, apresentação de grupos de capoeira e maculelê, exposição de pintores, show de música regional e apresentação da Banda de Música, tendo a FRANAVE oferecido nesta ocasião, um coquetel de abertura para os participantes do projeto.

A equipe recebeu no vapor o Prefeito de Pirapora que manifestou seu apoio ao projeto e assumiu o compromisso de criar

espaços e programas de auxílio para que os grupos culturais e agentes multiplicadores possam dar continuidade à ação cultural iniciada pelo Museu Fluvial. Também o Presidente e o Diretor da FRANAVE foram presenças constantes no vapor durante sua estadia em Pirapora, dando assistência e estímulo imprescindíveis à realização do 2º trajeto do Museu Fluvial.

Ainda envolvida num clima muito festivo pela recepção calorosa dos piraporenses, mas já assentando pé na terra (e no rio) para dar início ao seu trabalho, os agentes culturais deram partida à sua ação, cada qual em sua área mas a todo momento "invadindo" as outras áreas.

Intercaladas na programação iniciaram-se as oficinas, e aos poucos os agentes culturais foram se entrosando de tal forma com a comunidade, que formaram uma equipe única com objetivos comuns.

Foram colhidos importantes depoimentos de ex-comandantes de vapor, que relataram muito da história da navegação do São Francisco. As oficinas aconteciam em vários locais, como a praça, a biblioteca, o vapor, escolas, etc.

A Oficina de Biblioteca teve muita receptividade em Pirapora, e recebeu ao 1º dia no vapor, as encarregadas da Biblioteca Pública Municipal e das bibliotecas escolares. Com elas fizemos uma reunião que foi importante para se obter informações sobre a situação das bibliotecas, seus problemas, os serviços que prestam e atividades que desenvolvem. Neste primeiro

encontro as auxiliares de biblioteca sugeriram uma programação a ser desenvolvida na Biblioteca Pública Municipal, que incluía a realização de oficinas de atividades culturais, de técnicas de leitura e encadernação. Várias bibliotecas já desenvolvem algumas atividades culturais apesar dos pouquíssimos recursos que dispõem. A Biblioteca Pública Municipal, por exemplo, promove exposições de pintura, artesanato e gravuras de artistas locais, e sessões de videocassete às 4<sup>o</sup> feiras à noite, além da "Hora da Leitura". Os agentes culturais bibliotecários realizaram uma atividade de leitura com um grupo de crianças, que depois ilustraram a estória e fizeram trabalho de colagem utilizando materiais tirados da natureza, como folhas de árvores, terra, pedacinhos de galhos, etc.

Foi feita uma exposição para as auxiliares de bibliotecas de como trabalhar o texto literário, salientando-se a importância de se destacar o autor do livro, a ilustração, e explorar os recursos de cada texto através do trabalho com a voz, expressão corporal e gestual e uma ligeira orientação sobre como dirigir o processo de pesquisa escolar na biblioteca. Foram dadas também sugestões e "dicas" para se implantar e conduzir outras atividades possíveis, como convidar velhos pescadores ou carranqueiros da região para contar casos e estórias, que depois de compilados passariam a fazer parte do acervo da biblioteca; criação de um jornalzinho elaborado pelas próprias crianças e de um clube de correspondência com usuários de outras bibliotecas, além de promoção de campanhas de doação de livros, etc. A Oficina

de Encadernação foi muito bem aceita devido à escassez e perda de materiais e a impossibilidade de recuperá-los. Ao final das oficinas foi realizada uma discussão e reflexão sobre o conceito de biblioteca e seu papel na comunidade, de forma que ela se transforme em verdadeiro centro cultural e incentive a criação e a produção artística e cultural da população. Foi ressaltada, também, a necessidade de integração e reunião de esforços da Biblioteca Pública Municipal e das bibliotecas escolares.

#### SÃO ROMÃO

São Romão, "terra da feitiçaria", foi a menor cidade visitada pelo Museu Fluvial e seu território situa-se nos chapadões da margem esquerda do Rio São Francisco, mantendo até os dias de hoje sua tradição comercial. Na economia destaca-se a agropecuária, a agro-indústria e o extrativismo (mineral e vegetal).

Apesar de cidade pequena e com uma população muito carente, São Romão tem uma cultura muito rica com artesanato variado e puro, uma banda de música e grupos folclóricos autênticos.

No vapor foi promovida uma exposição do artesanato local que mostrou a variedade de peças produzidas, de carrancas até móveis e redes de junco. Ficou acertado por ocasião do projeto a elaboração de um cadastro dos artesãos da região, que à época já estavam se articulando para a criação da Corporação Regional dos Artesãos.

Foi feita uma reunião com os dirigentes da Banda de Música local, que solicitou recursos para recuperar instrumentos danificados e comprar outros já irrecuperáveis pelo uso.

A Biblioteca Pública Municipal de São Romão está desativada há um ano e há promessas do prefeito para reinaugurá-la na "Casa de Cultura", que funcionará no prédio da antiga Cadeia Pública, em reforma.

Os agentes culturais bibliotecários visitaram a escola local, que conta com pequena coleção de livros sem local próprio para biblioteca, sendo que as professoras não desenvolvem um trabalho efetivo para incentivar a leitura.

Junto com a equipe de teatro e de artes plásticas, os bibliotecários levaram um grupo de crianças para o vapor, a fim de desenvolverem uma atividade integrada. Foi um momento em que os agentes culturais se reuniram para motivar as crianças a participar ativamente do trabalho de leitura, conjugado ao artístico. A partir de uma estória contada pelos bibliotecários e recontada pelas crianças, foi feita uma representação teatral pela equipe do teatro e depois confeccionado um livrinho, ilustrado com pinturas à guache e montado pelas próprias crianças, orientadas pela equipe das artes plásticas.

Mas o ponto alto da estadia em São Romão foi o encontro dos agentes culturais do vapor com os artistas de um circo mambembe que estava se apresentando na cidade, e com sérias dificuldades financeiras devido ao fraco movimento de bilheteria - o CIRCO PAZ É AMOR. Era um circo bem pobre e, como a maioria, formado por uma família e alguns outros "que foram embora com o circo". O palhaço TUZICA dava o show e com sua mulher, fazia um número de mágicas que era o forte do espetáculo. Havia também números de malabarismo, de música e dança, trapézio, etc., tudo bem rudimentar, e apesar de ter chamado a atenção da população de São Romão, o circo não tinha conseguido levar muita gente ao espetáculo.

Como se sabe, o circo é uma empresa que precisa de certa organização para seu funcionamento, havendo divisão de trabalho e exigindo publicidade. Por isto, enquanto o circo acontecia no vapor, alguns trabalhavam na confecção de novos cartazes e divulgação do "grande espetáculo", que seria à noite. Foi um verdadeiro trabalho integrado, pois a equipe do vapor com o pessoal do circo formaram um único grupo para executar todas as tarefas. Enquanto uns preparavam as pipocas e maçãs carameladas para vender, outros armavam o picadeiro, preparavam as fantasias e, quando tudo estava pronto, aconteceu "o maior espetáculo da terra", com shows de mágica e malabarismo, da mulher degolada viva, de música e representações teatrais, de melodramas a comédias, com o TUZICA sempre dando o tom. Nesta noite o circo lotou e pôde-se perceber que toda a população se confraternizou e se uniu com os artistas participando ativamente do espetáculo,

entrando de corpo e alma nos sonhos e fantasias do circo. Então, na platéia aplaudiam juntos o prefeito da cidade, a tripulação do vapor com seu comandante, professores, técnicos do projeto e os moradores de São Romão, comprovando que circo é realmente uma forma particular de cultura e entretenimento populares.

Ao deixarmos São Romão, o vapor apitando, sentimos que todo aquele reboliço provocado pelo espetáculo do circo e do vapor, haviam dado uma boa remexida e sacudida na população, despertando-a para o fazer cultural, ... e até muitos meses depois soubemos que o povo falava daqueles "loucos" do vapor.

#### SÃO FRANCISCO

São Francisco é considerado o 4º município mineiro em área, sendo que a cidade é um populoso núcleo em franco desenvolvimento, onde a cultura aflora especialmente através de manifestações folclóricas autênticas, variadas e com nuances e características próprias.

Chegamos a São Francisco ao por do sol e, no cais do porto, atraídos pelo apito do vapor, uma grande multidão nos esperava. Logo que ancorou no cais o "Benjamin" foi sendo invadido por crianças e adultos, que mostravam incontida satisfação de reencontrar o barco, percorrer seus espaços, tocá-lo como um brinquedo, demonstrando que o vapor é um símbolo inquestionável da relação homem-rio.



À noite houve apresentações junto ao vapor da dança de São Gonçalo, da Caninha Verde, da Suça, do Carneiro, do Rei do Cacete (Moçambique) e uma série de "Incelenças".

O prefeito da cidade mostrou-se muito dinâmico e disposto a concretizar medidas em prol do desenvolvimento cultural de São Francisco, tendo criado uma Comissão Municipal de Cultura encarregada de definir as diretrizes básicas e as políticas que nortearão as atividades da Casa de Cultura local, que já conta com terreno próprio e projeto arquitetônico em elaboração. Outro compromisso do prefeito se refere à reativação da Banda de Música local e transferência da Biblioteca Pública Municipal para as dependências da Casa de Cultura.

Tendo os agentes culturais decidido pela estratégia operacional de um trabalho integrado, desenvolveram as oficinas a partir de temas escolhidos pelos participantes, o que resultou em movimento crescente dentro do barco.

Reunidos com as encarregadas das bibliotecas escolares e pública, foi discutida a necessidade e importância de se recuperar a memória local, e trabalhar com as crianças os casos e lendas nas escolas e bibliotecas. Foi sugerido fazer uma atividade com as crianças no vapor, da qual todos participaram - meninos e meninas foram incentivados a contar histórias e lendas sobre o rio e a falar de seus elementos míticos como a Iara (Mãe D'água), o Caboclo D'água, os maus espíritos, as carrancas, etc., que foram gravadas, para serem depois ouvidas e comentadas.

A Biblioteca Pública Municipal funciona em prédio antigo e mau localizado, e sua coleção está muito desatualizada. No mesmo prédio funciona a imprensa (cujas máquinas são peças raras muito antigas e bonitas) que edita o jornal da cidade - SF O jornal de São Francisco. é pena ver sua coleção completa de grande valor histórico, empilhada num canto da sala, toda empoeirada, não se percebendo nenhum cuidado em preservá-la.

No dia seguinte à nossa chegada, promovemos a Oficina de Encadernação para o pessoal das bibliotecas, e no vapor houve um encontro com o grupo do projeto "Livro e Companhia" composto de jovens trabalhando em uma pesquisa de recuperação da história local, e empenhados em reunir e compilar casos e lendas da região. O projeto têm entre outros objetivos a produção de textos, a preservação da memória da região e o incentivo à leitura, trabalho que o grupo já desenvolve junto a algumas escolas, além de explorar a arte do teatro e a música regional. Foi importante colocá-los em contato com as encarregadas de bibliotecas, e houve sugestão para um trabalho conjunto e integrado dos grupos.

À noite um antigo grupo de seresteiros veio para o vapor e apresentou belíssimo repertório de canções de compositores locais, com acompanhamento de violinos, cavaquinhos, bandolins, violões e pandeiros, proporcionando uma agradável despedida da cidade.

## JANUÁRIA

Januária é cidade importante e progressista do Vale do São Francisco, com suas ruas amplas, praças arborizadas, casas limpas e bem conservadas.

A população tem muito orgulho de sua terra, e seus poetas e escritores a cantam em verso e prosa.

Ao chegar em Januária sente-se um clima de desenvolvimento, e a cidade reivindica para si a coordenação do processo e das políticas culturais da região.

No percurso entre São Francisco e Januária o vapor encalhou num banco de areia, ocasionando um atraso na viagem. Chegamos ao meio-dia com o sol a pino, e mesmo assim um grande número de pessoas veio ao porto para receber o vapor e os agentes culturais.

A expectativa da população era grande e os grupos comunitários nos aguardavam ansiosos na Fundação Casa da Memória do São Francisco, antigo forum que funciona como centro cultural da cidade. A fundação é bem organizada com espaços amplos, mas a população, especialmente os jovens, reclamam um maior acesso à Casa para realização de projetos próprios, assim como a Corporação Musical Januareense, que não pode usar o local para seus ensaios.

À tarde os agentes culturais iniciaram as oficinas na Casa da Memória, que tem uma sala destinada especialmente à comercialização do artesanato local, destacando-se arte das carrancas, cerâmicas, assim como livros de cozinha regional e dos autores locais.

Na reunião com auxiliares de bibliotecas foram levantados e discutidos os problemas comuns enfrentados e os transtornos relativos a pessoal surgidos a partir das mudanças no quadro administrativo estadual.

Foi debatida a problemática da leitura nas escolas e várias informações sobre técnicas para trabalhar a leitura e incentivá-la, além de instruções a nível de organização de bibliotecas, conforme dúvidas apresentadas.

Na visita à Biblioteca Pública Municipal foi dado um treinamento para recuperação e encadernação de livros, o que foi muito bem aceito devido à grande perda e estrago de materiais sem condições de serem repostos. A Biblioteca Pública apesar de cadastrada no INL não recebe doações por falta de cumprimento da contrapartida da prefeitura, estabelecida no convênio, sendo que há dez anos não adquiriu nenhum livro. No vapor, outro grupo de bibliotecários desenvolveu atividade integrada com a equipe de teatro.

## MANGA

Chegamos a Manga à noitinha, depois de passar pelo distrito de Matias, onde sobressai uma bela igreja de linhas arquitetônicas colonias, e Itacarambi, valioso local a ser pesquisado no campo da arqueologia e da espeleologia, com belíssimas grutas.

Manga mais parece um presépio, com suas casas pequenas e singelas pintadas de rosa, verde, azul e amarelo, contrastando com o porto de escadaria majestosa, com ampla balaustrada, onde comerciantes vendem de tudo. Ali, debruçada, pendurada, sentada, uma verdadeira multidão esperava o vapor e o invadiu numa enorme alegria, reafirmado a relação íntima e secreta homem-rio.

O Serviço Municipal de Educação e Cultura preparou uma interessante programação, em que grupos da cidade e da zona rural apresentaram as "Folias de Reis", a "Chiula", o "Samba Solto" e a "Vaquejada" (desafio e improvisado), e meninas da rede escolar ensaiaram a "Dança das Fitas" e o "Auto Pastoril das Crisantenas".

A oficina de literatura fez importante registro oral de casos e lendas especialmente relacionados à caça e à pesca, atividades integrantes da vida comunitária.

Nas ruas de Manga as equipes das oficinas se integraram, e todos participaram do teatro infantil vestidos de bailarinas,

palhaços e outras fantasias, liderando enorme grupo de crianças que depois foram para o vapor.

De Manga voltamos para Januária, ponto final da viagem, onde tomamos o ônibus para o regresso a Belo Horizonte. No cais, um grupo de turistas já esperava para tomar o vapor.

O projeto Museu Fluvial do Rio São Francisco foi vivenciado intensamente por seus participantes, que nos 14 dias de trajeto se integraram verdadeiramente à vida e aos costumes da população ribeirinha. Acreditamos que isto se deveu à receptividade do povo ao projeto, ao clima do rio, à inovação de navegar no "Benjamin" com sua tripulação entrosada com a equipe do projeto. A cada dia, comendo farofa no café da manhã e peixe com pirão às refeições, íamos nos sentindo cada vez mais pessoas daquela região, como se ali sempre tivéssemos vivido.

Todo esse ambiente favoreceu o trabalho dos agentes culturais e sua integração com o povo do vale, propiciando um rico trabalho de ação cultural.

Durante toda viagem, entre uma cidade e outra a equipe se reunia e fazia avaliações, reelaborava as idéias a partir das realidades encontradas e contatadas. Tudo isto ia enriquecendo o trabalho da equipe e dando oportunidade de aprimorar nossa ação, sempre tendo em vista o processo de desenvolvimento cultural do Vale do São Francisco.

Ao final da viagem cada grupo fez relatório avaliativo por área de atuação, com sugestões e recomendações à Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, através da Superintendência de Museus. Esperamos, deste modo, ter contribuído efetivamente à política cultural do Governo de Minas Gerais, de forma que possa ser conduzida de acordo com as reivindicações e anseios das comunidades ribeirinhas.

O relatório final foi discutido pelos agentes culturais na volta da viagem, em Belo Horizonte, tendo-se ressaltado a importância de se dar continuidade ao projeto por terra, até a próxima volta do vapor. Outros pontos importantes foram colocados, como:

- a necessidade de se repensar o projeto para que alcance efetivamente o objetivo de integração das cidades do Vale do São Francisco;
- a institucionalização do projeto em caráter permanente;
- deslocamento das oficinas, cursos, encontros, etc. para o âmbito urbano das cidades visitadas devido ao pouco espaço no interior do vapor;
- ampla consulta prévia através de lideranças comunitárias locais e outros segmentos, para definir a programação das oficinas e atividades;
- criação e utilização de instrumentos permanentes de comunicação dos órgãos oficiais de cultura com as lideranças comunitárias, oferecendo-lhes informações e subsídios atualizados para o incremento à ação e ao desenvolvimento culturais;
- a utilização do Vapor Benjamin Guimarães (Museu Fluvial do rio São Francisco), continuará a ser objeto de dinamização, conforme preconiza a moderna concepção da atividade museológica.

Os agentes culturais bibliotecários, encaminharam várias propostas e recomendações para a área de bibliotecas, a partir do levantamento e caracterização das demandas e necessidades locais:

1. Mobilização dos órgãos competentes para uma política de assistência efetiva às bibliotecas municipais e escolares da região.
2. Promoção de recursos de treinamento para as encarregadas de biblioteca.
3. Criação de Coordenação de Bibliotecas nas Delegacias Regionais de Ensino.
4. Sugestão para a criação de um campus avançado na área de biblioteconomia, que propicie ao mesmo tempo treinamento para o pessoal das bibliotecas e contato dos alunos com a realidade através de estágios. (14)

O Projeto Museu Fluvial do Rio São Francisco teve uma boa repercussão tanto na região do vale como em Belo Horizonte, onde foi amplamente coberto pela imprensa. Os agentes culturais que participaram do projeto continuaram a se reunir periodicamente e colocaram como pré-requisito para o 3º trajeto, que a SEC concedesse recursos para a continuidade do trabalho por terra, sem o qual não víamos sentido voltar numa próxima viagem por vapor. Infelizmente não parece ter havido empenho suficiente por parte da coordenação do projeto para obter estes recursos, e é de nosso conhecimento que a verba para o 3º trajeto chegou a ser liberada e foi desviada para outro projeto, por razões para nós obscuras, mas certamente motivos políticos. Diante destes fatos, a equipe partiu para reuniões informais, mantendo os contatos com os agentes culturais do vale e tentando ver a possibilidade de se obter recursos por outras fontes, o que não foi conseguido. Aos poucos, o pessoal perdeu a motivação e foi se dispersando diante



da falta de apoio da SEC/SUM.

Mas mesmo assim, o projeto teve alguns desdobramentos não só nas cidades ribeirinhas, como em Belo Horizonte, onde a equipe teve oportunidade de passar sua experiência em ocasiões como a Semana da Biblioteca na Biblioteca Central da UFMG, e em seminários na Biblioteca Pública Estadual Prof. Luiz de Bessa e na Escola de Biblioteconomia da UFMG.

#### 4 UMA PERSPECTIVA ANALÍTICA

A partir das experiências de ação cultural relatadas neste trabalho, pretendemos neste capítulo fazer uma análise comparativa dos três casos apresentados, procurando evidenciar alguns aspectos observados que julgamos relevantes, de acordo com os objetivos desta dissertação.

Primeiramente vamos nos referir à questão do espaço em que se desenvolve a ação cultural bibliotecária e às influências do contexto nesta prática. Como se pode apreender através da leitura de nossos relatos, cada experiência de ação cultural bibliotecária se desenvolveu em locais diferentes e em períodos de tempo variados, o que naturalmente influenciou no nível de relacionamento dos agentes culturais bibliotecários e as comunidades assim como na dinâmica do processo em si.

Em relação à ação cultural através do carro-biblioteca, o período de duração do trabalho foi de um mês, em dois anos consecutivos (julho de 1986 e julho de 1987), quando participamos do Festival de Inverno da UFMG. Quanto ao trabalho de ação cultural desenvolvido no Bairro Aarão Reis, da periferia de Belo Horizonte, este se estendeu por um período ininterrupto de dois anos (1985 a 1987), e no Projeto Museu Fluvial do Rio São Francisco a experiência durou 14 dias, porém 5 cidades foram visitadas, o que deu uma média de dois dias de permanência em cada cidade, descontados os dias de viagem.

O que podemos comentar em relação a este tempo de duração de cada projeto e o contato com as comunidades é que, logicamente, o nível de relacionamento dos agentes culturais bibliotecários com os grupos comunitários foi muito mais profundo e intenso no trabalho desenvolvido em Aarão Reis. Embora não pertencêssemos à comunidade, este convívio de dois anos nos fez sentir quase morador do bairro, tamanho o grau de envolvimento a que chegamos. Não podemos contudo afirmar que esta afinidade e receptividade foram imediatos entre as partes, mas os agentes tiveram que conquistá-las na convivência do dia-a-dia com as pessoas da comunidade. Entendemos perfeitamente e consideramos até natural esta certa resistência encontrada, que serve inclusive de alerta para os futuros agentes culturais que pretendem desenvolver algum trabalho de ação cultural bibliotecária no âmbito de movimentos comunitários. É que estes grupos já organizados muitas vezes se sentem "invadidos" pela presença de gente de fora, em geral intelectuais da Universidade que chegam ao bairro para fazer alguma pesquisa de seu interesse apenas, não pretendendo nenhum envolvimento maior com a comunidade além de coletar dados, sendo que esta não terá nenhum retorno em termos de seus movimentos e suas lutas. Deste modo, as pessoas têm razão em se sentirem como que exploradas e expropriadas, e não mostram boa vontade para simplesmente fornecer informações, por saberem antecipadamente que o resultado do trabalho não terá significado, aproveitamento ou valor para o bairro. Quando o agente cultural chega com a intenção de discutir uma proposta conjunta, de acordo com os interesses da comunidade e com o propósito de dar continuidade

e/ou incrementar um trabalho que foi iniciado pelas bases, a receptividade é outra, e aos poucos vai-se ganhando a colaboração dos grupos, como aconteceu com os agentes culturais bibliotecários em Aarão Reis.

No Projeto do Carro-biblioteca no Festival de Inverno, a receptividade das comunidades em relação aos agentes culturais foi muito boa. Porém, devido à limitação de tempo de nossa permanência em São João del Rei, podemos afirmar que um relacionamento mais profundo só foi alcançado por parte do pessoal da equipe de coordenação do festival, que fez várias visitas anteriores à cidade e teve contato mais próximo com as lideranças. As informações obtidas nessa época foram todas repassadas para o pessoal do carro-biblioteca e, inclusive, facilitou bastante nosso trabalho, mas não se pode comparar com o tipo de envolvimento que tivemos em Aarão Reis. Outra questão a salientar é que apesar do razoável entrosamento obtido, houve um ano de interrupção entre um festival e o seguinte, sendo que no 2º ano de atuação o evento durou apenas quinze dias, devido à greve da UFMG. Este fato influenciou no trabalho pois que, naturalmente, o contato com as comunidades foi bem mais superficial.

Quanto ao Projeto Museu Fluvial do Rio São Francisco, o caso foi semelhante ao do Festival de Inverno da UFMG, já que os contatos prévios e a pesquisa participante ficaram restritos à equipe coordenadora do projeto, que teve oportunidade de um relacionamento maior com as populações ribeirinhas. No entanto,

foi surpreendente o entrosamento obtido com os grupos e a cooperação e disponibilidade por eles apresentadas. Isto permitiu resultados satisfatórios graças à intensidade, envolvimento e afinidade dos agentes com as comunidades. O fator que acreditamos ter colaborado para este bom relacionamento foi o fato de terem participado da viagem do projeto várias pessoas pertencentes às cidades do Vale do São Francisco. Estas pessoas, na convivência diária e conversas informais, iam passando para a equipe aspectos da cultura ribeirinha. Além disso, o próprio acontecimento da viagem, o próprio navegar pelo rio no vapor, o contato com sua tripulação, a observação de seu linguajar, de seu modo de se relacionar, foram dados mais ricos que quaisquer outros porventura coletados através de técnicas de pesquisa.

Em todos os três projetos dos quais participamos, trabalhamos com uma população semelhante em termos de nível sócio-econômico e cultural, ou seja, em Belo Horizonte e São João del Rei, habitantes de bairros da periferia e no Vale do São Francisco, comunidades ainda mais carentes. Um ponto em comum nas três experiências de ação cultural foi que elas se deram no âmbito de movimentos comunitários, cada um com suas lutas específicas e em condições diversas de organização e formas de mobilização. Pudemos observar que este fato influenciou o desenvolvimento do trabalho e a atuação da equipe em cada contexto, sendo que as expectativas em relação aos agentes culturais eram diferenciadas, assim como o próprio comprometimento e cooperação dos grupos com respeito ao projeto.

Em Aarão Reis, onde nossa permanência no local foi mais prolongada, pôde-se perceber aspectos das relações de poder e conflitos internos ao movimento. Estes fatores acarretavam, muitas vezes, a rotatividade das pessoas nos grupos, e estas variações chegaram a interferir no ritmo dos trabalhos que estavam se desenrolando.

Quanto ao espaço físico em que foram desenvolvidas as atividades de ação cultural, observamos que há uma grande flexibilidade e amplas possibilidades para sua prática, podendo os agentes e grupos escolherem locais de acordo com as conveniências de disponibilidade, facilidades e preferências. Mesmo existindo uma sede da biblioteca, a ação cultural pode expandir-se e realizar-se em outros lugares, como praças, galpões, clubes, escolas, centros culturais, parques, etc.

Em São João del Rei, o carro-biblioteca desenvolvia suas atividades, em geral nas ruas próximas dos centros comunitários existentes, aproveitando a infraestrutura e os recursos que ofereciam, de modo a facilitar o trabalho. Em Aarão Reis, como a biblioteca popular está localizada no Centro Social Frei José Renato, a maioria das atividades acontecia neste recinto, que é um local amplo e sede da associação do bairro, onde as pessoas já têm o hábito de se reunir, o que favorecia o encontro dos grupos e a agilização dos trabalhos. No Projeto Museu Fluvial, as atividades se realizaram tanto no vapor quanto nas ruas, praças e bibliotecas, sendo o local escolhido a partir da programação geral de todas as áreas.

Nossa prática propriamente dita de ação cultural bibliotecária sempre foi norteada pelos princípios de uma ação libertadora e emancipatória, sem direcionismo, e com a preocupação básica de propiciar a emergência das manifestações culturais das comunidades com as quais trabalhamos. Os objetivos pretendidos sempre estiveram bem claros e explicitados nos projetos dos quais participamos, e a filosofia das três experiências pode ser sintetizada nesta tentativa de conceituação.

"A ação cultural bibliotecária visa a democratização da cultura através do exercício de uma nova prática profissional comprometida com as classes menos privilegiadas da sociedade, de modo que os indivíduos possam manifestar-se nas diversas formas de expressão cultural, artística e literária, como sujeitos da criação cultural".

Dentro desta perspectiva filosófica foram desenvolvidas as três experiências aqui relatadas, que consideramos exploratórias, no sentido de que quase nada ainda foi realizado nesta área.

Um ponto que merece ser comentado, e que pode ser facilmente percebido pela descrição dos três casos apresentados nesta dissertação, se refere ao público que atingimos com a ação cultural, que foi principalmente de crianças e jovens, com menor alcance junto aos adultos. É interessante notar que quando houve a participação deste segmento, a aproximação se deu a partir do trabalho com as crianças. Esta ocorrência, característica em todos os três projetos, leva-nos a refletir sobre este fato e questionar o seu porquê, visto que tudo tem sua justificativa. A

explicação que nos parece mais acertada é que os bibliotecários, embora não tenham pleno domínio das técnicas de trabalhar a leitura, estão conscientizados para a importância de se incentivar o hábito de ler e adquiriram alguma prática neste campo. Especialmente aqueles que já tiveram oportunidade de trabalhar em bibliotecas infantis, escolares ou no serviço de carro-biblioteca, estão acostumados a lidar com crianças, e pode ser que a insegurança dos agentes culturais bibliotecários numa prática nova, os leve a preferir uma primeira abordagem junto ao público infantil.

No Festival de Inverno da UFMG, pode-se dizer que nosso trabalho se deu exclusivamente com crianças e jovens, e sempre utilizando textos escritos ou por eles produzidos, a partir dos quais se manifestavam em outras formas de expressão artística, como dramatizações, colagens, desenhos, pinturas à guache, etc. Os textos utilizados eram sempre aqueles cujo tema tinha relação imediata com o meio social das crianças e jovens, de forma que propiciassem uma discussão e reflexão sobre suas vivências cotidianas, ao mesmo tempo em que iam se apropriando de novos conceitos referentes a uma convivência democrática na coletividade.

No Bairro Aarão Reis, a ação cultural iniciou-se tendo como ponto de referência a biblioteca popular, e nossa prática começou também a partir do trabalho com crianças e jovens, motivando-os à criação e produção artística e literária, sempre buscando



assuntos que os levassem a refletir sobre sua realidade. Com os jovens, o trabalho foi muito rico e variado, o que foi propiciado por sua participação efetiva no movimento comunitário através de grupos dos quais fazem parte. Foram produzidas e apresentadas peças de teatro, jograis, o jornalzinho do bairro, e um audiovisual sobre a história do bairro e o papel da biblioteca popular como centro cultural da comunidade e espaço de debates e discussão de seus problemas. Os adultos pouco a pouco se envolveram também nos trabalhos da biblioteca e participaram de vários eventos, contribuindo principalmente na exposição de fotografias, no mural de poesias, no concurso de receitas e no bazar de artesanato. Mas sua cooperação maior foi nas entrevistas concedidas, quando vários moradores, especialmente os mais antigos, deram seus depoimentos sobre a história do bairro, suas lutas, seus movimentos, suas conquistas e a vida em comunidade. Toda a informação produzida foi registrada e passou a fazer parte do acervo da biblioteca, tendo sido muito útil na elaboração do audiovisual pelo Grupo de Jovens.

Os adultos tiveram ainda importante papel na discussão do jornal do bairro e da idéia de implantação do Serviço de Informação Utilitária na biblioteca. Esta proposta foi debatida na Reunião Plenária Mensal dos Grupos de Reflexão (ligados às CEB's) e uma lista de assuntos por eles considerados mais importantes, serviu de base para dar início ao arquivo de informações. O mérito da experiência com os grupos organizados de Aarão Reis foi a constatação de que a atuação da biblioteca popular e o desenvolvimento da ação cultural se deu

permanentemente no bojo do movimento comunitário, acompanhando de perto suas lutas e reivindicações, tendo-se obtido uma perfeita integração biblioteca/agentes culturais/comunidade.

O Projeto Museu Fluvial do Rio São Francisco foi uma das experiências mais proveitosas em termos de um trabalho interdisciplinar, com um ótimo relacionamento dos agentes culturais/comunidades, considerando-se o pequeno tempo de permanência da equipe em cada cidade visitada. Acreditamos que vários fatores contribuíram e facilitaram este perfeito entrosamento, desde o clima em que transcorreu todo o percurso do vapor, com uma equipe integrada e vivenciando intensamente a paisagem do Vale do São Francisco e a relação com seus habitantes, como a variedade e riqueza de manifestações culturais das populações ribeirinhas. Deste modo, o pouco tempo real do qual dispusemos foi compensado pela intensidade e aprofundamento das relações das equipes com as populações locais.

O papel dos agentes no vale foi mais o de impulsionar o processo cultural e fazer avançá-lo, de modo a resgatar sua identidade cultural. Outra contribuição importante foi a de munir a população com informações sobre a política cultural da Secretaria de Estado da Cultura, e os possíveis meios de obtenção de recursos para o desenvolvimento de projetos culturais, incentivando-os a planejar suas atividades na área da cultura de modo a integrar todas as cidades do Vale do São Francisco.

A dinâmica do processo de ação cultural no vale, se deu num movimento ativo e conjunto de agentes/comunidades, pois a expectativa destas últimas em relação ao projeto era muito grande, visto que na pesquisa participante, tiveram oportunidade de elaborar e propor como deveria ser o desenvolvimento da ação cultural, de acordo com seus anseios e necessidades expressas. Deste modo, quando os grupos da região faziam suas apresentações, não era apenas um espetáculo de entretenimento para o pessoal do vapor, mas estavam naquele momento deslançando um processo que era retomado em cada oficina pelos agentes. A partir daquelas manifestações trabalhava-se no sentido de refletir e reelaborar sua cultura como algo vivo, com uma identidade bem caracterizada e importante de ser preservada como um valor regional. As oficinas desenvolviam-se, assim, em torno dos elementos principais da cultura ribeirinha, como suas lendas, sua alimentação, seus modos de falar e agir, suas relações sociais, sua condição econômica, social e cultural, o contexto de injustiça a que estão submetidos.

Quanto aos aspectos políticos envolvidos num trabalho de ação cultural, pode-se considerá-los tanto do ponto de vista interno aos movimentos comunitários, quanto do ponto de vista da política social, econômica e cultural vigentes, que certamente tem o seu peso na obtenção de recursos.

Com respeito à política interna aos movimentos, podemos dizer que as influências sobre a ação cultural se fazem sentir não diretamente, mas são detectadas sem esforço. Como se sabe,

existem fortes relações de poder dentro destes movimentos, que quase sempre têm como consequência conflitos de idéias e opiniões que se refletem na prática dos grupos e no relacionamento com os agentes. Estes, muitas vezes são envolvidos mesmo contra sua vontade neste jogo de poder, precisando ter habilidade para contornar as situações. Como exemplo, podemos citar o caso do carro-biblioteca no Bairro Aarão Reis - a decisão sobre o ponto de parada do veículo foi tomada por um grupo mais restrito de pessoas envolvidas com o trabalho da biblioteca popular, que optou por estacioná-lo em frente à Igreja, onde havia uma pracinha. Algum tempo depois, devido à pouca frequência de usuários ao local do carro-biblioteca, e o contato mais intenso dos agentes com a comunidade, pôde-se perceber a razão de ser deste fato. Foi que, estando nosso trabalho mais ligado ao grupo católico dos moradores de Aarão Reis, por estar a biblioteca popular localizada no Centro Social Frei José Renato, dirigido por padres da ordem dos dominicanos, as pessoas de outras crenças religiosas existentes no bairro por si mesmas se excluíam de usufruir do carro-biblioteca, achando que era um serviço destinado a atender somente o pessoal que tinha costume de frequentar o centro social. Por isto, até a própria utilização da biblioteca popular ficou um pouco restrita, já que os dominicanos têm uma influência maior em termos de conseguir organizar e mobilizar a comunidade. Pôde-se perceber também, que o poder político é muito importante na captação de recursos para o desenvolvimento de projetos comunitários, e possibilita adquirir uma infraestrutura e maiores condições de contatos (como por

exemplo agentes culturais da Universidade) que viabilizem a execução destes projetos. A nível de uma política mais global, pode-se verificar que o poder econômico tem uma força inestimável no sentido de influir nas decisões, como no caso da cidade de Januária, que no período de execução do Museu Fluvial, reivindicava para si a coordenação das políticas culturais do Vale do São Francisco. Com relação ao trabalho do carro-biblioteca no Festival de Inverno da UFMG, já foi relatado que a obtenção de recursos passa pelo âmbito da política universitária, que costuma privilegiar certas áreas em detrimento de outras consideradas "menos importantes", ou porque alguns coordenadores pessoalmente têm mais força política.

(Quanto às exigências requeridas do profissional bibliotecário para atuar como agente cultural, poderíamos destacar uma série de itens que pela nossa observação e experiência precisam ser adicionados como complemento de sua formação para um melhor desempenho na ação cultural. Como foi dito anteriormente, não se deve pressupor que o agente cultural precise ter uma super qualificação e/ou várias especializações para cumprir bem o seu papel, pois a ação cultural é um trabalho particularmente interdisciplinar, em equipe, onde vários técnicos atuam em sua especialidade de forma bastante integrada entre si e com a comunidade. Não podemos negar, que para o bibliotecário existe uma certa dificuldade neste aspecto, já que na biblioteca tradicional ele se acostumou a um trabalho isolado, e só mais recentemente esta postura vem se modificando e se abrindo. Na ação cultural o bibliotecário vai lidar todo o tempo com pessoas

de diferentes níveis culturais e classes sociais diferenciadas, sendo este um ponto a ser considerado em sua formação. Na área de literatura, seria de fundamental importância o aprofundamento e discussão de questões relativas à criação literária, técnicas de trabalhar a leitura, editoração, etc., visto que a tendência que vem se afirmando é de que a ação cultural tem-se iniciado principalmente a partir das práticas de leitura e produção de textos. Outra constatação importante foi a de que o uso de métodos e técnicas de trabalho variam bastante na ação cultural, dependendo dos recursos disponíveis nas comunidades e da criatividade dos agentes culturais/comunidades em explorar formas e materiais alternativos, havendo uma variedade de instrumentos que podem ser utilizados, como foi citado em capítulo anterior. Apesar de não ser preciso dominar todas estas técnicas, o bibliotecário deve ter conhecimento de sua existência e de suas possibilidades de utilização na ação cultural. Isto se aplica também para a área de Metodologia da Pesquisa, onde deverá ser apresentado ao bibliotecário um leque variado de opções metodológicas, de modo que ele possa ter condições de fazer a melhor escolha. Desta forma, poderá analisar as diversas metodologias, inclusive as alternativas, que se adaptem melhor às especificidades da realidade social e cultural e do contexto de cada grupo onde irá atuar. Além disto, outro ponto fundamental a ser discutido mais profundamente nos cursos de biblioteconomia se refere às questões relativas à cultura, aqui incluindo-se a abordagem social, as políticas culturais, formas de expressão da cultura, modos de intervir na área cultural, a democratização da

cultura, e o significado de tudo isto na prática profissional. Não se deve esquecer ainda que as técnicas da biblioteconomia são um instrumento de trabalho do bibliotecário, mas devem ser vistas e analisadas criticamente em relação ao seu uso e adoção. Estas devem ser questionadas constantemente à luz das experiências práticas para que possam ser reformuladas e/ou adaptadas quando necessário.)

Não pretendemos neste trabalho indicar uma lista de disciplinas a serem incluídas no currículo de um curso de biblioteconomia, mas a partir da prática e observação sugerir a inclusão em programas, de tópicos a que nos referimos e salientamos nesta análise. Acreditamos também que o envolvimento dos alunos em projetos de ação cultural, vivenciando a prática e em contato com a realidade, é o ponto mais importante para o aprimoramento de sua formação nesta área, em adição aos aspectos teóricos vistos em sala de aula. Somente assim os futuros profissionais poderão chegar a um verdadeiro processo de ação e reflexão, onde teoria e prática se completem.

Finalizando esta análise, queremos nos referir ao aspecto da avaliação do trabalho de ação cultural realizado por bibliotecários como agentes culturais no Festival de Inverno da UFMG, em Aarão Reis e no Vale do São Francisco. Em todos os projetos houve consenso de que a avaliação deveria ser um processo contínuo e ininterrupto que fosse realimentando e dando subsídios ao andamento do trabalho. O instrumento adotado para esta avaliação coincidiu em todas as experiências, tendo-se

optado por reuniões periódicas da equipe, em que se discutia e refletia sobre o desenvolvimento da ação cultural. Sempre que possível, procurava-se envolver representantes das comunidades levando-os a participar da avaliação, o que possibilitava obter o ponto de vista "do outro lado", obviamente o mais importante. Isto contribuiu efetivamente para o aperfeiçoamento e aprimoramento do trabalho das equipes, que a partir das discussões podiam perceber e descobrir em conjunto os acertos e erros, partindo para as reformulações quando se julgavam necessárias.

Tendo em vista as avaliações efetuadas sobre os projetos, e analisando globalmente os resultados obtidos, podemos afirmar que alcançamos em todos eles o objetivo mais amplo da ação cultural, ou seja, de dar início a um processo de criação e produção cultural fornecendo e colocando à disposição das comunidades os instrumentos e meios para a continuidade deste processo.

No entanto, uma análise mais rigorosa dos objetivos específicos de cada projeto, comparados aos resultados que consideramos ter alcançado, talvez nos revelasse que alguns não chegaram a ser atingidos e outros o foram apenas parcialmente. Vários fatores impediram o alcance total destes objetivos, como limitações de tempo, de recursos financeiros, até a vontade exagerada de se pretender realizar muita coisa sem uma reflexão mais profunda das condições concretas de operacionalização das ações. Isto nos ensina que devemos ter mais cuidado na elaboração de diagnósticos



que nos forneçam dados bem próximos do contexto em que iremos atuar de forma que possamos estabelecer objetivos viáveis e realísticos. Pois, apesar da flexibilidade de se reformular os objetivos, não podemos permitir que eles se afastem muito do proposto.

Em nossa avaliação pessoal, temos em mente que dos projetos que participamos, o da biblioteca popular de Aarão Reis foi o mais bem sucedido em termos dos resultados obtidos e continuidade da ação iniciada. Comparando com os outros projetos, isto nos leva a deduzir que a ação cultural é mais efetiva a longo prazo, quando a integração agentes/comunidades tem maiores chances de se consolidar, estimulando e favorecendo a realização das propostas elaboradas em conjunto. Além disso, a proximidade geográfica de Aarão Reis facilitou o acompanhamento da atuação da biblioteca popular através da assessoria do CENEX/EB e do contato permanente que mantemos via carro-biblioteca, que visita semanalmente o bairro.

No caso do Projeto do Carro-Biblioteca no Festival de Inverno da UFMG, apesar da receptividade das comunidades e o ótimo nível de relacionamento conseguido pelos agentes culturais bibliotecários, foi pequeno o retorno a respeito dos desdobramentos de nosso trabalho, pois o contato com os agentes multiplicadores foi se perdendo com o passar do tempo. Ainda assim, avaliamos como altamente positivo o interesse e o envolvimento das pessoas locais capazes de levar adiante as idéias da proposta, o que nos faz crer que deixamos pelo menos a semente da ação cultural.

O mesmo podemos dizer com relação ao Museu Fluvial, onde os objetivos do projeto foram estabelecidos dentro de uma visão a mais longo prazo e baseados numa perspectiva de trabalho permanente junto às populações ribeirinhas. Como já foi exposto, a idéia era continuar o trabalho por terra e retornar no vapor, para que este cumprisse seu papel de museu-processo, na função de identificar, preservar e comunicar o patrimônio cultural do Vale do São Francisco. Entretanto, o fato de se ter interrompido o projeto impossibilitou alcançar totalmente o que foi proposto, mas alguns contatos mantidos com as cidades durante algum tempo após a realização do trajeto, nos permite afirmar que os agentes locais se mostraram motivados e empenhados em dar prosseguimento ao trabalho.

Como se pode verificar, a ação cultural é um campo árduo, porém fértil e que exige sobretudo vocação, disponibilidade e dedicação dos agentes para que se chegue a resultados concretos e satisfatórios. Muitos são os fatores intervenientes com que se tem que lidar, alguns até insuperáveis, como as descontinuidades nas políticas governamentais. Apesar de tudo, não queremos desanimar os profissionais, mas ao contrário, incentivá-los a atuar nesta área, pois ainda há muito a explorar e desenvolver para que se atinja um verdadeiro conhecimento a respeito da ação cultural bibliotecária.

## 5 CONCLUSÕES

Do nosso ponto de vista o trabalho aqui apresentado, que se refere à descrição de três experiências vivenciadas no campo da ação cultural bibliotecária, reflete bem uma preocupação recente de nossos profissionais em repensar a sua prática tradicional e buscar novas possibilidades de atuação. Acreditamos ser muito saudável que os bibliotecários, depois de mais de meio século enclausurados dentro das bibliotecas servindo a apenas uma pequena parcela da população, voltem agora seus olhos para as classes menos privilegiadas da sociedade, há muito privadas de seus serviços. Isto demonstra que outras perspectivas se apontam para uma biblioteconomia comprometida também com as classes populares, em que o profissional assume uma nova postura diante da realidade que o cerca. No entanto, este não foi um caminho fácil de percorrer, e ainda há muito a pesquisar e aprender para uma total e completa renovação de nossas bibliotecas, de modo que possam cumprir seu papel social.

Consideramos nosso trabalho no campo da ação cultural como exploratório, não apenas pelas poucas experiências já realizadas efetivamente por bibliotecários, mas também porque desenvolveu-se muitas vezes intuitivamente, apesar de estruturados e elaborados como projetos. ~~Deste modo,~~ pode-se afirmar que foi um aprendizado conjunto, um verdadeiro processo de auto-educação do qual os agentes culturais bibliotecários e os grupos comunitários buscaram extrair o máximo de proveito, num desenrolar de idas e

vindas, acertos e erros, mas pautado sempre numa relação de democracia e participação. Na realidade, o trabalho transcorreu desta forma, mais por falta de informação prévia suficiente, pois como já foi comentado anteriormente, são poucas as informações a respeito de experiências já concretizadas na área da ação cultural bibliotecária. Neste sentido, queremos ressaltar que os relatos aqui apresentados são uma tentativa de se adquirir uma compreensão e uma percepção mais profundas da ação cultural enquanto prática alternativa para os bibliotecários. O que se tem observado na prática profissional é que a grande maioria das experiências tentadas é a de "animação cultural", e parece ter um caráter mais de promoções culturais da biblioteca do que de uma ação cultural libertadora, como aqui é entendida. Inclusive o termo "animação cultural" está caindo em desuso não apenas por desgaste, mas por sua própria ideologia, que se aproxima bastante da "fabricação" cultural ao invés da criação. Na ação cultural, a ação não parte do agente, ele é apenas a mola propulsora que dá início a um processo onde não existem etapas a cumprir nem um fim pré-determinado. O agente cultural bibliotecário deve tornar a biblioteca um local propício ao diálogo e ao exercício da produção e criação culturais. Somente assim a biblioteca cumprirá também sua função criativa e poderá alcançar a verdadeira democratização da cultura, reduzindo o fosso entre a chamada "cultura erudita" e "cultura popular". Para alcançar esta meta, o bibliotecário terá que modificar profundamente sua prática buscando meios alternativos de desenvolvimento das ações, assim como repensar os próprios objetivos e funções da biblioteca tradicional. Por isto, vale a pena reafirmar que a ação cultural

bibliotecária é uma opção política do profissional, e envolve questionamentos como: "a quem vamos servir?", trabalhar "a favor de quem?", "fazer o que?" "por que?" e "como?" *com quem?*

A partir da resolução e definição deste tipo de questões, o bibliotecário deve procurar refletir sobre o uso de métodos e técnicas já disponíveis na biblioteconomia e examinar aquelas mais adequadas para a ação cultural. Será numa constante busca que ele irá descobrir quais são as mais apropriadas, devendo exercitar sua criatividade para recriá-las e reiventá-las na medida em que as necessidades e circunstâncias o exigirem. Além das técnicas biblioteconômicas podem ser adotados vários outros instrumentos e linguagens que, se usados com propriedade poderão servir como suporte das manifestações culturais e canal de comunicação da produção intelectual e artística dos grupos.

Chamamos também a atenção dos bibliotecários para o exame constante da problemática da democratização da cultura e da informação, que é nos dias atuais a expressão mais enfatizada pelo profissional. Vive-se afirmando que o povo precisa ter acesso à cultura e à informação, e que o papel e a responsabilidade da biblioteca é facilitar este acesso. Em primeiro lugar é preciso analisar o que significa esta democratização e como torná-la possível, ao invés de afirmá-la irrefletidamente. Qualquer profissional consciente sabe que numa sociedade de classes, esta facilidade de acesso traz embutida em si questões de poder, e que a cultura e a informação são tratadas

como "concessão" e não direito de cidadania, como dádiva do governo à população. Portanto, todos estes problemas devem ser pensados à luz das políticas governamentais vigentes e suas prioridades, de modo a encontrar as brechas e as possíveis formas de atuar dentro destas estruturas, e não agir ingenuamente.

Para que possa realmente colocar a cultura e a informação ao alcance do maior número possível de pessoas, e consiga facilitar oportunidades de criação tanto para o indivíduo como para a coletividade, o bibliotecário precisa adquirir uma visão mais abrangente do processo cultural, seus componentes e suas relações. Além disso, por ser a ação cultural uma prática interdisciplinar, exige que o bibliotecário seja preparado profissionalmente para trabalhar com outras técnicas, a fim de que possa atuar com segurança na elaboração e desenvolvimento de projetos em conjunto com os membros das comunidades.

Finalizando este trabalho, esperamos ter conseguido ordenar e sistematizar os dados mais relevantes de nossa vivência em projetos de ação cultural bibliotecária, ressaltando os aspectos considerados mais importantes desta prática. Procuramos fazer uma síntese do grande número de informações obtidas, utilizando as características de descrição oferecidas pelo método do estudo de caso, e fornecer uma compreensão abrangente e totalizante do desenvolvimento de todo o processo. Nosso objetivo foi dar uma imagem fiel da ação cultural bibliotecária identificando os fatores que interferem nesta prática, assim como as interações entre estes fatores. Além disto, tivemos como meta explorar com

detalhes todas as facetas mais significativas dos casos apresentados, de forma que se possa ter uma visão da dinâmica interna do processo de ação cultural e mostrar suas interrelações. Procuramos, pois, transmitir com o máximo de clareza e fidelidade as percepções mais profundas que obtivemos na vivência da ação cultural, procuramos selecionar as informações pertinentes sobre nosso trabalho, de forma que venham a facilitar a análise de outras situações. Pela própria limitação do estudo de caso, não pretendemos aqui fazer generalizações para populações mais amplas, mas propiciar bases para futuros estudos na área. Nosso intuito é o de que este trabalho possibilite a formulação de hipóteses e estimule nossos profissionais a se adentrarem neste campo fértil e ainda inexplorado da biblioteconomia, empreendendo novas pesquisas e experimentos que venham a contribuir para uma reflexão ampliada da ação cultural bibliotecária.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01 - AMMAN, S.B. Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil. 3.ed. São Paulo, Cortez, 1982. 176p.
- 02 - ANDRADE, A.M.C. Biblioteca/Ação cultural e produção de materiais audiovisuais. Belo Horizonte, 1985. s.p. (Relatório de atividades, mimeogr.)
- 03 - ARANTES, A.A. O que é cultura popular. São Paulo, Brasiliense, 1981. 81p.
- 04 - BORDENAVE, J.E.D. O que é participação. 5.ed. São Paulo, Brasiliense, 1987. 84p.
- 05 - BORNHEIN, G. et alii. Cultura brasileira; tradição/contradição. Rio de Janeiro, Zahar, 1987. 152p.
- 06 - BRANDÃO, C.R. A educação como cultura. São Paulo, Brasiliense, 1985. 195p.
- 07 - --- org. Pesquisa participante. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1982. 211p.
- 08 - --- Saber e ensinar. 2.ed. Campinas, Papyrus, 1986. 187p.
- 09 - BRANT, V.C. Da resistência aos movimentos sociais; a emergência das classes populares em São Paulo. In: SINGER, P. & BRANT, V.C., org. São Paulo; o povo em movimento. 4.ed. Petrópolis, Vozes, 1983. cap. 1, p. 9-27
- 10 - CABRAL, A.M.R. Carro-biblioteca: possibilidades de ação cultural. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 5, Porto alegre, 1987. Anais. Porto Alegre, Biblioteca Central da UFRGS, 1987, v.1, p.553-59
- 11 - --- Informação utilitária e ação comunitária. In: ENCONTRO MINEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, 1, Belo Horizonte, 1986. 8p. (mimeogr.)
- 12 - --- Proposta de Oficina de Biblioteca para o projeto "Museu Fluvial do Rio São Francisco". Belo Horizonte, 1987. s.p. (mimeogr.)
- 13 - CABRAL, A.M.R.; ALVES, M.G.M.; SANCHES, R.M.S; BARBOSA, R.I.S. Biblioteca a vapor, a experiência do Vale do São Francisco. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, 17(1):162-71, mar. 1988.
- 14 - --- Projeto Museu Fluvial do Rio São Francisco; relatório da oficina de biblioteca. Belo Horizonte, 1987. s.p. (mimeogr.)



- 15 - CADEMARTORI, Lígia. O que é literatura infantil. São Paulo, Brasiliense, 1985. 89p.
- 16 - CAMARGO, Luiz O. Lima. O que é lazer. São Paulo, Brasiliense, 1986. 100p.
- 17 - CANCLINI, N.G. As culturas populares no capitalismo. São Paulo, Brasiliense, 1983. 149p.
- 18 - CENTRO POPULAR DE CULTURA, Belo Horizonte. O que é cultura popular. In: FAVERO, O., org. Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60. Rio de Janeiro, Graal, 1983. p. 83-89
- 19 - CENTRO SOCIAL FREI JOSÉ RENATO, Belo Horizonte. Ata de reunião dos grupos comunitários. Belo Horizonte, 1983. 8p. (mimeogr.)
- 20 - --. Pesquisa sobre escolarização na Região Norte. Belo Horizonte, 1986. 3p. (mimeogr.)
- 21 - CHAUI, M. S. Cultura e democracia; o discurso competente e outras falas. São Paulo, Moderna, 1980. 220p. (Coleção Contemporânea)
- 22 - COELHO NETO, J.T. O que é ação cultural. São Paulo, Brasiliense, 1988. 94p.
- 23 - ---. Usos da cultura; políticas de ação cultural. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986. 124p.
- 24 - CONFERÊNCIA INTERAMERICANA DE EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA, 3, Belo Horizonte, 1979. Documentos apresentados. Brasília, MEC, 1980. 116p.
- 25 - COSTA, B. Para analisar uma prática de educação popular. 4.ed. Petrópolis, Vozes, 1984. 69p. (Cadernos de educação popular, 1).
- 26 - COSTA, M.N.M. et alii. Biblioteca Pública como Centro de informação Utilitária; uma experiência no município de Santa Rita - PB. Relatório de Pesquisa - 1ª etapa. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, 13(2):179-195, set. 1984.
- 27 - DE CONTI, S. Informações para a comunidade estudantil de 1º e 2º graus na biblioteca pública. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, 7(2):242-62, set. 1978.
- 28 - DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER, Natal, RN. Cultura popular; tentativa de conceituação. In: FAVERO, O., org. Cultura popular e educação; memória dos anos 60. Rio de Janeiro, Graal, 1983. p.71-75.

- 29 - ENCONTRO POPUULAR DE CULTURA, 3, Belo Horizonte, 1988. O temário do III EPC/MG. Belo Horizonte, EPC/MG, 1988. 57p. (Cadernos Trem da História)
- 30 - FADUL, A. Políticas culturais e processo político brasileiro: ontem e hoje. In: ---. Sociedade, cultura e comunicação no Brasil (1978-1985). s.n.t. (texto não publicado)
- 31 - FEIJO, M.C. O que é política cultural. São Paulo, Brasiliense, 1983. 79p.
- 32 - FERNANDES, D. & OLIVEIRA, S. Reflexões sobre a experiência de um jornal popular na periferia de Campinas. In: MELO, J.M. Comunicação e classes subalternas. São Paulo, Cortex, 1980. p.57-75.
- 33 - FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. 6.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982. 149p.
- 34 - ---. Alfabetização de adultos e bibliotecas populares; uma introdução. In: ---. A importância do ato de ler. São Paulo, Cortex, 1983. p.25-41
- 35 - ---. Educação como prática da liberdade. 14.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983. 150p.
- 36 - ---. Educação e mudança. 3.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. 79p. (Educação e comunicação, 1).
- 37 - ---. Extensão ou comunicação? 2.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975. 93p.
- 38 - ---. Pedagogia do oprimido. 9.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. 218p.
- 39 - FLUSSER, V. A biblioteca como um instrumento de ação cultural. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, 12(2):145-169, set. 1983.
- ⇒ 40 - ---. O bibliotecário-animador; considerações sobre sua formação. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, 11(2):230-236, set. 1982.
- 41 - ---. Uma biblioteca verdadeiramente pública. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, 9(2):131-138, set. 1980.
- 42 - GARCIA, P.B. Educação popular; algumas reflexões em torno da questão do saber. In: BRANDÃO, C.R. org. A questão política da educação popular. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1980. p.88-121.

- 43 - GERALDI, J. W. Prática da leitura de textos na escola. In: \_\_\_ (Org.). O texto na sala de aula - leitura e produção. Campinas, UNICAMP, 1984. p.77-98.
- 44 - GOES, M. De pé no chão também se aprende a ler ; 1961-1964 - uma escola democrática. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980. 209p.
- 45 - GOHN, M.G.M. A força da periferia. Petrópolis, Vozes, 1985. 187p.
- 46 - GREENWOOD, Ernest. Metodología de la investigación social. Buenos Aires, Paidós, 1973. 128p.
- 47 - ITINERANTE, inovador, voltado para a produção. Alternativa, Belo Horizonte, (32):3, jul. 1986.
- 48 - JARA, H.D. Educación popular: la dimensión educativa de la acción política - reflexiones acerca de la educación popular en el contexto de la Revolución Popular Sandinista. Educación e Sociedade, São Paulo, 4(10):5-27, set. 1981.
- 49 - LEENDERS, U.R. & ERSKINE, J.E. Pesquisa de casos: o processo de elaboração de casos. Trad. adapt. M.R. Vieira. Belo Horizonte, Central Regional de Casos de Minas Gerais, s.d. 209p.
- 50 - LIMA, E. Biblioteca em programas de alfabetização e educação de adultos. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte 11(2):133-145, set. 1982.
- 51 - MEB/cultura popular: notas para estudo. In: FAVERO, O. org. Cultura popular e educação popular. Rio de Janeiro, Graal, 1983. p.77-81
- 52 - MELO, J.M. A comunicação na pedagogia de Paulo Freire. Comunicação e sociedade, São Paulo, 1(3):92-113, jul. 1980.
- 53 - MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Cultura. Superintendência de Museus. Projeto Museu Fluvial do rio São Francisco. Barca Benjamin Guimarães; período 06-19 de dezembro de 1986. Belo Horizonte, 1986. 8p. (mimeogr.)
- 54 - \_\_\_ Projeto Museu Fluvial do Rio São Francisco - Minas Gerais. Belo Horizonte, s.d., 34p. (mimeogr.)
- 55 - \_\_\_ Relatório Museu Fluvial do Rio São Francisco, Ano I. Roteiro I. Belo Horizonte, s.n.t. (mimeogr.)
- 56 - \_\_\_ II Trajeto do Projeto Museu Fluvial do Rio São Francisco; memória descritiva do Roteiro de Viagem. Belo Horizonte, 1987. p. 92-111 (mimeogr.)

- 57 - II Trajeto do Projeto Museu Fluvial do Rio São Francisco; relatório. Belo Horizonte, 1987. 12p. (mimeogr.)
- 58 - MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral. Superintendência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Os complexos diferenciados de campo da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Belo Horizonte, 1982. p.67-69.
- 59 - MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral. Superintendência de Desenvolvimento Regional Metropolitano - PLAMBEL. Diretrizes de Estruturação Urbana da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Belo Horizonte, 1982. p.159.
- 60 - A NOSSA VOZ, Belo Horizonte, nº 1, maio 1986.
- 61 - A NOSSA VOZ, Belo Horizonte, nº 2, jul. 1986.
- 62 - A NOSSA VOZ, Belo Horizonte, nº 3, set. 1986.
- 63 - ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1986. 148p.
- 64 - PAIVA, V.P. Estado e educação popular; recolocando o problema. In: BRANDÃO, C.R. org. A questão política da educação popular. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1980. p.79-87.
- 65 - PIRAPORA. Prefeitura Municipal. Benjamin Guimarães; Para onde vai esse vapor...? Testemunhos, histórias e estórias de vapores. s.n.t. (Folheto)
- 66 - RABELLO, O.C.P. Da biblioteca pública à biblioteca popular. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, 16(1):19-42, mar. 1987.
- 67 - REIS, A.S. et alii. Considerações teóricas sobre educação popular e biblioteca popular. Belo Horizonte, UFMG, 1985. 60p.
- 68 - SALVADOR, A.D. Cultura e educação brasileira. 3.ed. Petrópolis, Vozes, 1974. 257p.
- 69 - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Escola de Biblioteconomia. Curso de Pós-graduação. Projeto bibliotecas/ação cultural e produção de materiais audiovisuais. Belo Horizonte, 1983. 11p. (mimeogr.)
- 70 - VIEIRA, A. S. Repensando a biblioteconomia. Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 12(2):81-85, jul./dez. 1983.

- 71 - WANDERLEY, E.W. Educação popular e processo de democratização. In: BRANDÃO, C.R., org. A questão política da educação popular 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1980. p.62-78.
- 72 - WERTHEIN, J. org. Educação de adultos na América Latina. Campinas, Papirus, 1985. 224p.

Decisão: Secretaria Pós-graduação da EB/UFMG

Em: 17/03/92

Proc: CB 17300.00